



Sheila
Ana
Calgáro

vidas
separadas
pelelo

mar

Editora
MariadoCais



Volnei José Morastoni
Prefeito de Itajaí

Eliane Neves Rebello Adriano
Vice-Prefeita

José Roberto Severino
Superintendente da
Fundação Genésio Miranda Lins

José Isaías Venera
Coordenador da Editora Maria do Cais

C15v Calgaro, Sheila Ana
Vidas separadas pelo mar / Sheila Ana Calgaro. - - Itajaí : Ed. Maria do
Cais , 2008.
247p. : il.

1. Itajaí (SC) – História - memória da pesca
 2. Itajaí (SC) - Pesca - Livro-reportagem
- I. Título

CDD: SC 1981.642
CDU: 94(816.4)

Ficha catalográfica: Vera Lúcia de Nóbrega Pecego Estork - CRB-14/321
Bibliotecária da Fundação Genésio Miranda Lins

Todas as fotos referentes aos capítulos sobre histórias de vidas são de autoria do jornalista Elton de Souza. As fotografias em alto-mar foram tiradas pela autora do livro.

Revisão: Rubia Cristina dos Santos
Capa e diagramação: José Isaías Venera
Colaboração: André Pinheiro

Vidas separadas pelo mar



Sheila Ana Calgaro

1ª edição
Itajaí

Editora
MariadoCais

PATROCÍNIO



PREFEITURA DE ITAJAÍ



APOIO



AGRADECIMENTOS

A toda minha família, pelo apoio e amor.

Ao jornalista Sandro Galarça, professor-orientador do Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, que deu origem a este livro, por ter sido grande amigo e conselheiro durante toda a faculdade e principalmente na reta final.

A todos os personagens desta obra, que confiaram em mim e revelaram suas memórias, para que eu pudesse transformá-las em palavras.

Agradecimentos especiais: José Bento Rosa da Silva; Lina Léa; Luciene Cruz; Maria Lúcia Teixeira (Kika); Roberto Wahrlich; Rubia Cristina dos Santos; Elton de Souza, pela amizade e por seu talento em fotografar; Eunice Maito e o incentivo para tornar-me jornalista; Rogério Christofolletti e aos professores do curso de Jornalismo da Univali; Tenente José Marcos Kascharowski e Capitania dos Portos de Itajaí; Rosângela Maria Rabito e Rádio Costeira de Navegantes; Aluísio Vieira, Jairo da Veiga e a todos os que trabalham no Sindicato dos Trabalhadores nas Empresas de Pesca de Santa Catarina; Indústria e Comércio de Pescados Kowalsky Ltda e aos pescadores do barco *Monkfish*; André Pinheiro, José Isaías Venera, José Roberto Severino e aos amigos da Editora Maria do Cais e do Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí; aos meus amigos dos tempos de escola e universidade, que sempre estiveram presentes em momentos importantes da minha vida.

SUMÁRIO

Prefácio	9
Apresentação	13
1. Àqueles que foram	19
2. Virgínia	23
3. Zilda	35
4. Diga adeus!	47
5. Dona Lica	55
6. Últimos sinais de terra	63
7. Curió	69
8. Maria do Cais	81
9. À espera	93
10. Luiz Carlos	99
11. Déjà Vu	109
12. Pinta Preta	115
13. Tique-taque	135
14. Dona Abércia	139
15. Negrume	149
16. Salma Benta	153
17. Ricardo (Parte I)	165
18. Só	177
19. Ricardo (Parte II)	181
20. Bernardete	197
21. Cativo	209
22. Toureiro	215
23. Cedó demais	223
24. Bom	227
25. Saudades	237
Fontes	241

PREFÁCIO

Sempre acreditei que a tarefa do jornalista era muito mais do que simplesmente registrar a história que passa. Fazer jornalismo, numa perspectiva mais ampla, pode ser comparado ao trabalho de um tecelão artesanal: na medida em que tece os fios já vislumbra o tape-te finalizado, o acabamento, as cores, a ornamentação e o arremate. Uma vez entrelaçados, não são mais fios, são arte. O som da velha roca se faz música, movimento ordenado e obediente, ritmado, contínuo, completo e único.

É o ritmo do movimento da sociedade que inspira o jornalista a correr atrás de boas histórias. Uma vez encontradas, o desafio é moldá-las, recriá-las e ressignificá-las. Mas, como aproximar o leitor de histórias tão comuns, tão difíceis de contar em algumas poucas linhas?

A alternativa encontrada pelos jornalistas contemporâneos tem sido, com efeito, a profundidade do livro-reportagem. Nele, as palavras se fazem fios, os textos se fazem tecido. No silêncio de cada voz, na agitação de cada onda, na constância das marolas é que **Vidas separadas pelo mar** ganha, literalmente, movimento. Se o leitor estiver atento pode ouvir, no folhear das páginas, a cantoria solitária das mães, a respiração ofegante das esposas, o lamento de quem perdeu um amigo, o sorriso descompassado de um filho que vê o pai descer em terra.

Para isso, as histórias que encontramos aqui – e que belas histórias! – abrem mão de toda objetividade jornalística para encontrar, na narrativa literária, um jeito mais carinhoso de falar, uma maneira mais macia de dizer as mesmas palavras. Descrição, narração, interpretação, análise e informação misturam-se a cada momento, mesclam rotinas e poesia e imprimem com personalidade a marca de um jornalismo em transformação. Mais do que registrar a realidade, é preciso vivê-la, senti-la e modificá-la. Aqui, jornalismo não é registro, é reconstrução. No poder da nova fição, surge uma linhagem original, uma tecelagem responsável, ética e comprometida com os personagens que dão vida ao livro.

De que servem nossos textos se não nos emocionamos mais com eles? Pra quem escrevemos se não conseguimos nos identificar com cada nova história? O que fazemos com tudo o que produzimos na Academia, berço secular do aprendizado, que hoje chamamos de Universidade? Que tipo de cultura produzimos, se somos incapazes de socializar o conhecimento, se damos privilégios a uma elite despreocupada com as causas sociais? Que tipo de contribuição verdadeira deixamos para quem nos oferece suas histórias?

Assim, **Vidas separadas pelo mar** representa muito mais do que o resultado de uma ampla pesquisa, de horas de entrevistas, acrescidas de uma inigualável experiência de cinco dias no mar. O livro busca aproximar os lados envolvidos no processo, tal como um certo Bento Santiago, que escreve para atar as duas pontas da vida. Na medida em que escreve, a autora se faz sujeito, modifica sua realidade e interfere verticalmente no meio que narra. Uma vez envolvida no projeto, não

há como voltar atrás; tal como o tecelão que entrelaça os fios e não pode mais desfazer o que foi feito, a única saída parece ser viver intensamente todas as vidas que foram modificadas com sua escrita.

Mesmo no texto mais denso, vemos poesia. Nas entrelinhas, lemos espaços sinestésicos; nas frases justapostas, encadeamos rimas que não existem. E como no ritmo eterno da velha roca, sempre se pode ouvir uma canção a embalar os filhos que se perdem no mar, enquanto, em terra, outras vidas teimam serenamente em duvidar do seu destino.

Sandro Galarça
*Jornalista e professor da
Universidade do Vale do Itajaí*

Apresentação

História e memória compõem um binômio nem sempre conciliável. A história, com seus métodos e sua força de disciplina, nem sempre leva em conta os detalhes das vidas e dos aspectos minuciosos do cotidiano. Escrever uma história que valorize o cotidiano passa por ouvir e lidar com a memória de cada um, entrecruzada com os lugares de memória e experiências partilhadas no tecido social.

Histórias de vidas são o que há de mais importante, tanto para quem as vive quanto para a cidade que não existiria sem as experiências que delineiam a cultura. E este livro apresenta histórias marcadas, inscritas, afetadas e separadas por experiências ligadas ao mar.

Quem ler o livro perceberá que a autora Sheila se deixa ouvir. Ela construiu um livro-reportagem ouvindo pescadores e familiares. Ela se permitiu ouvir o canto do mar, o barulho no lançar das redes, o grito dos pescadores e o som triste de entes queridos separados pelo oceano. E saber ouvir não é simplesmente interpretar o que o outro tem a dizer. É muito mais. É deixar o outro contar sua história sem antecipar uma interpretação e fazer julgamentos. É, ainda, colocar-se no lugar do outro para que o próprio texto a ser construído tenha pedacinhos de cada um dos entrevistados.

A autora, com seu semblante suave e brilho no olhar - comum a quem está sempre ávida para aprender e ajudar -, foi para o alto-mar numa embarcação observar o trabalho de dez pescadores. Lá, Sheila pode sentir como é sair da caverna onde se mora. Como é importante vivenciar um pouco da experiência do outro para poder falar desse outro. E, ao dizer que fugiu das luzes cegas, das notícias e da televisão, ela se lançou para a luz da vida, que proporciona um saber a partir da própria experiência. Estar longe de notícias e do mundo espetacularizado pela televisão e, também, da grande maioria de pessoas que pautam seus diálogos pela "luz cega", é se permitir sentir solidão, como escreve a própria autora. Solidão, hoje, tem um sentido negativo. Parece que as pessoas têm medo de sair dos holofotes; medo de ficar a sós consigo mesmas. A impressão é que o tempo fora do consumo é triste porque nos leva, sem que tenhamos controle, a pensar em nós mesmos.

Na carta que escreveu aos Gálatas, Paulo diz que a fé "é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que não se vêem". É assim que a personagem Virgínia consegue suportar a dor de passar dias e mais dias separada de seu marido, pelo mar. Assim como Virgínia, que encontrou na crença o significativo para suportar a ausência de seu marido, muitas outras histórias são contadas. Nessas, uma grande literatura se delineia, dando-nos a impressão de que as narrativas de Homero - como a de Ulysses, que passou 20 anos em perigosas viagens pelos mares da antiguidade e sua amada, Pe-

nélope, a despeito de muitos, manteve firme sua esperança (fé) de voltar a encontrá-lo - são histórias vividas ainda hoje.

Os depoimentos são histórias de Itajaí. Dessa forma, este livro dá voz às memórias da trama social de uma cidade que tem fortes laços com o mar e com a pesca. É mais uma obra que a Editora Maria do Cais publica e que amplia o leque de narrativas sobre o passado de pessoas que vivem ou viveram na cidade. Neste município onde boa parte das experiências foi construída a partir do mar e do rio, desde sua origem, quando foi canal aberto para os imigrantes europeus.

De alguma forma, fica o sentimento de que essas histórias são, também, metáforas para entender um pouco do drama humano vivido com a enchente neste final de 2008. Uma catástrofe conhecida na longa duração do território, bem antes de sua ocupação. Mas é como um eterno retorno com novas personagens, que tempos em tempos ela reaparece. Como um antigo roteiro à espera, sempre, de uma nova produção.

Duas décadas depois da emancipação de Itajaí, que foi em 1860, há registros de enchentes. Agora, mais de um século se passou e novamente o município se transforma num grande rio, a exemplo das enchentes de 1983 e 1984, além de outra no início do século 20. Assim, a edição deste livro é finalizada neste momento dramático, mas também de reconstrução da cidade. Novamente somos lembrados da força das águas e dos ventos, da ação implacável das marés, da finitude das coisas humanas. É, talvez, o

preço de se viver tão perto e tão dentro do rio e do mar. Daí, também, surge a nossa capacidade de reconstruir e a potência da solidariedade.

Nas histórias de diversas personagens, a cultura da solidão, da tristeza e da esperança que dá sentido a vidas separadas pelo mar. Separadas por águas. Personagens solitárias. Esperançosas. Portadoras de fé.

José Roberto Severino
Doutor em História e
Superintendente da Fundação
Genésio Miranda Lins

José Isaías Venera
Jornalista

A todos com histórias para contar

1. ÀQUELES QUE FORAM

"Nas ondas verdes do mar,
meu bem
Ele se foi afogar
Fez sua cama de noivo
No colo de Iemanjá."
*(Doce morrer no mar -
Dorival Caymmi)*

Batuque, pés, palmas, passos, batuque. E batucam, e dançam, e giram, e cantam, e gritam. Som seco do atabaque. Vozes graves e agudas, desafinadas. Areia nos pés. Velas acendem o ritmo. Flores ao redor. Vestem branco, todos eles. Quem revelam? São muitos, nos mesmos. Negros, pardos, brancos, mulatos, velhos, crianças, jovens. Que pulam, gritam, clamam, rezam.

Pára, silêncio. Lá vem ela. Ela que dança, que canta, que sofre. Lágrimas. Derretem-se no rio. Caminham às águas salgadas. Ô, Iemanjá!, cantam eles. Filha de Olukum, rainha do mar. E as saias ventam e rodam. Das mulheres que esperam, que choram, que amam. São Marias, Claras, Anas: Iemanjá. Sentem a tristeza dos filhos que foram. O caminho salgado da lágrima no rosto. Gosto de maresia.

Atira-se ao chão. De joelhos. Olha ao alto, piedade! As pupilas refletem o brilho. Da luz da lua cheia, solitária. Luz que alumia o mar. Cercada de fogo. Flameja com as velas. Revela estrelas tímidas. Envivece o

reflexo na água. Ali, rosas navegam. Flores brancas e amarelas. A dançar com as ondas, em harmonia. É seu dia, Rainha!

Guie meu caminho, Protetora dos Navegantes! Pois seguirei suas ondas incertas. Sem saber quando voltar. Irei invadir sua moradia. Sem a segurança que a sustenta. Com pessoas que desconheço. Homens ainda sem rostos, nem cheiros. Com vozes mudas. Mas com histórias ocultas. Eles que sentem o sol quente. Dormem sem suas mulheres. Onde ficaram os filhos? Ah, ficaram por lá. Eles que trazem a riqueza do oceano. Trabalhadores do Mar.

Vou com eles. Para onde? Lá para o sul do nosso litoral. Quando volta? Sei não. Para que fazer isso, menina? És louca? Quem sabe, uma curiosidade incontida. Vai não, quer marear com aquelas ondas? Será apenas você, única mulher. Dez pescadores. Não tem medo? Vixe, Maria! Pois irei rezar por ti! E que lemanjá guie esse caminho! Sentirá como é viver lá fora. Como é ver apenas céu e mar. Como são as saudades. Como sentir a solidão. Da sua moradia, Rainha.

Fujo da terra firme, do som da cidade. Fujo das luzes cegas. Das notícias, da televisão, do computador. Rendo-me ao solitário. Àquele mundo pequeno, restrito de gente. Pouco em espaço. Só ouvirei ruído de vento, som de mar. Vou para sentir meus pés sem chão. Para viver outra vida. Aquela dos grandes navegadores. De tesouros e piratas. De sereias e lendas. Das extraordinárias histórias de pescadores.

Atrás de mim, eles ainda estão. Areia sai dos pés. Daqueles que ali batucam, que dançam, que cantam, que giram. No mesmo ritmo. Na dança, todos são Ogum, são Yansã, são Xangô. É hora de partir, Senhora dos

Mares. Volte às ondas. Alimente o mar com suas lágrimas. E proteja aqueles que aí também se vão.

Que amanhã seguirei este caminho, Iemanjá.



2. VIRGÍNIA

“Quando ele tá no portão, eu falo: vá
com Deus, com Nossa Senhora!
E acabo chorando. Sempre é triste.
E quando toca o telefone, que eu acho
que é ele, o coração já acelera.
Aquele alegria de pensar que ele pode
voltar pra casa.”
(*Virgínia Lane da Cruz Silva Cardoso*)

O peso da bota submersa puxa-o ainda mais para o fundo do oceano. Apenas a cabeça se mantém fora do mar, com o pouco ar que o conserva vivo. O sal queima os lábios cerrados, evitando engolir mais água. O bote havia virado; e ele, agarrado ao fundo da pequena embarcação, tornava aquele espaço ainda mais claustrofóbico. Está no meio do oceano, mas as condições de liberdade são mínimas. Iria morrer, sabia muito bem. Sente apenas as ondas baterem com força na madeira e levá-lo para mais longe do barco. Deveria ter pulado, quando a primeira marola atingiu o bote: se tivesse seguido o caiqueiro, que comandava a pequena embarcação, não estaria naquelas condições.

Ventava forte e a segurança para quem encarava a bateira, como ele, reduzia-se a zero em relação aos tripulantes que permaneciam no *Mitanos VI*. Mas a sardinha estava ali, na safra boa, e era preciso produzir. Fábio e Lindomar conduziam o bote e, junto à embarcação principal, cercavam o cardume. A primeira onda apenas ameaçou a bateira, mas foi o suficiente para

Lindomar pular por cima da rede. A cena foi até engraçada: o companheiro de barco misturou-se à sardinha que continuava a saltitar. Mas não houve tanto tempo para risos. Uma segunda marola veio mais forte, insistindo em condenar a vida daqueles pescadores ao oceano.

A exaustão ameaçava ainda mais a sobrevivência. Era muito novo para morrer. Havia se casado há pouco mais de dois meses, não poderia deixar sua esposa viúva, aos 19 anos. Precisava honrar a tradição da família: todos os homens eram pescadores, mas ninguém deixara ao mar a opção da morte.

Virgínia acorda ofegante à noite. Impossível dormir: vira para um lado, tenta outra posição, mas o sono não toma seu corpo, cansado pelo dia inteiro de espera. Estranho. Um aperto no peito sufoca as idéias — alguma coisa com Fábio, só podia ser. Mantém os olhos abertos, tentando procurar algum feixe de luz no quarto escuro. Olha para a janela: nenhum sinal de chuva, nem vento. Como estaria seu marido, em alto-mar? Não tinha notícias há dias, e aquela primeira viagem parecia interminável.

A dor no peito insiste em sufocá-la. Minha Nossa Senhora, como está o meu Fábio?, Ave Maria, cheia de graça, o senhor é convosco...

— ... bendito sois vós entre as mulheres, e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus! Minha Nossa Senhora, me dá coragem pra sair daqui! — reza o pescador, que ainda desafia os ventos fortes do Sul e a persistência das ondas a chamá-lo.

A água invadindo sua garganta não deixa a voz gritar; os braços perdem a força que o sustenta embaixo

da bateira. Nossa Senhora dos Navegantes, me salva!, sussurra, em pensamento. O pé esquerdo pressiona o calcanhar direito, na tentativa de retirar a bota de borracha, antes essencial para assegurar firmeza e segurança no barco, mas que agora poderia levá-lo ao fundo.

Enquanto Lindomar é puxado junto com a rede para dentro da embarcação; os outros tripulantes continuam a dar passos nervosos pelo convés, olhar para todos os lados à procura de algum movimento em meio àquelas ondas, ou gritar o nome de Fábio, repetidas vezes, na esperança de ouvir uma resposta.

— Tais vendo alguma coisa? — pergunta Jorge, no convés do Mitanos VI.

Mário ouve o questionamento em silêncio, cabisbaixo, já dizendo adeus ao amigo. O mestre de barco sabia que o mar garantia sustento a todos aqueles trabalhadores; mas ali também poderiam deixar suas vidas.

No meio do oceano, Fábio revolta-se com a despedida prematura. Uma revolta que gradativamente lhe toma conta e faz surgir uma força milagrosa durante as rezas, os ventos e as marolas. Com um único impulso, consegue desemborcar a bateira, e seus braços ganham novamente o desejo de sair daquela correnteza que o distanciava da embarcação. Misturado ao uivo do vento e ao som do motor, sente a vibração dos tripulantes do barco que, por alguns minutos, já haviam enterrado as expectativas de encontrá-lo vivo.

Virgínia mal dormiu naquela noite. Do quarto, ouve a sogra arrumando o café da manhã. O jeito era levantar-se e tentar um diálogo com a família de seu marido. Ainda se sentia uma estranha na casa: o namoro havia durado

apenas três meses, mas já estava casada e morando com desconhecidos. Que loucura havia feito, meu Deus!, ela que jurava nunca se casar com um pescador!

Pescador tem mulher em cada porto. Eu é que não quero ficar trancada em casa esperando por ele, não!, dizia, com veemência, quando era adolescente. Como o destino fora irônico: agora, estava ali, casada com um pescador, sofrendo as saudades e distante do aconchego da família.

A casa apresenta apenas uma janela e uma porta. A chaminé solta uma fumaça marrom, alcançando as nuvens com formato de algodão. Da árvore, repleta de maçãs maduras, desprende-se uma folha que se une ao vento. O sol, orgulhoso e exibido, mostra um sorriso vermelho, abaixo dos olhos arregalados. E ela, corpo formado por cinco linhas retas e uma circunferência, está de mãos dadas com seu pai, de mesmo formato, apenas um pouco mais alto e usando um chapéu de riscos irregulares. Só falta o coração que os envolveria e... Pronto! Terminara o desenho.

— Mãe, acabei primeiro que o Marcos! — diz a menina de apenas oito anos, enquanto observa o olhar enciumado do irmão.

— Que lindo, Virgínia! O papai vai adorar a pintura! — responde, guardando-a na gaveta da cozinha com mais outros papéis coloridos.

Enquanto isso, o irmão e a caçula Maria Zilda apressam-se para acabar seus desenhos e guardar os lápis de cor espalhados pela mesa. O pai já estava fora há quase um mês e as casas, bonecos, flores e sóis se acumulavam a cada dia. Cada vez que ele retornava

era aquela festa: todos agarrados ao seu pescoço, dando pulos de alegria, berrando e berrando, enquanto a mãe disputava lugar com os filhos para rever o marido.

— Eles têm alguns presentinhos para você, Alúcio!
— dizia Solange, enquanto organizava as crianças em fila na hora de entregar os desenhos.

Abre a porta do quarto, de onde consegue sentir o cheiro de café coado. A toalha bordada com flores está posta; a geléia, o queijo e a margarina já foram colocados cuidadosamente ao redor das fatias de pão.

Enquanto toma café com a sogra e a cunhada, lembra-se da noite anterior. Não teve nenhum pesadelo, mas um pressentimento estranho, que parecia tomar-lhe todo o corpo, prendê-la a uma preocupação sem sentido. Ao mastigar o segundo pedaço de pão, pensa em contar para dona Zenita sobre a angústia daquela madrugada. Ah, ela é mãe, pode ficar preocupada. Ou até achar que estou reclamando demais.

Permanece calada, tentando afastar-se daqueles pensamentos. Mas entre os ruídos da colher que mexe o café quente e o movimento da mastigação serena de sua cunhada, o telefone ansioso interrompe a aparente tranqüilidade.

— Quase ficaste viúva ontem, meu amor! — diz a voz, do outro lado da linha.

— Como? — pergunta Virgínia, enquanto tenta se apoiar na mesa para não deixar que uma breve tontura atrapalhe a conversa.

— Caí do bote com uma marola forte... Mas, não sei como, de repente, pensei em Nossa Senhora e ela deu forças para me salvar.

— Meu Deus! Tá ferido? Machucou alguma coisa?

Não adiantava o marido detalhar o acidente e afirmar que nada grave havia acontecido. Era preciso vê-lo, senti-lo. No entanto, a espera seria, mais uma vez, sua inimiga; e a volta ostentaria a incerteza.

Minha Nossa Senhora não deixou que eu morresse no mar. Nossa Senhora dos Navegantes salvou meu filho de um naufrágio. A santa mãe trouxe meu marido no dia em que nossa primeira filha nasceu. Ela abençoou a viagem, levamos um montão de peixe pra casa!

Muitas e muitas histórias pronunciadas durante as preces de agradecimento àquela Iemanjá católica se misturavam no dia da festa. Algumas pessoas choravam, outras se sustentavam de joelhos no asfalto quente e havia aquelas que vibravam na orla do rio Itajaí-Açu, ao assistirem ao passeio de barcos, bateiras e baleeiras.

Virgínia tornou-se devota de Nossa Senhora dos Navegantes após o casamento, quando deixou Itajaí para morar “do outro lado do rio”, lá na cidade que ganhou o mesmo nome da santa dos pescadores. Acompanha toda a celebração: desde os encontros para orações, que acontecem pouco mais de uma semana antes da festa, até o dia 2 de fevereiro, na grande cerimônia e procissão dos barcos.

Veste sua roupa mais discreta e vai até a igreja para começar a novena. A cada pedrinha que compõe o terço, pede proteção àqueles trabalhadores do mar e, principalmente, reza pela segurança do seu Fábio. Quase todos que estão ali pertencem a famílias de pescadores: mães, filhos e esposas se aglomeram para orar à protetora dos navegantes.

Mas o que mais emociona é o dia da procissão. Os fogos de artifício, o colorido das bandeiras que enfeitam os barcos, aqueles homens vestidos de marinheiros, crianças com asas e auréolas se misturam à multidão, a esperar Nossa Senhora. A crença na Mãe da Água reúne centenas de fiéis que oferecem seus ex-votos, compostos por remos, fitas ou velas de embarcações, para receber uma graça ou agradecer por tê-la alcançado.

Os barcos terminam a travessia pelo rio Itajaí-Açu ao chegar à Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes. Mesmo com o sol forte e o calor abafado, ninguém se permite abandonar aquele ritual, provavelmente trazido por portugueses e espanhóis e que, desde 1896, integra oficialmente o calendário da cidade.

Mas, esta devoção à Santa é bem mais antiga: dizem que veio lá da Idade Média, nos tempos das Cruzadas, quando os navegadores utilizavam o Mar Mediterrâneo para chegar à Palestina. A invocação de Maria, a “Estrela do Mar”, era uma forma de se protegerem dos ventos e das ondas fortes. Agora, como tantas outras pessoas que agradeciam os milagres alcançados, Virgínia repete esse mesmo gesto de evocação, para garantir a volta do marido.

A casa ainda está vazia: apenas o jogo de quarto compõe aquele local que se tornara seu lar. Os outros móveis viriam aos poucos, com a ajuda da família. O cenário parece abandonado e deixa a solidão ainda mais palpável. O som de cada passo multiplica-se entre as paredes. Virgínia já havia se acostumado a morar durante dois anos com a família de Fábio, mas precisava ter

um espaço só para eles. Ou melhor, para ela. Desde que o conheceu, sua vida fora dividida entre partidas e reencontros.

Se contasse todos os dias que ficaram juntos, em um ano, não conseguiria fechar um mês inteiro. Na época de Natal, Fábio permanecia em terra durante seis, sete dias. Mas não agüentava por muito tempo: como um feitiço, as ondas lhe puxavam à outra jornada e ele voltava, já com saudades, para a paisagem solitária de céu e mar.

O portão é o último ponto para a despedida. Já foram tantos os adeuses, mas Virgínia nunca consegue esconder a tristeza. Vá com Nossa Senhora!, repete ela, entre lágrimas e soluços. Billie e Nino acompanham o ritual, parados, ao lado de seus donos, esperando que abram aquela grade para, mais uma vez, tentarem fugir.

O vira-lata e o *pinscher*, que ganhara há pouco mais de sete anos, eram fiéis companheiros. Passava o tempo brincando com os cães, ouvindo seus latidos, limpando a casa, pintando panos de prato ou confeccionando alguma bijuteria. Tudo sem tirar a atenção do telefone: cada toque poderia ser uma notícia de seu marido.

Quando os barulhos do dia silenciam completamente, a solidão volta a se transformar em única companhia. As noites, logo após a despedida, parecem não ter fim: assiste ao noticiário, distraída, enquanto lembra os últimos momentos que passaram juntos, os olhos verdes a lhe fitarem, o até mais! no portão de casa.

Desde que se casara, havia trancado a faculdade de Ciências Sociais e abandonado o emprego como telefonista em uma empresa de pesca. Imagina? Mulher

de pescador trabalhando em um lugar cheio de homens? Ou chegar a casa às 11 da noite, depois da faculdade. Isso tudo era impensável: o que os vizinhos iriam falar? Que se tornara mulher da vida, com certeza!

Pior se a vissem conversando com algum estranho.

— Virgínia, quem era aquele desconhecido que te parou ontem? — pergunta a vizinha.

— Não sei. Só me pediu informação...

— Pois saiba que mulher casada, que respeita o marido, não deve dar ouvidos a outros homens.

E assim estava pronta a fofoca! O controle era tão intenso, que Virgínia naturalmente absorvera algumas regras morais impostas por aqueles moradores. Não segue à risca todos os “mandamentos da boa conduta”, mas pretende evitar comentários e não prejudicar o seu casamento.

— ... a crise imobiliária nos Estados Unidos consumiu o equivalente a quase dois terços da economia brasileira, revelou o Fundo Monetário Internacional, o FMI. As perdas somam 945 bilhões de dólares. Na avaliação do Fundo, a crise nos Estados Unidos é a maior desde a quebra no sistema bancário do Japão que, em 1991, consumiu 250 bilhões. Resta agora saber como esta crise vai atingir ainda mais o mercado brasileiro e mundial...

Virgínia assiste, desatenta, às notícias da televisão. Ah, já tô cansada disso: crise não-sei-onde, grampos telefônicos, mensalão que não acaba mais, Operação Moeda Verde e outros blablablás! Enquanto as informações desconexas invadem seus ouvidos, consegue finalizar a corrente de miçangas que havia inventado

durante o telejornal. A tarde seria longa, mas não tinha vontade de continuar suas bijuterias.

Ficar em casa que não fico!, pensa, enquanto abre o guarda-roupa. Entre as poucas camisas e bermudas que o marido deixara em terra, procura uma blusa bem discreta e uma calça *jeans*, escondendo o corpo moreno de apenas 26 anos. Amarra o cabelo de fios negros, revelando ainda mais a pele lisa, sem manchas nem marcas. Os olhos escuros ganham um discreto contorno com lápis preto. A boca de lábios bem delineados exibe apenas um tom levemente rosado. Nada de batom muito forte, decote ou perna de fora que possam chamar a atenção. Não queria caminhar no bairro São João Batista e ser observada pelos olhares minuciosos das vizinhas.

Prefere mesmo olhar para baixo e ver o pó, que se desprende da rua, movimentar-se com seu caminhar lento. Pressa? Ela mal conhece esta palavra: cada minuto do longo dia parece maior, quando a espera se torna o único sentido de sua rotina. Aquele bairro também deixa a expectativa ainda mais angustiante: a maioria das casas é habitada por famílias de pescadores, por mulheres que preferem se esconder, fingindo estar totalmente ocupadas com os afazeres domésticos, ou que escolhem a varanda para observar a pouca movimentação do local.

Raros são os pedestres e carros que procuram o local como trajetória. O silêncio do lugar acompanha a solidão daquelas casas e aumenta ainda mais a tristeza que consome Virgínia. Precisa encontrar alguém para conversar, visitar as amigas, a família, sair de Navegantes.

O *ferry-boat* é o caminho que a afasta daquele estado de abandono. Movimentada por trabalhadores com

suas bicicletas, pedestres, automóveis e barulho de motor, a máquina que flutua de um lado a outro, consegue aproximá-la cada vez mais de Itajaí. Lá onde é possível sentir o cheiro da infância, as saudades da universidade, o conforto da família. É na casa da vó Zilda que ainda reanima seus desejos com os dizeres daquela experiente conselheira.

— Minha filha, isso tá errado! Você deve ter a sua liberdade, assim como ele tem. Ele vai pra fora, ele chega a outros portos. Você não pode ficar trancada! — recomenda Zilda que, há mais de 50 anos, também enfrentou a mesma condição de mulher de embarcado.



3. ZILDA

“Mulher de pescador é viúva de marido vivo. É uma heroína. Porque não é fácil ser mãe e pai ao mesmo tempo.”
(*Zilda Francisca da Cruz*)

— Cinco horas da manhã, molecada! Acordem pra mais um dia! — grita seu Francisco, batendo na porta dos três quartos que abrigam seus dez filhos. Lá dentro é possível ouvir alguns resmungos e o trec-trec da madeira das camas a soltarem ruídos, conforme as crianças se remexiam, na tentativa de trazer o sono de volta.

A lenha já fora colocada dentro do fogão, para aquecer o leite. Dona Maria estende a toalha enfeitada com os crivos que aprendera a fazer durante a infância. São flores, xícaras, chaleiras e o que mais a imaginação e a técnica permitirem: formas cuidadosamente costuradas com uma linha fina, que se espalham na borda do pano. As canecas de café já estão devidamente separadas para cada filho. Enquanto o leite borbulha, ela ainda cozinha a batata-doce, põe pedaços de aipim em cima da mesa, a manteiga e também o queijo. Tudo comprado com o dinheiro que o marido conseguira com a venda de peixe em Itajaí.

Apesar da insistência do sono em prendê-los à cama, aqueles meninos e meninas levantam-se sem precisar chamar duas vezes. Vestem as roupas mais simples para outro dia de trabalho. Geralmente, uma sandália de couro, bermuda e aquela camisa surrada de sempre.

Os garotos nem calçado colocam: seus pés já estão acostumados a correr pela areia da praia ou nas plantações de milho, feijão e mandioca. Ninguém reclama de capinar a roça, cultivar a lavoura e ainda pescar, quando o vento mostrava calmaria. Conseguem fazer todas estas obrigações e participar das brincadeiras de roda com as outras crianças de Canto Grande.

No final de tarde, elas reuniam-se no meio da única estrada que dividia a vila, a correr de um lado a outro, rir e gritar, esconderem-se atrás das árvores, cantarolarem versos infantis.

— Quarenta e oito, quarenta e nove, cinqüenta... Lá vou eu! — grita um, apoiado no tronco da árvore com os olhos fechados e a cabeça pressionada contra o braço.

— Tá pegado! — berra o outro, enquanto corre para o final da rua, a fugir do novo “pegador”.

— Enganei o bobo na casca do ovo! — ri Zilda, olhos azuis arregalados, língua para fora e os polegares encostados na bochecha.

Das janelas das casas, os pais também conseguiam ouvir as cantigas chamando para que “venham todos cirandar” junto com essas crianças incansáveis, que não pareciam ter enfrentado um dia inteiro de trabalho.

Lá nos anos de 1930, Canto Grande pertencia à cidade de Porto Belo — hoje, o bairro faz parte do município de Bombinhas, a 70 quilômetros de Florianópolis —, com apenas uma rua principal, rodeada pelas praias “de fora”, chamada também pelo nome de Mar Grosso, e a “de dentro”, a Praia Mansa. A vila era habitada por imigrantes italianos, alemães e açorianos que se dedicavam à agricultura e também à pesca como atividade sazonal e de subsistência.

Na lavoura, não havia divisão de trabalho: homens e mulheres seguiam em fila, enxada na mão e balaios em cima da cabeça rumo à colheita. Outros saíam com a pequena baleeira, ainda movida à vela, para pescar tainha, cação, corvina e o que mais desse naquele mar. Ô, bons tempos aqueles... Peixe era o que não faltava!

Zilda sempre esperava ansiosa pela safra da tainha: Era tão contagiante ver os barcos arrastando as redes pela beira da praia. Nem mesmo o vento gélido dos meses de junho e julho espantava o pessoal, melhor época para a puxada: vestidas com os mais grossos casacos de lã feitos à mão, crianças e muitas mulheres se aglomeravam desde cedo para acompanhar o ritual.

Antes de qualquer bateira sair ao mar, elegiam a pessoa mais cuidadosa para vigiar o cardume. Seu Olavo já se acostumara a ser o escolhido: subia o morro com segurança e, lá de cima, desafiava os olhos com o máximo que podiam avistar.

— Ó, o peixe! — gritava entusiasmado, com toda aquela tainha que se movimentava para lá e para cá, prestes a ter o caminho interrompido pelas embarcações que a esperava.

O aviso deixava as canoas em alerta para cercar o cardume e capturá-lo na direção que a peixarada vinha. Suas cabeças encontravam-se com a rede e de lá não fugiriam com tanta facilidade. Da areia, o pessoal vibrava com a pescaria e ansiava a puxada na praia. Zilda tentava esquivar-se da multidão, desviar das pernas daqueles homens e mulheres e soltar um aplauso alegre com a chegada das lanchas, enquanto a criança corria em direção à rede.

Logo que puxavam todo o peixe, a menina de dez anos e suas cinco irmãs rodeavam o barco, para aju-

dar a “escalar” o pescado. Como não havia isopor, muito menos refrigeração para guardar as carnes, lavavam a tainha no mar e salgavam para conservá-la. Uma parte ficava para a família e a outra era vendida nas cidades vizinhas.

Quando Zilda ainda era bebê, seu Francisco já saía de Canto Grande e, com a pequena lancha, navegava pelo rio Itajaí-Açu, vendendo peixe: passava por Blumenau, Brusque, Gaspar e também atracava em Itajaí. Solitário que só, ele até gostava de fazer o trajeto. O que não conseguia vender trocava por charque, queijo, salame e aqueles produtos não cultivados na lavoura. Foi assim até os anos 50 e 60, quando os moradores das pequenas cidades litorâneas começaram a abandonar a agricultura e a pesca artesanal, à procura de melhores condições financeiras nas embarcações em alto-mar.

Apesar de seu Francisco nunca ter entrado naqueles grandes barcos que surgiam repentinamente nos mares catarinenses — até porque, no seu tempo de moleque, isso sequer existia — os quatro filhos, depois de completarem 16 anos, fizeram a carteira de tripulante na colônia de pescadores de Canto Grande.

Era uma atividade nova e promissora: os “andorinhas”, como eram chamados os catarinas que deixavam o Estado para trabalhar em portos pesqueiros de outras regiões, acreditavam que o emprego nas cidades de Rio Grande e Santos garantiria a poupança a que tanto aspiravam. Mas poucos conseguiam boas condições de trabalho: saíam marginalizados com o baixo salário, conviviam em péssimas condições de higiene, além de suportarem a falta de notícias da família durante meses.

Se o destino dos irmãos seria a pesca industrial, o de Zilda e de suas irmãs não se distanciava desta realidade: iriam casar com pescadores, não restava outra opção. Aos 25 anos, Zilda decide pertencer àquela categoria isolada de esposas: mulheres que se aprisionavam em casa, à espera incerta pelos maridos. Deveriam cumprir os afazeres domésticos, cuidar das crianças e se acostumarem com tal condição. Quando desconhecidos perguntavam “quem você é?”, e a resposta fosse “mulher de pescador”, já sabiam que a vida daquelas jovens seria sufocada pelas saudades.

Zilda não fugia da classificação de ser “viúva de marido vivo”, “pai e mãe ao mesmo tempo”. Contudo, ela era a Zilda, e não deixaria que controlassem suas vontades. Precisava levar os filhos ao médico e à escola, ir ao mercado, visitar uma vizinha, mas que nenhum comentário ou fofoca a acompanhassem. Se Zezinho andava pelo mar e em terra sem notícias de onde poderia estar, por que ele não haveria de confiar nela?

— Vais desrespeitar teu marido, Zilda? O que vão dizer por aí? — questiona a irmã mais velha, Sebastiana.

— Quando existe confiança, não há por que se preocupar! — responde, segura em relação ao casamento.

Muitas mulheres tinham ciúmes da situação privilegiada de Zilda. Não, aquilo estava errado, não é comportamento de mulher direita! Como José Maria havia aceitado tal proposta? Mas, se ela conseguiu, as outras esposas também poderiam conversar com seus maridos.

— Onde você tava, mulher? Cheguei agora de manhã e não te encontrei em casa! — pergunta aquele pescador mais irritado com o sumiço da companheira.

— Pois eu tinha que levar as crianças à escola e passar no armazém... — diz, com a voz nervosa por enfrentar, pela primeira vez, o esposo que sempre a quis em casa.

— Queres ser mulher comentada na vila?

— Não, mas não vou ficar trancada aqui. Tenho minha vida também.

— Que isso, mulher? Nunca falaste assim comigo!

— Pois é assim que eu e mais um bando de mulheres aí vamos nos comportar. Se eu confio em você, que passa em outros portos, por que não confiar em mim, que fico aqui te esperando? — agora, com uma indagação imposta pela voz segura e levemente grave.

Não havia argumentos que fizessem aquela mulher desistir de sua decisão. Aos poucos, outras esposas influenciadas pela conduta de Zilda começaram a garantir sua liberdade de ir e vir pela vila. As “viúvas” de Canto Grande se livrariam do controle social que imperava entre as famílias dos pescadores. Todas poderiam fazer suas obrigações fora de casa e eles deveriam confiar na honestidade de suas mulheres.

Elas até sabiam daquela velha história de que “pescador tem mulher em cada porto, se cuidem!”. O próprio Zezinho não deixava de freqüentar uma farra: logo que ele e a tripulação atracavam em alguma cidade, fritavam quilos de peixe, fechavam um bar e faziam aquela festa! Mulheres? Bem, até dançava com esta ou aquela, mas Zilda o proibira de deitar-se com qualquer uma.

— Se é para trazer doença para casa, nem volte! — dizia, enérgica.

Na primeira viagem após o casamento, Zezinho carrega mais malas que de costume. Aproxima-se do cais sob os olhares curiosos dos companheiros de trabalho. Atrás, passos seguros e apressados o acompanham até o Xavanti Aquirino. Mantém silêncio ao entrarem na casaria. Zé ganhara licença para atuar como mestre de barco, no lugar do dono da embarcação: João Leopoldino, aquele mestre que se enriquecia gradativamente com a profissão em alto-mar e dava início à classe dos armadores, comprando alguns barcos e criando as primeiras empresas de pesca.

No camarote, as roupas começam a ser separadas com um cuidado inexistente até então. Calças de um lado, camisas de outro. Saias? Bem, essas deixara em casa. Ainda desceu até a cozinha, deu uma olhada na despensa, analisou o convés. Durante alguns dias, Zilda seria a mais nova tripulante do Xavanti Aquirino.

A idéia de que haveria uma mulher na embarcação não agradou seu Leopoldino: “Mulher no barco dá azar, cuidado!”, dizia ele. O velho mestre havia herdado um pensamento medieval: o corpo feminino estava associado ao pecado e também à sujeira, por passar pelo ciclo menstrual. Aquilo tudo já bastava para levar maus agouros à produção.

Zilda nem se importou com as crendices do velho. Ela estava ali para trabalhar: não era nenhuma boneca de porcelana que precisava de cuidados especiais. Pouco se incomodou em estar no meio de outros homens: na época, os tripulantes dos barcos eram sempre familiares ou conhecidos. Quem conduzia o motor da embarcação era seu primo, o cargo de gelador ficava para o primo de seu marido e, na cozinha, estava o irmão.

— Vais enjoar, tô falando... — resmunga Zé, sentado no convés.

— Mulher no barco não dá certo, Zilda, não devias ter vindo... — comenta o irmão, enquanto preparava uma carne de panela para o almoço.

Ela apenas sorri entre um arroz que cozinhava e outra batata descascada, naquele calor sufocante da cozinha. Às vezes, saía para o convés e ainda ajudava a limpar o peixe que as redes traziam. E assim foi, até passar um dia, dois e nada daquela mulher enjoar.

— Teu santo é forte! — grita Zezinho, ao perceber que a esposa seguia a mesma rotina de qualquer pescador do Xavanti. Acordava cedo, trabalhava o dia inteiro e, após uma noite de descanso, estava pronta para mais trabalho.

Quando Zilda e os outros quatro trabalhadores colocaram os pés em Santos, os pescadores de outras embarcações vieram certificar-se de que a fofoca que ouviram era realmente verdadeira.

— Tem mulher aí dentro? — pergunta um, ao ver Zezinho pular para o cais.

— Tem mulher e muito peixe! — responde ela, descarregando as caixas com pescado. A baixeza de sua estatura estava escondida sob calças e camisas masculinizadas, o cabelo castanho-escuro de fios finos, cobertos pelo chapéu de palha do marido, a revelar seu olhar seguro aos curiosos.

— Sobrou algum pé de alface aí? — pergunta aquela mulher, já com seus 40 anos, no depósito do supermercado.

— Ô, Dona Zilda! Tem sim... Deixa que a gente já

vai procurar as verduras e as frutas que tiramos da prateleira! — responde o menino magrelo, um dos funcionários que sempre a ajudavam em troca de peixe.

Naquele mês, a pescaria não conseguiu cobrir as despesas da casa: o jeito era comprar fiado ou, até mesmo, pedir nos armazéns de Itajaí — cidade onde vivia há mais de dez anos. Os seis filhos precisavam de alimentação e estudo e, quanto menos peixe aparecia nas redes do barco de Zezinho, mais os preços aumentavam. Mas Zilda sempre conseguira administrar as despesas, a escola das crianças e a criação daqueles quatro garotos e duas meninas, praticamente sozinha.

Os filhos eram as principais companhias: todos a ajudavam nos afazeres domésticos e raramente davam algum tipo de preocupação. Quando se sentia sozinha, olhava para aquelas crianças e suas forças se renovavam. Nunca deixara de falar do pai Zezinho.

— Mãe, quando ele volta? — indaga Solange, a menina mais velha, preocupada com a saudade constante que sua mãe enfrentava.

— Logo, minha filha, logo... — dizia, sem saber se realmente ele iria retornar.

Acostumara-se a não receber notícias do marido durante meses: comunicar-se por telefone era dispendioso e raro. Além disso, não havia nenhum sistema de comunicação em rádio que alcançasse as famílias em terra.

Quando Zezinho chegava, havia disputa de quem iria sentar-se em seu colo. Luiz Carlos ficava na perna esquerda, Euclides procurava a direita e Kátia, com seus cinco anos, abrigava-se na grande barriga do pai, apelidada de “melancia”.

— Aqui é o meu lugar! — afirmava, enciumada, sem

deixar que alguém se aproximasse daquele espaço macio e aconchegante.

Mas, nem sempre as chegadas significaram felicidade para aquelas crianças. Nas primeiras vezes que o primogênito José Roberto via seu pai retornar a casa, não conseguia reconhecê-lo e assustava-se com aquele homem. Ele atravessava o portão com a barba longa, as roupas encardidas, as mãos ásperas, um cheiro insuportável de suor. José Roberto chorava, berrava e agarrava-se à saia da mãe com força, como se o pedaço de tecido pudesse se transformar em um escudo que o protegeria.

Anos mais tarde, ele e seus irmãos Luiz Carlos e Cláudio se lançariam ao mar para também virarem homens desconhecidos aos próprios filhos.

O cabelo branco, de fios macios e ainda mais finos, que se estendem até o começo da nuca, comprova a experiência de seus 73 anos. A serenidade no rosto acompanha a delicadeza dos movimentos: as mãos traçam cada ponto nos crivos que aprendera a costurar com sua mãe, quando ainda tinha 10 anos de idade.

Senhor, pai, proteja todos estes pescadores, estes marinheiros, estes trabalhadores do mar. Abençoe os tripulantes do Araçá, o Estrela-mar, o Baía Dourada, o Zé Trovão, o Adriano dos Santos. A cada ponto costurado, Zilda recita a mesma oração. Acostumara-se a pedir a proteção aos pescadores, durante os 38 anos de profissão do marido. Seus olhos de um azul sempre claro, escondidos sob lentes discretas, contraem-se a cada recordação perdida na memória: enquanto se mistura às linhas e panos, lembra-se dos momentos que

vivera ao lado de seu José Maria.

Zezinho morreu em 1997, após sete anos vivendo em terra. Mesmo com os poucos dias de convivência, durante aquelas quatro décadas que esteve embarcado, ela não se considerava infeliz: a confiança sempre marcou o casamento. Toda vez que se reencontravam, parecia ser a primeira: as saudades tornavam aquela paixão cada vez mais intensa.

A agulha finaliza mais uma flor no tecido. Seus dedos seguram firme aquele frágil metal, que realça mais um ponto. Dá gargalhadas, ao recordar-se de João Leopoldino, apavorado com uma mulher no barco e o prejuízo que ela lhe traria. Afasta os pedaços finos de madeira que esticam a toalha, para ver como ficara seu trabalho: bem feito, mas inacabado. Lembra-se das mulheres de Canto Grande. Havia realizado uma grande mudança por lá. Só que, por aqui, as “viúvas” ainda viviam a angústia por uma espera solitária.

Solta a agulha em cima da toalha. Levanta-se do sofá da sala e caminha com dificuldade e a passos vagarosos em direção ao quarto. Decide deitar-se. Deixaria o crivo para terminar amanhã.

4. DIGA ADEUS!

“Bem que os conheço a todos eles,
esses homens encardidos de babugem,
de mãos duras e dedos picados
pelos espinhéis, cheirando
a lodo e a alcatrão.”
(Homens e Algas – Othon D’Eça)

Caminho até o cais. Na mão, uma mala, pesada. O que levar? Leve remédio, para não marear. Conselho de quem já esteve lá. Tudo bem, guardei aqui. Vergonha. Um senhor traz apenas uma mala pequena. Entra na casaria do barco. Será que é ele? Do convés, sai uma fumaça. Cheiro quente de churrasco. Uns ainda arrumam a rede, desorganizada entre nós. O outro? Está ali, a fumar um cigarro. Levanta os olhos, quem é esta moça? Desconfiança.

Sai da casaria, desce a escada em minha direção. Regata vermelha, bermuda até o joelho; cabelos lisos, quase na altura do ombro, fios inteiramente negros acompanham a barba que lhe cobre a face, rodeia a boca. Essa barba e esse cabelo? Nossa, tenho desde quando ainda era moço. A mulher me conheceu assim. E teu nome? Paulinho. Então, és o mestre-do-barco? Sim, moça, sou eu, sim. Vinte e sete anos aqui no mar. Estás pronta? Se preocupa não, vai dar tudo certo. Aqui todo mundo é amigo.

Nem enjoar tu vais! E se enjoar, a gente faz um pi-rãozinho com peixe. Vai ser uma beleza, dona! Grita, lá do convés, o rapaz magro, alto e moreno; cabeça

raspada. Capixaba de Vitória. Falador. Sou o cozinheiro, viu? Marrom é como me chamam. Antônio? Ninguém me conhece assim, não. Agora eu ganhei uma ajudante! Quero ver se vai agüentar o calor da cozinha. Mas não se preocupa, moça. Aqui tem comida a toda hora.

Deixa de explorar a menina, rapaz! Liga, não. Prazer, eu sou o Zé. Irmão do Paulinho. Vai comer um churrasquinho com a gente? Uma delícia. Vamos partir agora à tarde, aí pelas duas. Hoje é primeiro dia. Só navegação. Aproveita para ver terra. Porque amanhã, só verá mar e céu, céu e mar. Imensidão que se perde de vista.

Vem, moça. Vem conhecer o barco. Sobee nesta escada estreita. Cuidado para não cair. Agora você está na casaria, onde eu comando toda a embarcação. GPS, leme, navegador, bússola. É bonito ver o mar daqui da frente. Enfrentá-lo. Meu quarto é este aqui atrás. Cama estreita e pequena, mas dá pra dormir bem. Ali ó, tem o rádio: toda manhã é um bom-dia, como foi a pescaria? Estão onde? Rádio Costeira, câmbio! Lá atrás, assumo o cargo de proeiro. Quando é hora de pesca, comando o barco dessa janelinha, vejo os homens lá embaixo, no convés, puxando a rede.

E eu, onde fico? Aqui na casaria, ao lado do meu quarto, moça. Beliche, armário, banheiro e tudo. Pequeno, uns dois metros por um e meio. Simples. Mas tem espaço para guardar suas coisas. Banheiro individual. Fique à vontade. Não é o quarto do motorista? É, mas o Boca se importa, não. Boca? Sim, o nome dele é Jailson. Aqui, é só apelido: nome de guerra! E onde ficam os outros homens com seus apelidos? Lá embaixo, pode descer.

Quinze beliches conjugados. Escondidos atrás de cortinas. Nove tripulantes, íntima privacidade.

Televisão: só quando pega. Notícias da terra? Que nada, nosso negócio é lá longe. Somos só nós. O mar. E esse céu azulão aí! Na parede, fotos de família, fotos de revista, desenhos, um papel com o nome dos tripulantes. Ou seus apelidos. Zé, Paulinho, Marrom, Tetu, Zé Maria, Boca, Eca, Bruno, Gê, Xamixunga. Xamixunga?

Cheiro de panela no fogão. Oi, minha ajudante, vem cá conhecer a cozinha. À noite, vai sair aquele peixinho. Já comeu peixe-sapo? Balanço a cabeça de um lado a outro. É o que vocês pescam? Sim, peixe caro, vai lá para os estrangeiros. Ele é gordo, com a cabeça achatada, duas nadadeiras na barriga. Fica lá no fundo, deitado, como ele gosta. Preguiçoso. É quase um sapo. Feio que só, mas é bom, o danado! E aproveita aqui, porque peixe-sapo é coisa de rico. Fica bem no fundo do oceano. Jogamos a rede de malha. E lá vem o peixe. Vem muito, não. Mas, quando chega, é aquela barulheira. Isso aqui é assim! Ah, mulher no barco?, sei lá. Hora e outra soltamos algum palavrão. Fico até atrapalhado aqui. Vou cuidar com o que falar. Vai colocar no livro, não, viu? Isso aqui é uma bagunça.

Bagunça ali também, aponta à claridade que se mostra ao lado. Espaço simples, sem vida. Uma pia, quatro chuveiros. Luxo dos tempos de hoje, com doze mil litros de água doce. Banho merecido. Canseira que desce ao ralo.

No convés, máquinas paradas. Grandes roldanas de aço, companheiras na puxada. Que agora dormem. Acompanhadas por 45 mil metros de rede. Uma parte está lá no mar. Esperam a próxima viagem para voltar ao seu abrigo.

E onde fica o peixe? Aí embaixo, onde seus pés pisam. Câmara frigorífica, com 40 toneladas de gelo.

Eu que cuido. Sou o Geraldo. Mas me chama de Gê! O pescador mais antigo desse barco. Já sou velho nisso, menina! Quase quarenta anos nessa lida. Olha só os cabelos brancos. Trabalho puxando rede, gelando o peixe. Sou magro, mas forte. Anos de pescaria. Nem lá em terra, eu paro. Tenho meu rancho, minha bateira. Minha mulher pergunta. És louco? Não, só não vivo sem este mar. Vai lá em cima e olhe a boniteza!

Subo ao toldo. Ao meu refúgio. Vejo o oceano, do alto. Como seu pudesse domá-lo. Ledo engano. Difícil caminhar. Bancos, metros de redes, cordas espalhadas pelo chão, costelas de gado salgadas, para secar. No mastro, uma mandíbula de peixe amarrada. Dali, saem o varal, duas toalhas, uma bermuda. Resquícios de vida.

Sentado, imóvel, um homem. Cabelos grisalhos, estranhos à pele ainda sem marcas. O rádio funciona bem, ainda estamos no cais. Quem é você? Ah, sou o Zé Maria. Gosto de ficar aqui, com meu radinho. Olho para o mar, penso na minha mulher. A Gennifer, meu “cheiro”. Lembro as minhas crianças. A menina tem cinco, Kimberlly. O Kevin tem quase três. Danado esse moleque! Quando não estou, ele briga, grita. O médico disse até para dar Gardenal. Coisa de louco. Para o meu Kevin? Não pode. Tem que ter controle. Eles têm que saber respeitar. Eu fui criado assim, no laço. Se não trabalhava na roça, lá vinha chinelo. Pois eu fico aqui, a pensar naquele meu outro universo. Dá saudade, mas é bom esse mar. Respiramos ar puro, sem fumaça da cidade. Sente o cheiro, sente! Gosto salgado. Odor de maresia integra-se à pele. Um dia, me disseram que o mar tem som. Mas não o escuto, acredita? Para mim, tudo se une. Barulho de motor, ruído de vento, melodia das ondas.

Ô, visão apaixonada! Mas se passasse um coletivo por aqui, saía todo mundo! Só ficava você, Zé. Esse Zé Maria! Eu ia me mandar. Oi, meu nome é Jailson ou o Boca, apelido do pessoal. Dizem que é porque sou o último a sair da mesa. Magro de ruim. Sorriso calmo, que se alterna a um descansar sutil de lábios. Pendura a bermuda no varal. Estica a cicatriz no abdômen. Marcas de uma briga, com facão e tudo, lá em terra. Sou o motorista. Sente o movimento? Ouve este barulho? Lá no motor, é muito pior: ensurdece, cheira a óleo. Suor que escorre pela testa. Dizem que o inferno é embaixo da terra, é fervor, é sufocante. Então, trabalho aí. Justamente onde tudo isso ganha força. Onde existe o movimento. Se falhar, foi-se tudo. Dizem que o mar é rico, misterioso, intrigante. Que isso? Aqui não tem mais nada. Pesca descontrolada. Dinheiro? Só se a gente traz peixe. Se não traz, ficamos aí, com baixo salário. Não dou 20 anos para matança acabar com a vida do oceano. E nós, vendo tudo isso findar.

Todo mundo que aqui está não teve opção. Entramos nessa, porque não tem trabalho. Lá em terra, o salário é baixo. Pouco estudo, a senhora já viu, né? Pescador tem valor, não. Você é quem? Eu sou o Valdir, o tal do Xamixunga. Sei lá por quê. Eu, baixinho que sou, barrigudo: Xamixunga. Palavras ríspidas, rancor por estar ali. Mal-humorado? Não, desgosto por este trabalho. Estava parado há mais de dez anos. Em terra. Construindo casa, carpindo um mato que fosse. Voltei pra ver como vai ser. Mas sei lá se agüento. Aposentadoria? Era para se aposentar com 25 anos de trabalho. Aí, em 2002, veio aquela história de reforma na previdência e foi. Aumentou o tempo de serviço para 35 anos. Pior é o pessoal da traineira, que tem que parar seis meses no

defeso da sardinha. Só ficam no seguro-desemprego. Sem contribuir para o Governo. Vai se aposentar quando? E estamos aí. Puxa rede, come, dorme, puxa rede. Acabou. Esta é a sua única realidade.

Sinto meus pés tremerem. O som do mar tornar-se fraco. O motor impõe-se. Sente o andar? Então, olha lá! O cais vai ficando longe. Diga adeus.





5. DONA LICA

“Já benzi mais de um milhão de pessoas, porque eu benzo toda a vida! Vem muita gente aqui se benzer: uma coisinha qualquer, já vem aqui! Tem dia que nem posso fazer almoço, porque vem um, vem outro...”.

(Maria Felício Silva)

Três pedacinhos de alho eram esmagados entre os dedos. O cheiro ardente permanecia impregnado nas unhas e naquelas mãos que muitos ainda dizem ser milagrosas. O caminhar calmo disputava espaço no lugar restrito, sufocante, invadido pelo odor de sal, maresia, peixe fresco. Da boca, saíam sílabas carregadas com o sotaque característico, onde os “esses” dão lugar para os “xis”, e os “erres” ganham uma leveza que torna sua pronúncia imperceptível. As palavras embaralhavam-se em sentidos diversos e eram declamadas em um ritmo acelerado, como se não houvesse pontos nem vírgulas, uniformizando ainda mais aquele monólogo formado por frases imperativas. “Mau-olho mau-olhado tudo vai ser terminado com a graça de Deus e de Nossa Senhora da Aparecida e isso tudo vai sair do barco Santa Luzia”.

As mãos daquela senhora faziam o sinal da cruz, enquanto caminhava por entre os beliches apertados da embarcação e desviava seu corpo, com mais de 70 anos, dos poucos móveis que compunham o cenário — a maioria concentrados na cozinha. Completava a

bênção repetindo aquelas palavras e rezando mais pais-nossos e ave-marias.

Ronildo acompanhava todo aquele processo com atenção e muita fé. A pesca estava fraca e a pressão da empresa para a qual trabalhava tornava-se cada vez mais intensa. Era preciso produzir, mas como ele iria mandar no mar, no tempo e no peixe que teimava em se esconder de suas redes? Restou-lhe acreditar que o alho, as orações e as rezas milagrosas daquela velha benzedeira iriam trazer sorte ao Sta. Luzia. Lembrava os conselhos de alguns moradores do bairro da Murta, em Itajaí: “Não tais pegando peixe? Então fale com a Dona Lical!”.

E ali estava ela, concentrada em suas rezas, mas exibindo uma serenidade constante no rosto. Estranho ver que aquela senhora não revelava qualquer vestígio de cabelo branco. Fios negros e finos se harmonizavam com os olhos de um castanho muito escuro. Um contraste para a pele clara, composta por algumas manchas levemente marrons que, essas sim, conseguiam denunciar a idade avançada, unindo-se às definidas marcas de expressão na testa, ao redor da boca, ao lado dos olhos.

Foram apenas quinze minutos de reza, que prometiam garantir boa safra para a próxima viagem. Nunca havia benzido um barco, apenas carros, carroças e outros meios de transporte. Mas sua experiência dizia que o alho iria espantar os maus agouros e a falta de sorte daqueles pescadores.

— Pagamento? Que isso... Não aceito esse tipo de coisa, não. Benzimento não se cobra! — responde, após ouvir a insistência do mestre de barco.

Se ela não queria dinheiro, o agradecimento seria

da maneira que mais lhe convinha: peixe. Seu Ronildo já levava pescado de tudo quanto é tipo para aquela senhora, rigidamente católica, que sempre o recebia com um cafezinho e algum biscoito. Se a pesca realmente obedecesse às rezas de Dona Lica e à crença daquele pescador, a recompensa seria ainda maior.

Enquanto o Sta. Luzia se afastava do cais, deixando para trás, mais uma vez, a família e os amigos, Dona Lica voltava aos afazeres domésticos. Já tinha quase 75 anos, mas se acostumou a trabalhar. Quando criança, ajudava a família na roça, lá no Cantão, localidade do antigo bairro Machado — hoje, Salseiros. Viu tudo aquilo ali crescer, moradores chegarem, grandes barcos ocuparem o rio Itajaí-Açu e a fábrica de cimento trazer mais famílias para a localidade. A nova indústria atraía tantos trabalhadores que, aos poucos, uma pequena vila surgiu em meio ao Salseiros, no início dos anos 60. Casas, escola, igreja, time próprio de futebol e até um coreto — onde, aos finais de semana, as famílias se reuniam para conversar, assistir a apresentações culturais e brincar de boi-de-mamão — compunham o cenário do que viria a se transformar na Murta. Aquela gente agora fazia companhia para a moradora mais antiga do bairro.

Foi ali que ela criou seus nove filhos, todos nascidos em casa: não pelas mãos de homens diplomados, mas de parteiras que guardavam a experiência como principal ferramenta de trabalho. Perdera duas meninas, quando ainda eram bebês, e ficou viúva aos 29 anos — sina que se repetiu por mais duas vezes em sua vida — e teve que abandonar o trabalho na roça, para conseguir emprego em casas de patroas e em horas

passando roupas como forma de garantir um trocado extra.

Mas reservava alguns momentos de lazer. Além de colocar seus pés para dançar no Clube dos Idosos, Dona Lica apreciava a pescaria. Ela e o terceiro marido — com quem fora casada por 32 anos — construíram um trapiche improvisado, no quintal de casa, que beira o Itajaí-Açu. Dali, o casal e muitos outros vizinhos pescavam guavira, tainha e, principalmente, bagre. Ao longo daquele rio que, na margem oposta, revela a cidade de Navegantes, os adultos também tinham que dividir espaço com as crianças.

Lá iam elas até a ponta dos trapiches, a desafiar a meninada “do outro lado” para ver quem pescava mais bagre. Quando aqueles garotos queriam xingar os meninos de Itajaí, era só chamá-los de “papa-siri”. Isso porque era tanto siri, mas tanto siri do lado de cá, que qualquer moleque levava seu puçá até a beira do rio para pescá-lo. Chegavam em casa carregados, já pedindo para que as mães os cozinhassem, até ficarem bem vermelhos, ou fritassem aquela casquinha recheada da qual tanto gostavam.

Naqueles tempos, era bom sentir o cheiro fresco da água que ainda não mostrava vestígios da contaminação pelos óleos das embarcações e pelos esgotos residenciais que estariam por vir. Mas, pescar no Itajaí-Açu deixou de ser um prazer para Dona Lica, após a morte do companheiro.

A vida não foi fácil, só que a fé em alguém superior, as muitas imagens de santos espalhadas pela casa e as orações diárias nunca deixaram esta benzedeira se abater. A religião a acompanha desde o berço e, ainda

criança, conheceu os segredos do benzimento. Uma tradição religiosa que mistura catolicismo, espiritismo e antigas tradições de negros e índios, herdadas posteriormente por caboclos e imigrantes.

Foi lá quando tinha seus 10 anos, ela lembra bem. O piruá deixou os olhos de sua prima inchados e tomados por uma coceira insuportável. Só as mãos de uma virgem poderiam curá-la.

— Tu serve! — disse a prima Benta, olhando diretamente para a pequena Maria, nome verdadeiro de Dona Lica.

— Faça o quê? — perguntou, desconfiada.

— Só coloca suas mãos sobre meus olhos...

Em poucos dias, a doença se foi. E Dona Lica continuou a benzer mais e mais gente: vizinhos, amigos e os próprios filhos — já sem as mãos milagrosas da virgem, mas com a mesma fé presente em todas as suas orações. Até os anos 50, não era tão fácil achar médico no interior do Brasil. O jeito mesmo era recorrer aos “doutores” mais próximos, aqueles que, com chás, ervas e orações, tinham o poder de levar a cura para mau-olhado, febre no estômago, maleita, nervo rendido e tudo quanto era doença.

Mas foi há pouco mais de 20 anos, que Dona Lica conheceu outros tipos de benzimentos, através de um caderninho de anotações da tia carioca, seguidora da religião espírita. Nas frases escritas à caneta, com algumas palavras mal-delineadas por causa da caligrafia desorientada, a benzedeira encontrou tratamento para aquilo que mais atacava as pessoas daquelas bandas.

A sensação de amolecimento na barriga e ânsia só pode ser febre no estômago. Amarra uma linha no ovo e queima: se o ovo quebrar, aí tem doença. Quando

uma ardência começa a atacar algum músculo, então está com “carne rasgada”. A benzedeira examina a dor, pega um pedaço de pano e começa a fazer alguns pontos naquele tecido com uma fina agulha, enquanto pronuncia suas rezas. Mau-olhado? Ah, só com alho mesmo! Foi assim que benzeu o Sta. Luzia, agora com uma dupla proteção contra o mau-olho: além das rezas de Dona Lica, o barco fora batizado com o nome da “Santa dos Olhos”.

Quase dois meses se passaram até a benzedeira ouvir o agradecimento emocionado de seu Ronildo. Não trazia apenas pescado como forma de graças, mas uma profunda alegria com a pesca farta.

— Veio tanto peixe, mas tanto peixe, que não tinha mais espaço no barco! A senhora tem mãos santas... — dizia, misturando sorrisos e emoção.

Com a mesma serenidade, Dona Lica entrou no barco levando seus três pedaços de alho, suas orações e sua fé para abençoar, mais uma vez, o Sta. Luzia.

Mas houve um dia que aqueles benzimentos e curas levaram à desconfiança alguns moradores do bairro: ela poderia estar cometendo um pecado grave, diziam eles.

— É isso mesmo, padre? É pecado benzer? — questiona, ajoelhada em frente ao confessor.

— Imagina, dona Maria! Eu também benzo e não estou cometendo nenhum erro. Pode ir em paz e continuar seus benzimentos, sem se importar com que os outros irão dizer.

Lá foi ela, de volta às suas rezas, suas crenças, seus santos que circundam a Bíblia sempre aberta em algum salmo. Ali mesmo, na cozinha, recepciona gente

dos bairros, do centro e até de fora da cidade. Muitas vezes, o almoço fica pronto pela metade, por causa da quantidade de pessoas que se aglomera na entrada da casa.

E junto com aqueles moradores, chegava o seu Ronildo, com mais peixe para agradecer a boa pescaria. Só podia ser milagre: só podia ser o dom de Dona Lica. Sorte assim, novamente, era de surpreender. E nem precisava mais pedir para repetir o mesmo ritual. A benzedeira sabia que, mais uma vez, entraria no Sta. Luzia, para sempre vencer o mau-olhado.

Passaram-se algumas semanas, mas apenas o barco voltou a aparecer para a benzedeira. Sem pesca, nem pescadores. Após sete anos sem ir para alto-mar, o Sta. Luzia permanece assombrando o rio Itajaí-Açu, a estragar-se com a água salgada, o sol, a chuva e a maresia. O guindaste, que antes puxara tanta rede, não produz qualquer movimento, um ruído sequer. Está tomado por um cinza pálido, sem vida. Na proa, a ferrugem de um ocre intenso se destaca na cor branca da embarcação. A âncora ocupa o pouco espaço daquele antigo trapiche.

Do quintal da casa de Dona Lica, entre as goiabeiras, as criações de marrecos e as plantações de ervas, é possível enxergar com visibilidade o Sta. Luzia, acompanhado por mais três embarcações. Todas estáticas. Até hoje a benzedeira olha para aqueles barcos e se pergunta: para onde foram os tripulantes? O que aconteceu com seu Ronildo? Algumas respostas vagas, de vizinhos, explicam o ocorrido: a empresa faliu, o dono foi embora e os pescadores precisaram encontrar

novos lugares para trabalhar. Outros dizem que o proprietário da empresa ainda está ali, tentando tirar algum dinheiro com apenas dois barcos.

Sem novidades. Falência é o que muito acontecia com as empresas de pesca. Barco tem de sobra, peixe é o que anda faltando, como os pescadores dizem por aí. Mesmo com as orações e a crença daqueles homens do mar, o pescado capturado não era suficiente para cobrir os gastos das embarcações e dos armadores.

De vez em quando, um ou outro morador tira a água da chuva que entra no convés e ameaça levá-los ao fundo. Aos poucos, o metal que reveste os barcos se desintegra e acumula resíduos no rio. Por trás do capim que invade o terreno da antiga empresa, Dona Lica continua a observá-los: sem pescado, nem tripulantes, aquelas embarcações transformaram-se em estátuas das águas.

6. ÚLTIMOS SINAIS DE TERRA

“Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dous é o céu?
qual o oceano?..”.
(*O Navio Negroiro* – Castro Alves)

O *Monkfish* nos leva pelo Itajaí-Açu, passa as casas do bairro da Murta, olha lá o Sta. Luzia da Dona Lical, seus muitos barcos-fantasmas, a ferrugem daqueles que ali foram abandonados há anos, a imagem da má administração, da pesca sem controle, da falta de incentivo financeiro. Do outro lado do rio, o contraste. Estaleiros, muitos. Barcos em nascimento não faltam, cascos ainda incompletos, a madeira exposta, o aço cobrindo parte de seu contorno. Exibem-se, imponentes, àqueles que estão à sua frente, esquecidos. Olhem bem para nós, dizem eles, somos o futuro da pesca, o progresso! Pois estás errado, meu filho, nós aqui, ferrugem no corpo, parados, sem riquezas, com água no convés — respondem —, somos o espelho de vocês: sem peixes, nem trabalhadores.

Navega *Monkfish* e passa por Navegantes, Igreja de Nossa Senhora, poucos prédios, vila pequena. Olham para o outro lado, tímidos, frente ao Porto de Itajaí.

Contêineres, navios, guindastes, gigantes nos mares — sombra aos pequenos barcos. Amedrontam, causam espanto. Fascinam com sua imponência, a imagem concreta da riqueza. Pois, do nosso lado navegantino, tens um companheiro semelhante. Outro porto, meus amigos. Progresso? Emprego? Diga adeus à cidade com traços antigos, ambas. Os pequenos casarões do centro, a igreja, a praça, as calçadas. Sinais do passado. E as memórias? Estão ali, nos poucos que ainda as guardam.

Digo até logo, Itajaí! Parte da costa, ilhas perdidas. E o continente fica para trás. Aproveita, menina. Aproveita que ainda tem a luz da tarde. Daqui a pouco, sentirá apenas a lua. As constelações. Nada de edifícios com suas janelas acesas, luzes em movimento. Verá o céu encontrar-se com o mar, negridão infinita, onde está o horizonte?

Escondeu-se. Continuo ali, sentada, perco-me em meio à imensidão negra. Olho com atenção, mais a fundo. Lá vem ela: majestosa, instigante. Impõe austeridade. Sua luz dispara o foco. Clareia o barco. Apenas reconheço as ondas fracas que pouco balançam a embarcação.

Ilumina os rostos de Zé Maria, Jailson, Valdir. Algumas conversas, pensamentos que se perdem. Estamos aqui para te fazer companhia, moça. Senão, cada um no seu canto. Mas, não há conversa? Alguma coisa e outra, a pescaria como foi? Todo mundo tem seus problemas, guardamos para a gente. Somos distantes assim mesmo. Calados. Eu gosto de ouvir meu radinho, aqui. Ler a Bíblia. Só acredito Nele para agüentar a vida no barco. Para não ter medo do mar. Suportar as saudades.

Ouço o que me dizem. Tento compreender o porquê da tristeza, do vício, da revolta e da paixão. Olho para aqueles pescadores, com poucas conversas para dividir. Família, mar, pesca, retorno. E suas histórias fantásticas? Ondas gigantes, naufrágios? Medo do mar? Brigas nos barcos?

Vixi, isto é mais lenda. Tem história assim, não! Peixão na rede? Faz tempo que não vejo aquele sapo se prender na malha. Sereias, monstros, segredos marinhos? Coisa de filme. Você quer história? Então, só enxergue pelos olhos do concreto.

Continuo observando a negridão. Maresia grudando na pele. Lua aclarando o barco. Nunca havia prestado tanta atenção naquele satélite cinza, suas crateras. O lado negro, reservado ao mistério. Dali, onde nenhuma outra luz poderia ofuscar seu brilho, impõe-se como o sol.

Paz. Como é bom estar no mar, sentir o cheiro fresco que Zé Maria dizia, ouvir o som que ele mal distinguia. Estar onde Camões se inspirou com seus Lusíadas, onde os navegadores encorajavam-se a desbravar, o além do horizonte, das canções de Lenine. Sem a segurança da terra, o conforto do quarto, os deveres do dia-a-dia. Sem a rotina descontinuada. Vai dormir, não? Vou depois. Riso irônico. Essa aí vai enjoar da paisagem. Agora, tudo é novidade. Quero ver você não conseguir cair no sono, com as marolas insistentes. Não conseguir comer, pelo enjôo permanente. Acordar, dormir, olhando para o mar. Sem terra alguma. Sem referência de outras vidas. Aproveita, então, menina! Contemple isso tudo. Veja o que a cidade oculta. O que o horizonte não permite. Lá no fundo, ainda vê terra. Amanhã, já não existirá mais.

Aproveite, menina, que eu faço a vigia. Vigia, Zé? Sim, a cada duas horas, outro homem com nova atenção. O barco pode ficar sozinho, não! Tem navio que mal enxerga as nossas luzes. Levam o que estiver na frente. Medo das lendas? O problema aqui são os monstros reais. Esses gigantes, a ventania, as ondas fortes, a pesca fraca, a solidão.

Eu aprecio esta quietude solitária, a paisagem sonolenta. Boa noite. Amanhã acompanharei o novo dia.





7. CURIÓ

“Um bom mestre de barco é aquele que bota a produção na mesa do patrão. Esse é o bom mestre, porque daí a fama dele corre, não falta emprego pra ele. Mas, agora, se ele não pesca direito, aí é um ‘madeira’. Porque o patrão já não quer, o outro já pescou um melhor, entende? E assim, vai.”
(Aldo José da Cunha)

— Esse Curió... Foi um dos melhores mestres-de-barco que Itajaí já teve! Ele, o Pão-de-Milho, o Cícero, o João Teimoso... Tudo gente boa! Mas o Curió mesmo... Esse dava peixe pro patrão, pros tripulantes e ainda sobrava pro pessoal! Faziam fila no cais quando o barco dele atracava. — conta o pescador, enquanto toma mais uma dose de cachaça, sentado no balcão do Bar da Vó, em frente ao Mercado Público de Itajaí, um dos muitos bares da cidade frequentados por pescadores, mas que hoje não reserva aquela barulheira e a movimentação de antigamente.

O que o pescador contava era uma grande verdade. Quando Curió chegava ao cais, lá estavam alguns moradores, mendigos e tudo quanto é pessoa para ganhar uma fritada de camarão.

— Não vai fazer falta, tem muito mais ali dentro! — dizia ele, se alguém olhasse torto. Sabia bem que o patrão reclamava, mas alguns quilos de peixe seriam

insignificantes para quem se enriquecia com as toneladas que Curió trazia do mar.

Entre o aglomerado de gente, uma mulher chega falando alto, chamando a atenção de todos, xingando quem se atrevesse a questioná-la. Curió não precisava nem adivinhar o que era aquele turbilhão de movimentos bruscos e a voz grave. Lá estava a Maria do Cais para buscar a sua parte.

— E aí, canalha! Trouxe algum pra mim? — gritava, misturando a voz imperativa com a oscilação da pergunta.

— Está aí, Maria! A gente não falha! Cuida do barco direitinho esta noite e amanhã vais receber o pagamento! — dizia o mestre que, como muitos outros, confiavam à Maria a segurança da embarcação durante as madrugadas.

Enquanto ela analisava a sacolinha de camarão e já separava uma parte para dar às crianças que a rodeavam, Curió começou a descarregar todo o pescado. O barco veio cheio, dava até pra jogar peixe fora!, dizia um dos tripulantes; era peixe que não acabava mais, tudo com 20, 30 quilos!, completava outro. Curió não gostava muito de inventar história: pensava mesmo no orgulho que o armador teria dele e da tripulação. Ah, mestre bom é mestre que leva a produção pra mesa do patrão!, afirmava com segurança. Sempre seguiu esse mandamento à risca, apesar de, naquela época, metade de todo o pescado ficar para o dono do barco e a outra metade ser dividida entre os pescadores. Ele ficava com mais partes dessa divisão, mas sua renda era mínima perto daquela que garantia ao chefe. No entanto, sempre foi conhecido pelo bom trabalho e nunca lhe faltou emprego por causa dessa qualidade. E, como todo

bom mestre deveria ser, não abandonava o barco nem nos momentos mais críticos.

— Curió, sai daí, os barcos já foram pro porto!

— Curió, és maluco? Tu vais morrê!

— Curió, não sejas teimoso e deixa a rede aí!

— Cada um tem a sua hora, seja no mar ou em terra... — respondia ele aos tripulantes que insistiam em amedrontá-lo. O vento podia ser sudoeste, ondas de cinco metros de altura, barco balançando sem parar, que ele não desistia de puxar toda a rede. O corpo já se acostumara a equilibrar-se conforme o movimento do mar e as mãos eram tão calejadas, que mal sentiam a textura do cabo que sustentava a malha.

Todos os barcos haviam saído de vista, aquele bando de medrosos! Pois ele conseguiu terminar o trabalho e ainda fugir da tempestade que deixara o Porto de Santos lotado pelas embarcações assustadas. E lá vinha o barco do Curió, a navegar tranqüilamente em direção ao cais, nem se importando com a negridão do céu que o perseguia desde lá do mar. Parecia até que o temporal estava esperando aquele experiente pescador atracar com segurança para, aí sim, revelar a forte chuva guardada naquelas nuvens e liberar todos os seus ventos. Eu disse que nossa hora ainda não chegou, repetia ele, enquanto olhava para os tripulantes chocados com a confiança do mestre.

Em seus 29 anos como mestre de barco, nunca perdeu um companheiro para o oceano. Apesar de priorizar a produção, sabia exatamente a hora de parar. Quando algum pescador sentia uma fisgada no pé, podia esperar que ali vinha temporal! Se o céu exibia suas nuvens com formato rabo-de-galo, era para ter certeza: vai dar sudoeste, rapaz, vamos embora! Segurava o leme

com segurança, engatava marcha lenta e levava a embarcação conforme o movimento das ondas, sem que ambas se enfrentassem. Era preciso calma nessa hora e uma ilha próxima para baixar a âncora. Mas se já tivessem passado o Cabo de Santa Marta, no Litoral-Sul de Santa Catarina, o jeito mesmo era enfrentar as ventanias e deixar o barco em capa — conduzindo-o lentamente, no sentindo das ondas e sem muita força.

Um pouco de toda aquela experiência brotava de sua intuição e outro tanto cresceu no aprendizado durante os anos como pescador artesanal. Os primeiros embarcados que abandonaram a pesca costeira e de produção restrita para se lançarem às longas viagens em alto-mar eram, justamente, aqueles que começaram em uma bateira familiar, com a qual garantiam pesca para subsistência e à venda em pequena escala.

Lá pelos anos de 1930, quando Curió ainda nem havia nascido, começaram a aparecer as primeiras traineiras na Região Sudeste e, conseqüentemente, o início da atividade pesqueira industrial no Brasil e gradativo rompimento com a pequena pesca. Em 1934, criou-se o Entreposto da Pesca em Santos e a abertura de indústrias de enlatamento de sardinha, garantindo um maior impulso à captura em larga escala. Apesar da experiência cotidiana, foi difícil para esses novos embarcados aprenderem os segredos de toda a parafernália de máquinas e botões que compunham os grandes barcos. Até porque poucos ali tinham estudo.

O pequeno Aldo — seu nome ocultado pelo apelido que herdara do pai, o Zezinho Curió — abandonou os cadernos, o ditador dos professores e as poucas cadeiras da escola, quando tinha apenas 11 anos. Preferia mesmo acompanhar o pai na pescaria e nem se importava

em acordar às cinco horas da manhã. Enquanto Zezinho já estava lá fora arrumando a rede do barco, Aldo preparava uma marmita com arroz, batata-doce e tai-nha frita que haviam sobrado do dia anterior. A pesca se estenderia até a tarde, quando retornavam a casa, já preparados para salgar o peixe, junto com os irmãos e a sua mãe. O sal era a única forma de conservar o pescado, naqueles tempos em que nem se pensava em refrigerador. Até mesmo o gelo passou a ser fabricado em Itajaí só no começo dos anos 50. O jeito era escalar todo o peixe e sair vendendo por aí.

Curió gostava de trabalhar e pouco se importou em deixar de lado seus estudos, mesmo porque não via ninguém que passasse da quarta série. Hoje até mudou um pouco. O pescador procura se especializar, estudar: precisa disso tudo para tirar uma simples licença como tripulante. Mas 65% dos embarcados da cidade, dos 1.524 cadastrados na Secretaria da Pesca de Itajaí, em setembro de 2008, ainda não conseguiram atingir a oitava série. Aldo não precisava ser exceção: eram oito irmãos e a sobrevivência sempre fora mais importante que o estudo. “Mas pescador tem vida sacrificada, não quero esta sina para meus filhos, não!”

E o Curió-filho copiou a tradição do Curió-pai: em cinqüenta anos de casamento, a esposa engravidou oito vezes. No começo, dava até para passar bastante tempo com a meninada: Aldo, como muitos outros itajaienses, encontrou trabalho nas madeiras que invadiam a cidade.

Se hoje só se vê contêiner espalhado por Itajaí, naquela época, tinha madeira a se perder de vista. Era tanta madeira, mas tanta madeira, que assustava quem observasse a cidade lá do Morro da Cruz. As casas dos

53 mil habitantes, que residiam na cidade nos anos 50, precisavam disputar espaço com aqueles milhares de tábuas empilhadas. Além da produção extraída das matas de araucária, o município ainda ficava lotado com os troncos de pinho vindos de outras localidades, mas que eram beneficiados aqui.

Quando parecia não haver mais lugar para tantas madeireiras, lá vinha a Maria Fumaça a levar aquelas pilhas de tábuas para as pequenas cidades de Itoupava Seca, Trombudo Central e onde mais a Estrada de Ferro Santa Catarina passasse. Enquanto o trem mostrava sua presença musicando nos trilhos, no mar era possível ouvir o apito dos navios a saírem carregados com fécula, tapioca, fumo, café, tecidos, papelão e, principalmente, com a riqueza que brotava das florestas de araucária. Em 1951, no auge da indústria madeireira, o porto exportava mais de 118 mil toneladas para outros países, além das 133 mil toneladas a diversos estados brasileiros. Até parecia que aquela fartura nunca iria acabar.

Mas no final da década de 1960, as indústrias madeireiras começaram a demonstrar sua fraqueza: árvore já não existia em grande quantidade e os plásticos tornaram a concorrência desleal. Se a riqueza da terra fora explorada ao máximo, o jeito mesmo era buscar, com maior intensidade, o que o litoral oferecia em abundância: os recursos marítimos. O porto concentrou-se então na descarga de pescados, junto com os trapiches das empresas armadoras. Enquanto em 1958 Itajaí exportava mais de 2 mil toneladas de peixe, seis anos mais tarde, já com 32 barcos tipo traineira destinados à pesca da sardinha, a produção havia dobrado.

Disputando espaço com as embarcações, estavam

aqueles pescadores artesanais que também insistiam em vender pescado. Eles vinham com suas baleeiras, de municípios próximos como Porto Belo, Penha e Itapema, sem se intimidarem frente aos grandes barcos. Uns até enriqueceram o suficiente para também acompanharem a classe de armadores. Mas nem todos tinham a mesma sorte: se quisessem melhores condições financeiras, teriam que abandonar seus botes para se tornarem empregados das empresas de pesca.

Foi assim que começou a profissão de embarcado de seu Aldo. No convés, ele experimentou as piores condições de vida e higiene que poderia vivenciar. A rotina começava às cinco da manhã e só terminava ao anoitecer. Para piorar, não existiam as máquinas que hoje facilitam o trabalho do pescador: toda a força ficava concentrada no braço. As pernas também brigavam contra o desequilíbrio e saíam doloridas no fim do dia.

E lá vai o novo tripulante, a puxar rede; congelar o pescado; puxar rede; um copo de água, pode?; puxar rede; parada para comer um pirão!; puxar rede; enxuga o suor no braço; puxar rede; olha o peixe!; puxar rede; corpo cansado do dia inteiro de trabalho.

Descanso, finalmente.

Curió mistura cansaço e ansiedade ao caminhar até o porão do convés, onde poderia deitar-se no colchão umedecido pela maresia, desejando dominar o sono que não vinha, tentando esquecer o barulho teimoso daquele motor. Como era bom ouvir apenas o som do mar, nos antigos barcos à vela onde passara sua infância.

— Acorda, Curió! Mais um dia! — grita o cozinheiro, enquanto prepara o café e já tempera o peixe para o almoço.

Sente os músculos enrijecidos da noite mal dormida, o cabelo ressecado pelo vento, o corpo invadido por um amargo cheiro de suor. Se conseguia tomar banho? Nem pensar: eram dois por mês e olhe lá... Água doce é um luxo dos barcos de hoje! Naqueles anos, a água do mar acompanhava a higiene pessoal. No final de cada viagem, lá chegava o Curió: barbudo, cansado, exalando um odor forte misturado ao aroma natural da pele. Mas, em compensação, com o barco cheio de peixe.

Entre os tripulantes que deixaram a pesca artesanal, como seu Aldo, também chegavam aqueles marinheiros de primeira viagem: gente sem tradição pesqueira, de cidades do interior catarinense, e até alguns agricultores do litoral. As pestes que atacavam as plantações, a concorrência agrícola com outros municípios e o surgimento das rodovias — facilitando a circulação dos produtos — enfraqueceram a agricultura da região. Se não encontravam trabalho em terra, naquele imenso mar haveria de ter!, pensavam eles. E, aos poucos, uma nova classe de trabalhadores surgia, despertando os olhares de outros estados brasileiros.

Aldo sabia que em Santos conseguiria mais oportunidades de trabalho: passaria meses longe de casa, mas era preciso levar dinheiro para a família. Guardou o mandamento que aprendera desde pequeno: sobrevivência em primeiro lugar. Junto com centenas de outros pescadores catarinenses começou a trabalhar nas empresas daquela grande cidade portuária, em 1967. Os catarinas concentravam-se no litoral paulista e ocupavam mais de 70% das vagas nos barcos-traineira de Santos.

Foi justamente nesse ano que o Governo Federal decidiu finalmente organizar a pesca empresarial-capitalista no Brasil. Muitos empresários saíram de outros ramos para tornarem-se donos de barcos e de empresas. O incentivo fiscal à produção pesqueira iluminava os olhos dos novos patrões da pesca, mas iludia os trabalhadores, prejudicados pela falta de leis trabalhistas.

Aldo não sentiu o dinheiro encher seu bolso, como imaginara. Via o contra-mestre ganhar duas vezes mais que os outros tripulantes e o mestre de barco receber até sete partes de toda a produção. Ah, era bem disso que precisava: tirar a carteira para mestre, mesmo sabendo que naqueles três meses de 1974, quando deveria permanecer desembarcado para conseguir a licença, baixaria a zero a renda familiar.

Mas a oportunidade era única: pela primeira vez, a Capitania dos Portos de Itajaí oferecia um curso para mestre de barco costeiro. Ainda mais em uma época que pouco se investia na qualificação destes trabalhadores: nos anos 70, as principais escolas brasileiras especializadas em ensino profissional de pescadores industriais, localizadas no Rio de Janeiro e Pernambuco, foram desativadas. Curió precisava garantir o espaço aqui mesmo. Claro que seria difícil acostumar-se com os cadernos novamente: depois de tanto tempo longe da sala de aula, esqueceu até como deveria estudar.

Enquanto o marido passa horas em cima dos livros — pra que tudo aquilo? Lá no mar é diferente! —, Maria arruma a casa e cuida dos filhos, com a pouca renda que lhe restava. A colher de arroz e feijão no prato das crianças era controlada. Do portão de casa, escuta Dioclécio voltando de mais uma manhã de trabalho, embaixo de sol quente.

— Olha o picolé! Olha o torradinho! — grita, lá de fora, o filho mais velho, tentando vender os últimos produtos que ainda ocupavam espaço no seu carrinho. Cada venda transformava-se em uma vitória para o menino: mesmo com 7 anos de idade, aprendera com seu pai que o sustento da família era prioridade.

Quando faltava dinheiro em casa, eles se viravam de algum jeito. Maria que o diga: muitas vezes, teve que controlar os gastos mensais, enquanto o marido não voltava para a terra.

Como mestre de barco, a renda de Curió aumentou gradativamente. Não era muito, mas havia meses que conseguia tirar até 250 mil cruzeiros – em torno de seis mil reais. Mesmo após a aposentadoria, com 32 anos e seis meses de trabalho, permaneceu na pesca. Mas, em 2003, época em que a região Sul estava em segundo lugar na pesca marítima e estuarina, com 32% da produção nacional, havia chegado a hora de abandonar as redes e se acostumar novamente à estabilidade da terra.

Pedaços pequenos de madeira se espalham pelo quintal da casa. Aquele senhor baixo, com os fios de cabelo lisos e brancos que revelam a idade avançada — mas com braços ainda delineados pelos anos de trabalho —, está sentado à sombra, uma lata de verniz aberta próxima aos seus pés e alguns arames cortados. As lascas caem aos poucos daquelas mãos que tanto usara para consertar tarrafas. Os braços, expostos pela camisa sem mangas, ainda mostram os sinais de quem fez muita força para puxar quilômetros de rede. Sua pele exhibe um moreno não de uma cor natural, mas da

pigmentação bronzeada que o mormaço e o sol lhes deixaram como marcas. Os movimentos são tranquilos e precisos, de alguém que não tem mais pressa para viver, mas que já viu muita coisa passar. Decidira trocar o som constante do mar pelos cantos vibrantes dos pássaros que se aglomeram em sua casa.

Os curiós misturam cantorias, enquanto Curió calmamente finaliza outra gaiola. Herdara a paixão do pai: tanto aquela que vinha do mar para sustentá-los; como esta, que lhe trazia uma sensação de lazer e, ao mesmo tempo, de utilidade.

Estava aposentado, mas aposentadoria nunca significou doença. Mesmo agora, quando já havia desistido definitivamente da pesca, vieram convidá-lo para voltar ao barco.

— Já tô com 71 anos, diz ele, dê emprego para um jovem que tem saúde ou outro pobre coitado que precisa mais...

— Só que está difícil achar tripulante bom pra pesca! — insiste o dono da empresa para a qual trabalhara quase toda a sua vida.

É, naquela época, nós íamos para o mar em família. Bons tempos aqueles... Agora, vem gente de fora: tem muita droga, muita bebida, muita briga. E ninguém quer vida dura, não!, pensa, enquanto coloca mais um canário no pequeno lar.



8. MARIA DO CAIS

“Vim com 20 anos pra cá.
Aí, fui pro porto trabalhar.
Eu morava na Alfândega.
Ganhava camarão, ganhava coisa.
Aí eles falavam pra mim:
‘vem aqui de noite pra conversar’.
Aí eu vendia o peixe e mandava
eles pra puta- que- pariu.”
(Olga da Silva Leutério)

Entre as fendas das tábuas empilhadas no porto, aqueles muitos olhos enxergam um pedaço da proa do barco. Movimentando o olhar um pouco mais, é possível ver o farol, os metros de redes jogados no convés e alguns tripulantes a contemplar o esperado retorno. Ali embaixo, no porão do barco, deve ter muita sardinha!, pensam os donos daqueles olhos. Mal a embarcação atraca no cais e lá vai todo aquele pessoal à procura de peixe.

Vestem roupas pouco apresentáveis, encardidas, rasgadas. Carregam, em sacos plásticos ou embaixo do braço, alguns pedaços de jornais que improvisam como cama. São homens novos e velhos, barbados, com o rosto sujo da poeira das ruas, as mãos ressecadas pelo calor, os cabelos enrijecidos por causa da maresia. Os meninos largam o pião ou a funda, para correr até o trapiche, com os pés descalços e ásperos, já acostumados à rispidez do chão.

A cena se repetia cada vez que algum barco ou navio atracavam em Itajaí. Pessoas que fizeram das ruas

seu lar encontravam no cais um local de trabalho, onde podiam ganhar alimentos e muito peixe. Nos jornais da época, as cenas destes homens, mulheres e crianças à procura da sobrevivência recebiam uma descrição manchada pelo preconceito:

Mal o navio atraca, a garotada vadia invade o navio, aos bandos para, aproveitando-se da distração do pessoal de bordo, descer aos camarotes, à sala de jantar, à cozinha, à copa, em toda a parte (...).

Enquanto isso, a mesma garotada descrita no jornal *O Commercio*, em 1921, corria ao trapiche para amarrar as cordas, ajudar a levar madeira até o porão, procurar uma vaga para cuidar do barco, em troca de alguns quilos de peixe. Uns até gostavam de explorar o que aquelas embarcações guardavam no convés e nos camarotes, mas trabalhar ali era o principal ganha-pão daquela gente toda. A maioria nem queria arrumar briga: só precisava de uma chance para mostrar seu trabalho.

Algumas mulheres se misturavam entre aqueles homens: mantinham conversas e risos, trocavam carinhos e olhares insinuantes e, depois de alguns minutos, os casais sumiam para dentro dos navios. Naqueles anos de 1960 e 1970, era raro encontrar vestidos e cabelos longos caminhando em frente ao porto. As moças “de família”, como diziam, aprendiam desde pequenas: mulher direita não deve passear por lá. Apesar de ser um local de trabalho, o porto era associado às drogas, à malandragem e à prostituição.

Entre aqueles homens, crianças e mulheres, passos apressados chamam a atenção dos pescadores e marinheiros. Ela chega demonstrando presença: ai se

alguém olhasse torto ou a fitasse por muito tempo...

— Que é! Sou algum bicho, por acaso? Olha pra frente, seu filha-da-puta!

Desbocada que só! Chegava gritando para todo mundo saber mesmo: estava ali a Maria do Cais! Aquela mulher alta, magra, com longos cabelos negros e a pele bronzeada, chamava a atenção pelo jeito malcriado, pela sua voz imponente e também pela solidariedade. Maria era uma amiga para aquela gente que vivia do trabalho nas ruas: quando conseguia alguns quilos de peixe dos pescadores — ai, quem não cedesse! —, dividia com todos que a cercavam.

— E aí, veio peixe pra mim? — berrava, mesmo estando a dois palmos de distância do mestre de barco.

— E a senhora acha que saio pro mar pra trazer peixe pra vagabunda? — respondiam aqueles mais irritados.

Se a resposta ganhava esse tom, podia esperar que lá vinha confusão. Todo mundo parava o que estava fazendo para presenciar o tumulto. Ela não tinha medo dos braços musculosos dos pescadores: até encarava briga corporal! Mesmo que algum policial interviesse, não desistia de demonstrar coragem perante aqueles homens que pouco a intimidavam. Gritava, batia, esperneava; eles tentavam contê-la ou fugiam de suas surras. E os pescadores podiam esperar que a irritação daquela mulher alcançaria também o oceano: não bastassem as discussões, os barcos seriam enfeitiçados pela “praga da Maria do Cais”.

No dia seguinte, era certo: a embarcação não saía do porto por causa de algum problema técnico. Ou era motor, ou leme ou algum defeito na rede: qualquer coisa que impedisse a viagem. E se conseguissem

vencer o “feitiço” ali no cais, a frase pronunciada por Maria, antes da partida, conduziria toda a pescaria.

— Pois vocês não vão pescar nada, desta vez!

Podiam correr atrás do cardume, permanecer mais dias no mar, jogar a rede nos lugares conhecidos pela fartura de pescado. Era possível cumprir isso tudo, mas a maldição atravessava o oceano e mandava na sorte, no vento, nas ondas e nos peixes. Já se ela dissesse que viriam com o barco carregado, a pesca certamente seria abençoada.

Apesar das brigas, Maria tinha muita amizade com aqueles pescadores. Toda vez que um barco atracava, cuidava das embarcações em troca de dinheiro ou peixe, assim como faziam os meninos. Quando ganhava os tão desejados quilos de camarão e tainha, saía pelas ruas vendendo o pescado para garantir mais algum lucro e ainda conseguia dividir a renda com sua família das ruas.

Se a esposa de algum pescador aparecesse no cais e desconfiasse de suas intenções, Maria já justificava:

— Não quero nada com seu homem, não! Tô aqui pra vender peixe... — dizia, com o olhar baixo, mas sem perder a austeridade.

Por trás daquele apelido e o jeito malcriado e autêntico, existe a Olga: natural de Blumenau, com três irmãs, adotada quando criança por causa da falta de condições financeiras da mãe verdadeira. Aos 10 anos, foi violentada sexualmente e, um ano mais tarde, levada a um colégio interno. Nunca aprendera a ler e nem a escrever. Também não quis se casar e, muito menos, ter filhos. Veio para Itajaí aos 20 anos, ela não lembra bem. E ali, na beira do cais, ganhou o nome pelo qual seria conhecida para sempre.

Mas ela não foi a primeira Maria do Cais de Itajaí. Estivadores e pescadores, que trabalhavam no porto nos anos 50 e 60, contam a história de três Marias. A outra Maria que ganhou fama no porto, lá nos anos de 1920, era uma mulher bonita, pele clara, com o corpo cheio de curvas. Chamava a atenção de qualquer homem, marinho ou pescador. Permaneceu durante anos nas ruas e fazia das noites o melhor horário para o seu trabalho. Um dia, ela desapareceu: uns dizem que abandonou a vida no cais, outros falam que se apaixonou por um marinho e embarcou com ele em um navio. Uma outra Maria, que nem lembram como era, foi morar em outra cidade ou já morreu, ninguém sabe ao certo.

Dizem ainda que a Maria do Cais é uma entidade espiritual da Umbanda. Para alguns, ela se apresenta como Pomba-Gira. Para outros seguidores da religião, é uma cigana andarilha. Sua lenda começa em tempos remotos, lá na civilização egípcia, quando uma menina virgem, consagrada ao Templo de Ísis, foi perseguida por sua beleza, juventude e alegria que irradiava em todos os lugares pelos quais passava. Na história, ela fugiu por uma passagem que levava ao mar, atravessando a porta dos fundos do Templo. No oceano de mil perigos, foi recolhida por homens desconhecidos. A partir daí, destinou sua vida à dança, como forma de sobrevivência, mas também à posterior degradação.

Para os umbandistas, as consultas com a Maria do Cais sempre se referem à regeneração: clarear a mente das pessoas, alertar as mulheres por homens que não lhe convêm, abrir caminhos. Aparece sempre alegre, dançante, risonha. Quando algum médium a incorpora, usa seus lábios para alertar que toda mulher precisa estar arrumada, bonita, cheia de brincos, pulseiras,

anéis. Não precisam ser jóias de ouro, mas deve estar linda e pronta para dar bom-dia à vida.

A entidade espiritual da Maria está ligada à Linha dos Marinheiros, junto aos chamados “malandros”. De acordo com a Umbanda, estes últimos são grandes amigos de quem lhes é leal. Não gostam de levar vantagem sobre as pessoas humildes. Exceto daqueles que se acham espertos — nesse caso, são capazes de tirá-lhes tudo. Estão sempre dispostos a ajudar, mas nunca os engane: sua vida pode tornar-se um caos, dizem os umbandistas. São associados ao Rei da Noite: à vibração espiritual de cabarés, cassinos, música, bebidas, carteados e belas mulheres. Entre as entidades desta Linha, estão muitos Zés e Marias: o Zé Malandro, o Zé do Coco, o Zé da Luz, o Zé Moreno, o Malandrinho, o Camisa Listrada, o Sete Navalhadas, a Maria da Luz, a Maria Navalha e a Maria do Cais. Esta que está ligada à imagem do pescador, da vida, da lemanjá, do porto. Sempre aparece em cidades pesqueiras como Recife, Rio de Janeiro, Santos e Itajaí. Se as nossas Marias também incorporavam entidades espirituais, não se pode afirmar.

O que se sabe é que Olga da Silva também passou a ser chamada de Maria do Cais, por sempre estar ali em volta e desconhecer um lar. Quando não vigiava alguma embarcação, gastava seu tempo lavando roupas ou costurando as lonas rasgadas dos barcos. Também cuidava das crianças daquelas calçadas empoeiradas ou de alguma amiga que precisasse de ajuda. Até no hospital, se não a atendessem com prontidão, levantava a voz mais do que o seu natural e xingava quem fosse preciso.

Lembra o dia em que a amiga Juraci ficou doente, sem ninguém para ajudá-la. A respiração começou a

acelerar, o suor escorria-lhe pela testa. Olga estava consertando as lonas, quando observou a palidez da amiga das ruas.

— Mulher, que há contigo?

— Sei não, Maria, tô passando bem, não!

Olga olha para os lados, ninguém para socorrê-las. Com a força de seu corpo magro e frágil, levanta Juraci, segura-lhe pela cintura, apoiando o braço da amiga em cima de seu ombro e, em passos lentos, mas desesperados, atravessam todo o centro de Itajaí até o hospital.

Meia hora de caminhada, para serem barradas pelos enfermeiros.

— A senhora vai ter que esperar! Tem mais gente na fila... — fala aquele homem vestido de branco, a empurrá-las para a sala de espera.

— Tais maluco? A Juraci tá passando mal, tá vendo, não?

— Vai ter que esperar, senhora...

E lá ficaram as duas, abandonadas, mais uma vez, na espera da ajuda médica que não vinha. Juraci mostrava-se cada vez mais pálida, a testa quente, suor frio, o olhar vidrado, perdendo o brilho. O vai e vem de gente, o barulho de ambulância e aquela atendente exibindo sua calma — sentada confortavelmente na cadeira de ruídos irritantes — tornavam o ambiente ainda mais hostil. Apoiando a cabeça de Juraci em seu ombro e segurando-lhe as mãos, cada vez mais gélidas, os gritos de Olga começam a assustar os médicos fechados em suas salas.

— Pois a mulher tá aqui morrendo, cês não vão fazer nada não? Seus malditos! Que uma praga caia nesse lugar! Nem aqui somos gente, é?

Em meio às lágrimas de raiva, começa a perceber o amolecimento no corpo da colega. Seus olhos

lentamente se fecham. A mão perde a força, os dedos se abrem. O suor frio do rosto começa a secar. Ainda insiste em dar-lhe palmadas leves no peito e na face. Vamos, Juraci, fica viva, vamos, mulher, tens família pra cuidar! Nada. Permanece imóvel.

Olga arruma aquele corpo nas cadeiras, colocando as mãos negras da colega em cima do tórax, na mesma posição que os mortos ficam nos funerais. Olha para os lados: todos a observam, sem soltar uma palavra sequer. Ela enxuga as lágrimas e, ao enxergar um daqueles homens de branco se aproximando, seu rosto ganha marcas de fúria e desgosto.

— Olha aqui! O que tua mulher tem que é melhor que uma preta? — grita ao médico, irritada com o preconceito de raça e classe social, segurando-lhe pelo braço e fixando seu olhar raivoso no semblante cínico daquele homem que deveria salvar vidas.

Nesta época em que a amiga Juraci deixou cinco netos aos cuidados de Maria, ela e mais noventa pessoas moravam no velho prédio da prefeitura — localizado no centro, próximo ao rio Itajaí-Açu, em uma das regiões mais antigas da cidade —, que foi demolido em 2003, junto com outros casarões da cidade. Crianças, mulheres, jovens e velhos começaram a abrigar-se na chamada “Casa da Maria”, por ser uma das primeiras pessoas a ocupar o local, em 1960. O prédio estava destinado à construção da Alfândega, com investimento federal. Mas as obras haviam parado por falta de recursos.

Naquele casarão inacabado, sem pintura nem janelas, com goteiras que caíam do telhado mal feito, as pessoas ganhavam calorosas boas-vindas de Maria. Podia vir quem quisesse, que espaço ali haveriam de

encontrar. Pelo menos, a chuva, o frio e o medo não seriam mais inimigos dos companheiros das ruas e das calçadas.

Maria era como uma líder para aquela gente: nada de briga ou confusão, senão os *hóme* vão descobrir!, sempre alertava. Toda a vez que policiais se aproximavam do prédio para averiguar o que acontecia ali, os moradores apagavam as luzes da Alfândega, com medo de serem ameaçados. Mesmo que homens fardados ainda quisessem tirar satisfação, Olga dava um jeito:

— Vai uma cachacinha aí? Um camarãozinho...

E assim, os policiais e os moradores do prédio abandonado compartilhavam o mesmo espaço. Ali dentro, faziam festas, dançavam, preparavam pratos com peixes. Se não houvesse comida, fritavam até pele de rato para sustentar a fome. Maria nem conseguia pensar naquilo como fonte de alimento. A cena era tão desconcertante, que ela preferia ficar sem comer a experimentar aquele bicho de esgoto. Quantas e quantas pessoas morreram ali dentro, sob os seus cuidados, sem que ela conseguisse evitar a infecção ocasionada pelo animal.

No prédio abandonado, assim como pessoas morreram, crianças nasceram, casais se separaram, outros se conheceram e muitas mulheres recebiam seus maridos nos quartos para ganhar algum trocado. Mas sem desorganização: as famílias ficavam em um lado, os solteiros dispunham de outro canto.

Maria não morava ali, mas em uma casinha de madeira, construída na parte de trás do prédio, onde continuava a costurar lonas de barco para ganhar algum dinheiro. Quem visitasse sua casa já via a organização daquela mulher: uns até se espantavam com a higiene do local, o lençol cuidadosamente

estendido sobre a cama e as poucas roupas limpas e dobradas.

Até hoje, Olga gosta de tudo bem organizado: pode até não viver em boas condições financeiras, mas mantém a casa sempre arrumada, com algumas flores em cima da mesa e um lanche para oferecer a quem vier lhe visitar.

A pele lisa deu lugar a marcas profundas, já revelando os seus 75 anos. Os cabelos negros continuam longos, mas agora se misturaram a um grisalho sem vida. O olhar revela a tristeza e o rancor do passado. As pernas? Estas não a ajudam muito, por causa do reumatismo. Mesmo nessas condições, não reclama. Até porque, como ela diz: “Deus sempre esteve do meu lado”. Convertida à religião evangélica, orgulha-se em rezar ao acordar, na hora das refeições e principalmente à noite, quando agradece mais um dia. Mas ainda guarda algumas características que a deixaram conhecida na cidade, como os palavrões perdidos entre as frases, o falar alto e a sinceridade em dizer o que pensa.

Não se importa com o que os outros andam falando por aí. Ela é Olga da Silva Leutério, muito mais que a Maria do Cais. Nem gosta de lembrar aquela época: faz esforço para esquecer o que aconteceu, embaralha lembranças, nega que participara de qualquer forma de prostituição. Afirma que estava no cais para cuidar dos barcos, vender peixe, costurar lona, nada mais.

Hoje, vive na periferia de Itajaí, em uma casa pequena e simples, mas com a grama do quintal sempre aparada e as palmeiras enfeitando o jardim. Já morou também no Nossa Senhora das Graças, um dos bairros mais pobres da cidade, localizado no morro que beira a universidade e revela a cidade de contrastes.

Ali, foi sua primeira casa própria, após tantos anos dormindo embaixo das marquises, passando por humilhações, arrumando brigas, aprendendo com a vida nas ruas.

Seu último ano no prédio abandonado, antes de conseguir a casa, foi em 1971. O presidente Emílio Garrastazu Médici, após muita intervenção das autoridades da cidade, fez a doação do edifício para a construção da prefeitura. Seria uma maneira de “limpar Itajaí”, como diziam. Quem abrisse o Jornal do Povo, naquela época, lia a seguinte informação:

Dentro de pouco tempo estará tudo desocupado e as obras de conclusão do prédio serão iniciadas. Um saneamento para a cidade. Aquilo estava envergonhado a todos nós.

Pessoas haviam se tornado sinônimo de imundície para aquelas autoridades, vestidas em seu terno feito por alfaiates; ou para as mulheres, embelezadas com pérolas e gargantilhas douradas. Que tipo de sujeira significavam aquelas crianças brincando com bolas de futebol feitas de meias, mulheres lavando alguma roupa, homens a consertar sapatos ou relógios quebrados descartados por outros? Suas peles até poderiam estar encardidas pelo pó que se desprendia das madeiras empilhadas no cais; os cabelos certamente eram mal cheirosos pela falta de oportunidade em garantir banhos diários; sob as unhas havia a sujeira das ruas. Mas eram pessoas e não um lixo que poderia ser retirado dali e jogado em qualquer lugar, longe do centro da cidade.

No entanto, foram tratadas como tal. Crianças, mulheres, jovens e velhos tiveram que reunir os objetos pessoais, os jornais que serviam como colchões, as

poucas peças de roupas que lhes garantiam abrigo. Maria deixara as lonas dos barcos para trás, assim como as lembranças dos 11 anos vividos ali. Se houve briga com os policiais na hora da saída? Ela mesma não lembra. Só queria que toda aquela gente fosse levada para um lugar decente, uma casinha para morar.

Olga ganhou sua casa, mas não sabe onde foram parar os outros 90 membros da família que conquistara nas ruas. Hoje, nem gosta de passar pelo porto, muito menos comentar seu passado para os muitos curiosos que vêm procurá-la.

— Por mim, quero que queime tudo! Aquilo foi coisa do diabo! — diz, revelando, com mágoas, a raiva daqueles tempos e das lembranças do cais.

9. À ESPERA

“Nenhuma rede é maior do que o mar
Nem quando ultrapassa o tamanho da Terra
Nem quando ela acerta, nem quando ela erra
Nem quando ela envolve todo o planeta.”
(*A Rede – Lenine*)

Cheiro de café. Seis horas da manhã. Ruídos de vozes, acordadas. Barulho de motor. Onde se escondeu o som do mar? Não há, disse Zé Maria. E o sopro do vento? Fugiu. Subo para o toldo. “Lá no fundo, ainda vê terra. Amanhã, já não existirá mais”. Apenas o azul claro do céu, e o *royal* do mar. Para que lado ficou Itajaí?

No convés, lá trabalham, usando luvas, botas de borracha. Zé Maria junta-se às máquinas, puxa a rede. De 15 quilômetros de comprimento. Deixada a quase 500 metros de profundidade. Trabalho de um dia inteiro. Força nos braços, para cumprir a tarefa; nas pernas, para equilibrar-se. Ondas nervosas. Gê desata os nós dos fios rompidos. Mãos que exibem uma prática descomunal. Mistura-se àquele emaranhado de malha. Aprisiona-se à profissão.

A máquina suga a rede vazia para cima do convés. São mil redes em cada viagem, 50 metros cada uma. Eca e Tetu puxam-na, músculos acompanham o movimento. No antebraço direito, Tetu revela a tatuagem que fizera ainda quando pequeno. O nome de sua mãe, escrita com lâmina quente. Letras inocentes de criança.

De alguém que mal saiu da juventude. Vinte e poucos anos, chapéu de palha, cigarro na boca. Valdeci, seu verdadeiro nome. Puxa a rede, rasgada, vazia. Eca mal me olha. Nem bom dia. Baixa os olhos, envergonha-se. De quê? Cabelos compridos, pouco acima do ombro, mechas claras e ressecadas. Marcas de expressão profundas ao redor da boca, dos olhos. Envelhecem sua idade, traços do sol. Por que ele se chama Eca? Sei direito, não, tenta explicar Zé Maria. Dizem que ele enxerga uma agulha a mil metros de distância, esse João Carlos!

Vai, Eca, fala com a menina! Ri, ri, ri. Esse gosta de falar, não! Mas é assim ó... Por festa e mulher! É com ele mesmo! Ô, Xamixunga, vamos rapaz, rá-rá-rá! Barulho de motor, de máquina, das ondas? Não, agora é a vez das vozes do Zé. Responsável por muitos apelidos. Pelas brincadeiras. Risadas alegres, espontâneas. Agüentem, sou assim mesmo! Este Zé, falador. Gosto do que faço, viu moça? É daqui que tiro meu sustento. Fico parado, não. Quando estou em terra, coitada da mulher! Viro pedreiro, carpinteiro, pintor. Mas o que eu gosto mesmo é de ver o gado. Lá na fazenda de um amigo. Aqueles bois todos correndo de um canto a outro. Ô, beleza! Lembra a infância: na roça, nas pastagens. Mas lavoura não dava dinheiro. Pestes, pragas, preços baixos dos produtos. Fui para a pesca. Eu e Paulinho. Sou a cara dele, sem a barba e o cabelo comprido, mas com o meu bigode, pouco grisalho. Tenho a minha carteira de mestre. Sem saber escrever direito, veja só. Como fez a prova? Um amigo lia as questões. Mas, pode? Pode?, sei lá se pode! Mas estou aí. Aqui no mar tem regra, não. O negócio é experiência. E alegria! Comigo tripulante cai na gargalhada! Meu irmão? Esse

não. Ele é quieto, calado. Sua cabeça é como aqueles computadores, sabe? Toda hora em alerta. Preocupação com a pescaria, com a produção que vai levar para a terra, a cobrança do patrão, o mau tempo. Com nós.

São dez vidas que tenho aí. Dez famílias. Se não há peixe, como sustentar? Quase 20 anos com essa responsabilidade. Aprendi com os outros mestres, curioso mesmo. Estudei, tirei carteira. Como eu sei onde tem peixe? Intuição. A gente joga a rede e testa. A localização exata, anoto aqui. Um caderno repleto de linhas e números — só ele entende. Em outra viagem, cá estamos nós, a procurar a bóia da malha. A puxar a rede e ver no que vai dar. Dormir? Umas quatro, cinco horas. Problema é quando vem gente com droga. E como tem... Não quero tripulante assim, não. Tenho dez vidas aqui, menina! Olha lá, chegou um peixe!

Finalmente, após quase duas horas de puxada. O único peixe que veio. Veja só, época de desova. Boca corta a barriga, revela os ovos. Defeso para esse aqui, tem não! Aquele sorriso sereno, olhar preocupado. É a natureza pedindo socorro! Muito barco, pouco peixe. Lucro baixo. Cada pedacinho de mar tem dono. Olha o azul aí, imenso. Está privatizado. Tudo! O que tem no mar deveria ser de cada cidadão. Não dou 30 anos para a pesca acabar. Tem que respeitar as leis ambientais. Virou anarquia. Minha mulher, grávida, que linda!, é agrônoma. Também luta pelo meio ambiente, lá em Imbituba. Tem que preservar. Nem tudo é para sempre.

E os que acreditam na pesca? Está lá, o Bruno. Tímido, quieto. Abandonou o estudo aos 18. Gosto disso, não. Meu negócio é pescar. Se o pai estivesse vivo, nunca iria deixá-lo sair desse jeito. Mãe, vou embarcar com o tio Paulo! Não, meu filho, vai estudar. Mãe, eu quero é

pescar! Lá se foi. Saudades daquela mulher, sua maior companheira. Primeira viagem. Encosta-se na borda, olha para o mar. Movimento que lhe perturba os pensamentos. Garganta sufocada. Cheiro de café, de óleo, do peixe. Puxa a rede, pára, retoma os sentidos. Pálido, boquiaberto. Aquele vai-e-vem, ondas constantes. Insiste, braços ainda magros. Os olhos azuis se embaralham. Mal sente o corpo. Queria estar deitado, deixar o enjôo ir embora, tirar as botas do pé, o macacão a prendê-lo. Mas, vai passar, tem que passar.





10. LUIZ CARLOS

“Tenho vontade de ir pra lá. Sempre dá
aquela vontade de voltar.”

(Luiz Carlos da Cruz)

A caneta passeia nervosa entre os dedos calejados da última viagem. Coça a testa, fita aquele pedaço de papel que o desafia, olha para o relógio. O som dos ponteiros atravessando as horas parece ensurdecedor: preferia o barulho do motor do barco à quietude desconcertante de sua casa. Joga a caneta em cima da mesa, interrompendo o ruído contínuo das horas. Suas mãos arrastam-se pela face e gradativamente descem ao pescoço até alcançarem a nuca; a cabeça é pressionada para baixo e os olhos encontram, mais uma vez, aquele papel ornamentado por poucas palavras. Os minutos parecem atropelar o tempo, enquanto as recordações tentam resgatar alguma experiência profissional em terra: como acrescentar outros trabalhos, se toda a sua vida fora dedicada à pesca?

Nem a escola havia freqüentado direito: quando estava com 16 anos, misturava-se àquela meninada da segunda série, com pouco mais de dez. Nunca conseguia acompanhar as matérias: não por má vontade, mas pelas constantes crises de epilepsia — seqüelas da meningite que adquiriu aos 4 anos de idade. Os ataques epiléticos deixavam os músculos contraídos, a respiração ofegante e o seu corpo rendia-se ao chão. Quantas e quantas vezes sua mãe teve que levá-lo para casa e

acalmar o menino, que chegava a assustar os colegas e deixava professores receosos em mantê-lo em sala.

Dona Zilda dedicou-se ao garoto com cuidados especiais, assim como criara os outros cinco filhos, enquanto o marido “se sacrificava nas ondas do mar para trazer o sustento para casa”, como ela mesma dizia. No entanto, Luiz precisava de remédios e consultas médicas freqüentes: tudo custava caro, mas aquela mulher sempre dava um jeito no orçamento da família. E assim foi, até os 15 anos, quando a cura finalmente veio para derrotar a doença.

Luiz tenta novamente entrar na escola, sem aqueles ataques epiléticos que tanto o atrapalharam. Mas as carteiras, os livros, o quadro-negro e as crianças sufocam. Sente-se incomodado: mexe-se na cadeira, desconcentra-se com o ruído do giz que não pára de escrever e sente repúdio aos mandamentos da lousa. Aquelas regras de divisão silábica, mapas cheios de curvas e palavras, números e símbolos não ganham sentido algum para ele. Por um instante, perde seu olhar em direção à única janela entreaberta, de onde é possível enxergar o pátio da escola que pouco aproveitara quando criança. Não seria a hora de reviver a infância: precisava de um emprego, bem mais do que se trancafiar naquela sala e afogar-se nos cadernos.

Dias depois, dona Zilda está lá, apoiada no portão de casa, a ver Luiz Carlos acompanhar o pai Zé e o irmão mais velho nos convés das embarcações de parrelha.

Luiz gostava mesmo era da cozinha do barco. Não se incomodava com algumas exigências dos companheiros de trabalho: muitos queriam mordomia, receitas

diferentes e frescuras. Mas ele gostava de inventar bolos, tortas, almoços e jantares que lembravam a comida de sua mãe. Entre um tempero e outro, o cheiro de pirão impregnado na cozinha e uma tampa de panela que caía entre as suas pernas com o movimento do barco, conseguia dedicar-se ao fogão e também à pesca. De meia em meia hora, ia dar uma olhada no almoço, mas já voltava para a pescaria.

— Ó o peixão, ó o peixão, ó o peixão! — grita Luiz, emocionado ao ver a rede puxar uma garoupa de quase 20 quilos.

Os outros tripulantes correm à borda do barco para acompanhar a cena, já rotineira, mas que agora trazia alguma surpresa. Como era bonito ver aquele peixe jogado no convés, a se debater incansavelmente em uma inútil tentativa de fuga. Os olhares hipnotizados dos tripulantes transformavam aquela imagem em um espetáculo ainda maior — talvez um exagero para aqueles que não entendessem o quanto a pescaria significava para esses homens.

— Ô, desse aí, todo mundo vai duvidá lá em terra! Êta, peixão forte! — dizia o irmão Cláudio, que tentava dominar a garoupa, enquanto os outros tripulantes aproximavam-se daquele que seria o melhor presente da viagem.

— Ah, mas não vou passá por mentiroso nessa, não! — responde Luiz, que já se dirigia ao quarto à procura da velha câmera fotográfica.

E lá iam eles, fazendo pose, alegres com a pescaria, entre os vários *clicks* e o ruído da câmera a puxar o filme. Havia as duplas que seguravam a garoupa pela cauda e pela cabeça, criando a composição perfeita para as tradicionais fotografias de pescador. Outros,

mais egoístas, desafiavam o comprimento do peixe similar à própria altura para se exibirem aos *flashes* controlados pela empolgação.

Mal sabia Luiz que, em terra, aquela seria mais uma das velhas histórias que nunca poderiam ser provadas: em todas as poses, nos sorrisos daqueles exímios pescadores e na garoupa de 20 quilos apareceria uma misteriosa mancha negra, resultado do filme que fora velado, sabe-se lá como.

Com o currículo incompleto em mãos, batia na porta de cada empresa, à procura de algum trabalho que lhe garantisse um bom salário: não precisava ser muito, só o suficiente para viver. Mas a resposta à sua insistência vinha com um incômodo eco.

— Ah, você é embarcado? Esquece! Pescador começa a trabalhar aqui e, depois de dois meses, abandona tudo e volta pro barco...

Segunda série incompleta e trabalhador da pesca industrial: que empresa haveria de valorizar um currículo daqueles? Ele mesmo nem questionava os empregadores: também não tinha certeza se iria suportar a rotina em terra.

Os classificados até ofereciam vagas para trabalho, mas a maioria reivindicava ensino fundamental completo. E lá ia ele atrás de uma chance como pedreiro, marceneiro, carpinteiro e onde mais pudesse trabalhar, para aumentar a renda. Mas eram apenas trabalhos temporários: nada que fosse tão gratificante quanto ver a rede cheia de peixes.

Na última empresa que deixara currículo, disputava 40 vagas com mais de 1.800 pessoas para ajudante de

carga. Impossível ser escolhido.

— Ou não... O chefe escolhe mais por foto e não por experiência — disse a secretária, enquanto guardava a fotografia três por quatro daquele rapaz moreno, cabelo curto, olhos delgados e levemente esverdeados, os lábios finos e retos, de quem prefere pouco falar. Uma pequena esperança a ele que procurava aquela vaga: não era necessário pensar muito, apenas ter a força para agüentar um dia inteiro de trabalho pesado.

Em casa, era raro ouvir o imprevisível barulho do telefone. Ficava mesmo à mercê do ruído do relógio e seu lento movimento de ponteiros. Mas, justamente no dia em que poderia sair a resposta da tal empresa, o abandonado instrumento em cima do balcão da sala decide exibir o som estridente. Luiz levanta-se do sofá, assustado, após a interrupção daquele cochilo. Espera o telefone tocar mais uma vez, para garantir que não era sua imaginação ou simples sonho. Graças a Deus, ele insiste em uma nova tentativa. As mãos trêmulas pela ansiedade tentam mantê-lo firme à orelha, enquanto, do outro lado da linha, a inesperada proposta vinha de um trabalho onde a experiência e a responsabilidade eram as principais exigências.

— Pronto para mais uma pescaria? — disse Graciano, mestre de barco com o qual trabalhara durante dois anos.

— Quando?

— Hoje à tarde.

Hoje à tarde, hoje à tarde... A precisão na resposta o incomodava. Teria apenas algumas horas para arrumar suas coisas, despedir-se da família e, novamente, abrir sua carteira de trabalho e a licença como

tripulante. Não iriam chamá-lo para ajudante de carga, não teria essa sorte. Precisava retornar àquele emprego que lhe garantia maior segurança e valorização pessoal e profissional.

Dois dias depois daquela partida, dona Zilda atende ao telefone: Luiz Carlos estava entre as vinte últimas vagas oferecidas pela empresa.

Vento calmo, pescaria boa. Enquanto puxa a rede junto a Márcio, pensa em como estaria sua esposa Márcia e o filho Luiz Henrique, que nasceria em poucos dias. Como queria estar perto dela, quando o menino soltasse o primeiro choro e abrisse lentamente aqueles olhos miúdos que insistiam em desafiar a claridade.

— Recebeste a mensagem? — a pergunta surge repentinamente, em meio ao som constante do mar e aos pensamentos de Luiz.

Olha para o companheiro, ainda tentando entender o que havia questionado.

— Não recebeste a mensagem? — insiste Márcio — O teu filho nasceu!

Os movimentos de Luiz Carlos tornam-se dispersos e, por alguns segundos, esquece a rede que estava puxando há horas.

— Ele nasceu, ficou dez dias no hospital em estado grave, mas agora tá melhor. — completa, com palavras secas e frases diretas.

Luiz não conseguia mais se concentrar no trabalho. Aquelas notícias, fragmentos do que havia acontecido em terra, pareciam pesar sobre seu corpo. Márcio tenta

desenrolar os nós surgidos na rede, no momento que o companheiro parou de puxá-la.

— Não me falaram nada... — é só o que consegue dizer, enquanto seus pensamentos idealizados sobre o nascimento do bebê se misturavam às imagens do garoto internado, de sua mulher chorando, da família à espera.

— Pois é... O mestre de barco soube da notícia, mas não quiseram te avisar. Só que já tá tudo bem, não te preocupes...

A raiva momentânea se intensifica conforme puxava a rede. Como o mestre pôde esconder essa notícia? É obrigação avisar quando existe algum familiar precisando de cuidados urgentes em terra. Ah, com certeza, a produção falou mais alto: imagina quanto gastariam de óleo para levá-lo até o continente? E quantos dias de pescaria perderiam?

Mas, naquele barco, estava uma equipe, não apenas trabalhadores individualizados: todos ali têm família e sabem o quanto é desgastante a rotina de não tê-la por perto. Agora, conseguia compreender muito bem as saudades dos pescadores, quando precisavam afastar os filhos de seu colo nas horas das despedidas. E, mais tarde, entenderia o que é enfrentar a desconfiança daquelas crianças, ao temerem o próprio pai.

Quando chegava a terra, Luiz Henrique, já com seus dois anos, não vinha lhe cobrir de abraços, como deveria fazer todo o filho. Preferia esconder-se em algum canto e observar, com desconfiança, aquele homem estranho que, mais uma vez, voltava para casa. Sabia apenas que deveria chamá-lo de pai. E seu pai ia, ficava um mês fora.

E seu pai retornava, para permanecer dois dias em terra. E seu pai lhe dava um abraço e um “até mais!”.

— Rádio Costeira de Itajaí, câmbio! Vento nordeste, força 5, câmbio!

Do outro lado do aparelho, Luiz ouve a voz do mestre do Baía Dourada I — embarcação para qual trabalhara durante dois anos. Engraçado estar ali, finalmente empregado em terra, mas servindo àqueles homens que eram companheiros de trabalho. Trabalhadores com quem dividira as redes de pesca, algumas conversas no convés e os triliches apertados dos barcos. Havia saído do mar, sem abandoná-lo completamente.

Passa suas madrugadas na rádio desde junho de 2006, após cinco meses vivendo apenas com o seguro-desemprego. À noite, raríssimas pessoas o chamam: todos dormem para, às cinco horas da manhã, comecem mais uma rotina no barco. Às vezes, recebe alguma notícia de embarcação atracando ou saindo do porto. Senão, o mesmo silêncio que invadia as noites em alto-mar o acompanha agora em seu trabalho na estação.

Ao chegar a casa, sua mulher está saindo para outro dia movimentado na lanchonete mais antiga da universidade da cidade: x-salada, pães-de-queijo, um refrigerante, por favor! E ela, a repetir: número dez, número vinte e sete, pedido pronto!, do outro lado do balcão.

Luiz fica em casa, lava uma roupa, faz o almoço, cuida dos dois filhos e ainda consegue encontrar tempo para dedicar-se novamente à escola e a um curso para trabalhar como rebocador. Dias bem diferentes do tra-

balho repetitivo no barco. No entanto, o casal permanece separado: não pela distância física, mas pelos horários dispersos.

— Antes aqui do que lá longe, sem saber como ele tá! — comenta Márcia, ao perceber o desejo do marido em voltar ao mar.

Mas Luiz Carlos não sabe até quando sua rotina será presa ao cotidiano da cidade. O cheiro do sal misturado ao das panelas de sua cozinha, o puxar da rede, aquele peixão bonito se debatendo no convés. Até o movimento do barco lhe faz falta, a maresia grudando na pele e as marolas que vez ou outra atrapalhavam seu sono.

É muito bom estar lá fora...

11. DÉJÀ VU

“Ontem plena liberdade,
A vontade por poder...
Hoje... cúm’lo de maldade,
Nem são livres p’ra morrer. .
Prende-os à mesma corrente
— Férrea, lúgubre serpente —
Nas roscas da escravidão.
E assim zombando da morte,
Dança a lúgubre corte
Ao som do açoute... Irrisão!...”
(O Navio Negreiro – Castro Alves)

Cheiro de café. Seis horas da manhã. Ruídos de vozes, acordadas. Barulho de motor. Na mesma ordem. Segue a rotina. Puxa rede, suor na testa, desata nós, vem o peixe, mãos calejadas, mata o peixe, calor do sol, balança barco, vem mais rede, enjôo, olha o sapo!, dor nos braços, gela o peixe, cigarro aceso, não pare! A cena cansa. Entedia. Irrita. Meus olhos exaustos acompanham o trabalho. Mesmas vozes. Iguais movimentos. Barulho constante. Lá vem o peixe! Ontem, 150 quilos. Apenas. E hoje? Há de ser melhor. Fé é o que não falta. Então, puxa a rede, vem o peixe, mata o peixe, não pare!

Zunido do motor. Som do mar. Ficou lá na costa. Barulho das máquinas. Música de filme. Chiado dos anos 30. Tapo os ouvidos. Fecho os olhos. Que é isso. Onde está o barco? Para onde foi o peixe? Azul, mar e céu. Viram preto e branco. Engrenagens. Correm

contra o tempo. E ele vai, aperta parafuso, não pára, aperta parafuso, um ficou lá atrás, aperta parafuso, não respira. Produza, homem, produza! É o dinheiro batendo na porta. Produza, homem, produza! Vê lá fora? É privilegiado. Tem emprego. Ganha salário. Mas, e meus direitos? Deixemos para depois. Trabalhe, homem, trabalhe! Tempo é dinheiro.

Lá vai ele. Macacão preso ao ombro. Sapatos pretos, maiores que os pés. Andar rápido. Movimentos bruscos. Aquele chacoalhar nervoso de cabeça. Olhar fixo, não pisque! Trabalhe, homem! Corra contra o tempo. Hora marcada. Aperta parafuso, agilidade nos braços, aperta mais um. Vamos, vamos, vamos! No ritmo das engrenagens. Pela melodia das máquinas. Seja parte delas. Que o sugam. Enlouquecem-no. Sem descanso. Sua função é produzir. Experiência braçal. Sem intelecto. Pensar? Para quê? Apenas, continue, vamos, aperte os parafusos, trabalhe, produza. Automatize. Estresse.

Que vê lá fora? Segunda Revolução Industrial. Máquinas a todo o vapor. Empresas, tecnologia. Trabalho, Produção, Capitalismo. Obedeça-o, meu operário. E olhe lá! O Grande Irmão. A observá-lo, vigiá-lo. Bigode comprido, cabelo liso para trás, olhar austero. Parece Stalin, não? Pois sim, o Estado Máximo impera. Oprime direitos, controla ações. Tens vontades? Pois as esqueça. Sua tarefa é produzir.

E lá vai o homem, de movimentos apressados. Apriornado pelo relógio. Usado pelas máquinas. Sem parar. Esqueça feriados, fins-de-semana. Poucos direitos. Sua companhia? O trabalho. E em sonhos e pesadelos? Permanecem seus barulhos: engrenagem, motor, engrenagem, cobrança. Trabalhe, sem conversas. Quem

é seu colega aí do lado? Desconheço. Não é único. É apenas mais um. Igual a mim.

Pisco os olhos. Volto a enxergar o azul que se perde ao horizonte. A sentir o calor ardente do sol. A ouvir barulho de rede. Um minuto de pensamento. Perdido em meio às cenas de “Tempos Modernos”. Às engrenagens de Charles Chaplin. Preso entre as linhas e páginas de “1984”. Do Grande Irmão de George Orwell. Retorno dos fotogramas em movimento para a imagem à minha frente. Volto das palavras escritas às poucas conversas ali ditas. Esquecido na cena incansavelmente repetitiva. Puxa a rede, olha o sapo!, mata o peixe, dor nos braços.

Para eles, apenas aquele cotidiano. Trabalhar, comer, dormir, trabalhar, comer, trabalhar, dormir. Vigia-dos pelo mestre de barco. Mas controlados pelo patrão. A produção que lá fora espera. A família nesta dependência. Isso não é vida, não!, dizia o Valdir. Entendo sua rispidez. Sinto-me extasiada.

Zé Maria puxa a rede, Tetu separa a malha, Gê desata nós, Boca corta mais um peixe e “olha só, a natureza pede ajuda”, Marrom pica batatas, equilíbrio nas pernas, Bruno tenta mover-se, sal na pele, Zé rindo, Eca calado, Xamixunga sério. Paulinho, atento, observa todos, da janela atrás do quarto, a engatar e desengatar a marcha, a procurar a rede que deixara na última viagem, a esperar que o peixe venha. Vamos, minha rede! Traga o sustento para estas famílias! A mesma cena, puxa rede, olha o peixe, panela no fogão, tontura do mar, desata nós, equilíbrio nas pernas, sal na pele.

Olho para o mar. Ondas a chocar-se. O horizonte e sua linha. Um azul que dói os olhos. Divina paisagem. Por quanto tempo? Observo aqueles homens. Que a

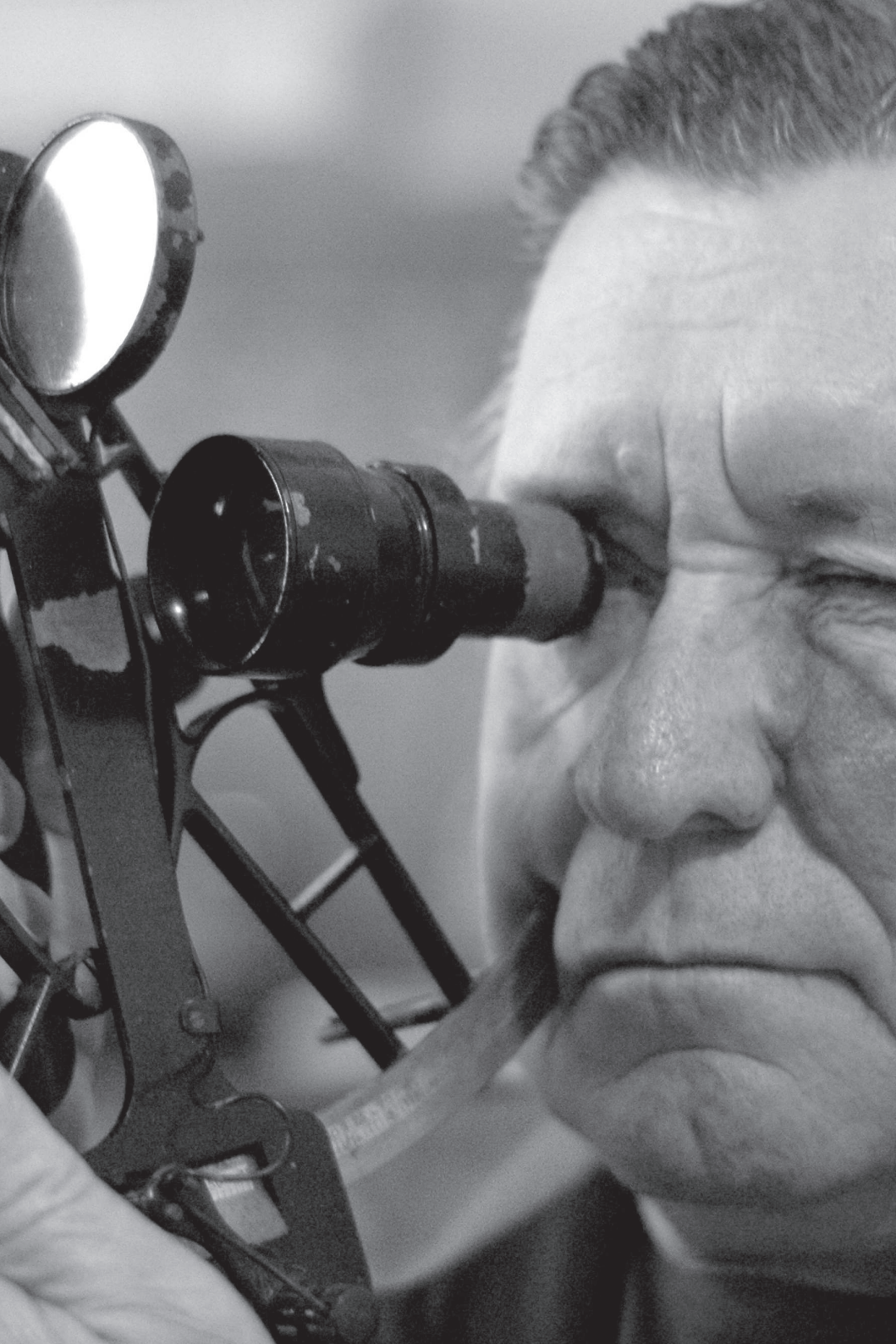
contemplam durante dias. Que cheiram à maresia. Que esqueceram o gosto da terra. Aproveita, menina, que agora tudo é novidade! Diziam eles. Estes já acostumados à beleza daquele infinito. Ao balanço do barco. À companhia do desequilíbrio. Os enjôos de hora e outra. Acostumaram-se às saudades? Ah, isso sim! Não, moça, isso é impossível. Fazer o quê? Tem que trabalhar. Saudades? Sinto falta é disso aqui, quando estou lá em terra.

Uns apaixonados. Outros, revoltados. E aqueles que se aprisionaram. Limitaram-se àquela rotina. À falta de oportunidades em outro trabalho. À justificativa de só isso saberem fazer. Estão ali: semelhantes no trabalho. Mas únicos em personalidade. Em vontades e ações. A maioria se conhece. Outros poucos se fazem conhecer. Mantenha a boa convivência. A paciência controlada. Brigar aqui dentro. Para quê? Não tem para onde ir. Só este mar aí. Vinte e cinco metros de comprimento. Para dividir conversas, espaço, intimidade. Solidão.

Fuja da correria da cidade, imprevistos, gente, luz, carros. Obrigações, tarefas, bom-dias, notícias. Aqui, estamos sós. Sem saber o que acontece lá do outro lado. Pesca, mar, céu, pesca. Puxa rede, descansa, come, dorme, puxa rede. Canso meus olhos. A acompanhar o trabalho que ali se repete. Agonia-me. Deixa-me fraca.

Volto para o quarto. Fujo daquela cena. Nove horas da manhã. Apenas.





12. PINTA PRETA

“A pesca do atum dá
vinte anos e vai acabar.
Só sai barco, pesca
indiscriminada, sem qualidade.
E o pior: quando se pesca tudo
que vem do mar é bom.
Mas, aqui, se joga fora, porque
(a qualidade do pescado) é ruim.
O Ministro da Pesca tinha que ir pra
Portugal pra ver como trabalhar e
conservar os cardumes.”
(Manoel da Costa Santos)

Como lhe arde aquela ferida exposta no braço direito, onde ali permaneceria para sempre, sem que pudesse se esconder da cicatriz. O corte apresenta um brilho formado pelo suor e pela carne rasgada. Nem mesmo os pêlos que cobriam os braços se mostram confortáveis em nascerem próximos à pele agredida. O sol ajuda a cicatrizar o machucado, junto ao sal que, vez ou outra, desprende-se da água. Como arde. Ainda lembra quando ouviu aquele som se aproximando vagarosamente a chicotear o chão de madeira e a borda do barco. Consegue enxergar, de relance, o vulto de um homem que caminha em sua direção, junto à sombra da cauda de arraia a balançar desordenadamente. Ele pára ao seu lado. Chicoteia o ar, assustando-o ainda mais com o ruído que se dispersa ao vento. Consegue apenas retraindo seus movimentos e abraçar as próprias

pernas, encolhidas junto ao abdômen. Sente a primeira ardência tomar-lhe o braço. Pisca os olhos. Sente outra dor mais intensa, no mesmo local. Não tem forças para gritar. Mais uma vez, o chicote encontra seu corpo. O rosto todo se contrai, tentando sufocar ainda mais os gritos. Esse castigo se estende por poucos segundos, suficientes para deixá-lo tomado de uma agonia que faz todos os músculos latejarem. Suas pernas e braços tremem, sem controle sobre os movimentos.

Quando falaram que o tratamento ali seria à base de severas regras chegou a rir dos companheiros. Medo? Não conhecia essa palavra: até então, ninguém havia conseguido mostrar-lhe seu significado. Ainda mais ele, que tinha dois assassinatos nas costas. O sangue escorre pelo antebraço, desce à canela e se perde em meio aos pêlos da perna. São apenas algumas gotas que caem da ferida, talvez para provar que ali permaneceriam as marcas da desobediência. Nem mesmo nos anos de cadeia havia sido tão humilhado fisicamente: abandonara a prisão em terra, mas teria de se acostumar ao cárcere em alto-mar. Observa, com mais atenção, aquele corte, rigorosamente delineado pelo chicote de cauda de arraia, que revela as camadas de sua pele.

Já conhecia a história do temível mestre de barco, que andava sempre armado: seja com um facão preso à cintura, um revólver e, principalmente, aquele chicote de arraia, que o tornou conhecido nos mares do Atlântico Sul. A baixa estatura não se mostrava como marcas de fragilidade: ao contrário, o porte físico exibia músculos delineados nos braços — resquícios dos anos na puxada de redes ou nos remos dos barcos à vela —, impondo respeito e temor. Ele iria lançar vários caíques na água, à procura de cherne, namorado e bata-

ta. Quando chegassem aos violentos mares do sul, cada pescador entraria em um daqueles botes para permanecer ali, durante todo o dia, pescando os peixes mais nobres com frágeis linhas de *nylon*. Não, ele não podia suportar o mar, sem segurança alguma, enfrentando as marolas que vez ou outra tentavam emborcar os caíques, enquanto o mestre permanecia na embarcação principal, passando lá de vez em quando para entregar alguma comida ou averiguar o trabalho.

— Não vou! — disse, ameaçando-o com uma faca.

— Pois, tu vais! — revida o mestre de barco, já chicoteando o ar.

Não havia escolhas. Se fosse para outra embarcação, poderia encontrar o mesmo tratamento.

Como lhe arde aquela ferida exposta no braço direito: a cada puxada de linha, com o próximo peixe que enchia o bote, ele sente a água penetrar em seu machucado, cicatrizando-o com uma incômoda dor. Olha, mais uma vez, o corte que suga a pele. Para sempre, a cicatriz permaneceria ali, fazendo-o recordar os anos como prisioneiro do mar.

Caminha vagorosamente, e um tanto desajeitado, em direção ao quarto. Os joelhos, levemente curvados para fora, hoje sofrem dores constantes por causa dos anos trabalhando em pé, quase 20 horas por dia. Vez ou outra faz um pouco de musculação para exercitar as pernas, atingidas pela artrose. Ou pega a sua bicicleta e se mistura aos mais de 50 mil moradores de Itajaí, que também usam a “zica” para ir ao banco, ao trabalho, à escola, ao mercado. Às vezes, pedala durante uma manhã inteira, atrás de exame médico para a esposa,

alguma compra na padaria, uma visita rápida aos amigos do Sindicato dos Pescadores. Mas quando o meio-dia se aproxima, lá passa ele ao lado da janela de seu apartamento térreo, em direção à garagem, para guardar a bicicleta já enferrujada pelos anos de uso. A cadelinha Tuxa, que veio de Portugal, assim como o dono, acompanha a chegada pela sombra projetada na fresta da porta, enquanto Marília, sua esposa há quase 50 anos, prepara carne assada de panela — a comida preferida do marido.

Quando volta do quarto, traz uma caixa de madeira empoeirada e com teias de aranha ao redor, revelando que, há muito tempo, não encosta no objeto guardado com o mesmo mistério de um tesouro de grande valor. Tira um pouco o pó com uma passada rápida da palma da mão sobre a madeira, assopra a sujeira mais grossa e desengata o frágil gancho que tranca aquele caixote. Ao abrir a tampa do pequeno baú, um objeto estranho, feito em metal com formato de semicírculo, onde estão fixadas lentes com diâmetros variados, ainda revela um certo mistério. Aquela geringonça, esquisita para quem hoje conhece apenas o GPS e a bússola, apresenta quase o mesmo comprimento do rosto arredondado de Pinta Preta. Com um carinho incondicional ao instrumento que, durante anos, acompanhou-o no mar, ele tenta ensinar como funciona o chamado sextante. Isso aqui é lá dos tempos de Cabral, diz orgulhoso, com ênfase à letra “l” do nome do navegador conhecido nos livros de História, denunciando o sotaque ainda vivo de Portugal. Você escolhe as lentes que quiser, olha por este orifício e tenta alinhar o sol ao horizonte. Aí, você pára o cronômetro e já pode começar os cálculos e ter a posição exata, com latitude e longitu-

de; continua, como se o tal sextante fosse assim tão fácil de entender.

Manoel, típico nome português atrás do apelido que lhe garantiu fama, conheceu o aparelho através de um mestre de barco, em 1967. Dois anos depois, com apenas 29 anos, ele ganhou a confiança para comandar uma embarcação com mais de 30 tripulantes. Apenas se guiando pelos astros e, principalmente, pelo sextante. Apertava o cronômetro e abria seu caderno, cheio de cálculos indecifráveis, para fazer as quatro operações matemáticas em menos de dois minutos. E olha que só estudei até a terceira série primária, justifica, orgulhoso de sua habilidade com números. Durante 20 anos, o instrumento foi utilizado pelo pescador português, até as novas embarcações conhecerem o tal GPS — ou Sistema de Posição Global, como dita a sigla americanizada — que, vez ou outra, apresentava algum problema técnico. Mas, Pinta Preta nunca deixara o sextante falhar: ele foi sua companhia mais confiável durante uma das viagens que o consagraram como exímio mestre de barco, em 1973, quando expandiu a pesca no litoral brasileiro.

— O quê?! Cê vai sair daqui do Rio de Janeiro pra parar lá no Chuí? — diziam os colegas de trabalho, taxando-o de louco e aventureiro demais.

— Se lá tem água salgada, então tem peixe! E esse peixe ninguém conhece... Pois sou eu que vou mostrar! — dizia, com uma segurança que causava um certo espanto à tripulação ansiosa.

Lá foi ele, a bordo do Santa Rosa, rumo ao extremo-sul brasileiro, na fronteira entre Brasil e Uruguai. Levava 31 homens que, em solitários caíques, pescariam cheme, batata e namorado, apenas acompanhados por um anzol profundo. Pinta Preta ficava atento às necessidades dos

tripulantes, sempre navegando próximo aos pequenos barcos espalhados nos mares do sul, entregando comida ou garantindo a segurança dos pescadores. Ao anoitecer, eles retornavam às embarcações, trazendo quilos e quilos de peixes: cinco dias de trabalho garantiam 45 toneladas de pescado.

Esse tipo de pescaria ficou conhecido como pesca do Mar Novo, uma tradição trazida pelos poveiros, portugueses de Póvoa de Varzim, vila de pescadores localizada ao norte da cidade do Porto. Hoje ninguém mais quer ouvir falar dessa pesca, já substituída pelo espinhel, na qual vários anzóis são presos a uma longa linha. Aquilo lá não tinha segurança alguma, comentam uns, ficávamos à mercê da sorte!, dizem outros. Que nada! Aqueles caíques eram também garantia de botes salva-vidas!, afirma seu Manoel. Pois hoje tem patrão que nem compra balsa para colocar no barco. E, quando há, ninguém consegue entender como funciona, porque o manual vem tudo em chinês! Pinta Preta se orgulha em ter comandado as embarcações que apresentavam os caíques. Aquilo era pouco, perto do que já havia sofrido em barcos pesqueiros, lá na vila de Póvoa.

Ah, como foi bom passar a infância morando a poucos metros do mar, onde podia nadar todos os dias. A cidade sempre fora vista como a “Princesa de Portugal”, por suas belas praias que atraíam turistas de toda a Europa e também do Brasil. No país de pessoas com pele clara, aqueles que chegavam com um bronzeado ou uma pigmentação mais escura chamavam a atenção dos jovens poveiros.

— Olha lá, pai, ele é bem preto! — apontava o garoto à porta do hotel, observando a chegada daquele estrangeiro tão diferente.

— Que estranho, né? — comentava outro, a espantar-se com a pele morena que nunca havia visto.

As exclamações das crianças, ainda surpreendidas pelas diferenças étnicas, não soavam de forma preconceituosa: para elas, tudo era novidade.

Póvoa de Varzim tornou-se realmente conhecida a partir do século 19, quando se transformou na maior praça de pescado do norte do país. Os seus pescadores eram vistos, em toda a costa, como os mais laboriosos, experientes e sabedores dos mares, criando a figura lendária do “poveiro”.

O pequeno Manoel precisava manter a tradição da pesca na vila. Com 8 anos, lá estava ele, incansável, a remar nas pequenas embarcações que saíam em um dia e voltavam no outro. Muita força nos braços e nas costas para puxar os remos; quando, nas ventanias mais fortes das madrugadas, tinham que manobrar as altas ondas da costa. Cuidado também no controle da direção da vela, para não se perder em meio aos ventos. E haja vontade para começar a pescaria lá longe, a 50 quilômetros do continente, depois de uma noite inteira remando. Fazia horas que não sentia o gosto da comida na boca: o dinheiro era pouco para tanta fartura. Contentava-se em comer um pedaço de pão com sardinha frita, acompanhado de um copo de vinho, ainda quando o barco estava saindo da costa. Mas nada era pior que aquelas embarcações, com mais de trinta metros, movidas a carvão.

Os tripulantes ficavam no convés, à espera do guindaste que lançaria as toneladas de pedras negras. Nenhum deles vestia roupas adequadas ou máscaras, para evitar que a fuligem penetrasse em sua pele e cobrisse todo o copo, deixando apenas os olhos à mostra. O pó

levantava-se ainda mais, quando todos os pescadores empurravam o carvão para o agulheiro — uma tampa de cobre que dividia o convés do tanque. Lá embaixo, enfrentando o calor aquecido pelas fornalhas sempre acesas, com faíscas que queimavam a pele, os caldeireiros trabalhavam dia e noite para manter o barco em constante navegação. As cinzas e a fuligem só saíam de seus corpos quando chegassem a terra, já que banho apenas era permitido umas duas vezes por mês e ainda com a água salgada do mar. Seu Manoel só conheceu o barco a motor em 1959, quando ganhou fama pelo apelido de Pinta Preta.

A mancha escura que cobre parte da bochecha esquerda, logo abaixo dos olhos e próximo ao nariz, pouco incomodava e até o salvou de ser chamado ao exército. Foi lá em 1961, quando Portugal entrou em combate contra as forças organizadas pelos movimentos de libertação das antigas províncias ultramarinas de Angola, Guiné e Moçambique. Estava ele, encostado em uma parede, junto com mais uma porção de pessoas: todas sérias e ansiosas, à espera do comandante para a incômoda inspeção. A cada passo que saía dos pés daquele homem com expressão severa, Manoel piscava os olhos, movido pelo som de suas botas.

— Esse aqui não serve! — diz o comandante, em meio a uma gargalhada que tomou intensidade maior naquele galpão com poucos móveis. Com essa mancha escura aí na cara, ele vai ser reconhecido facilmente pelo inimigo.

Pinta Preta tenta conter o suspiro de alívio. Não precisaria mais fazer como os outros amigos, que fugiam em um navio ou jogavam-se embaixo de trens, preferindo o suicídio a juntarem-se às Forças

Armadas Portuguesas. Eles sabiam que havia poucas chances de Portugal vencer a reivindicação de independência das colônias, já que estas eram apoiadas internacionalmente a lutar pela autodeterminação.

— Mas foge, rapaz! Ainda serás chamado pra guerra! — aconselha o tio, já lhe entregando o endereço de parentes que moravam no Brasil. Não vais querer ser um homem morto, agora que já estás com três filhos.

O problema é que a tão-promissora-terra-brasileira também se apresentava em “guerra”, naquele mesmo ano. Mas por aqui, o conflito fora preparado por civis. Na época, o então governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, formou uma rede de rádios gaúchas, a chamada “Rede da Legalidade”, a qual incentivava o povo para ir às ruas a fim de apoiar a normalidade constitucional contra o golpe militar de Brasília. Mas o clima de guerra civil armou-se mesmo, quando as tropas da Brigada Militar ficaram em estado de alerta, para defender o Palácio. Durante doze dias, a capital brasileira tornou-se uma praça-de-guerra: de um lado estavam os legalistas, liderados por Brizola e com apoio considerável da sociedade civil que clamava pela constituição; de outro, preparavam-se os golpistas da junta de Brasília, mobilizados principalmente por Carlos Lacerda, líder da União Democrática Nacional (UDN) e inimigo dos getulistas. Ambos dispostos a promover guerra armada, se fosse preciso.

Mas, através da emenda constitucional nº 4, aprovada em 2 de setembro de 1961, substituiu-se o presidencialismo pelo parlamentarismo. Foi então que o vice-presidente, João Goulart, apoiado pela esquerda, inclusive pela União Nacional dos Estudantes (UNE), aceitou assumir o poder executivo com o primeiro-

ministro indicado pelo Governo. A solução parlamentarista conseguiu, por algum tempo, pacificar a agressividade dos partidos de direita e de esquerda, já que não humilhava os chefes militares envolvidos no movimento de impedir a posse, limitando os poderes de Goulart.

No entanto, os protestos em praça pública, as sucessivas greves de operários e agricultores e os conflitos entre esquerdistas e militares iriam se estender até o Golpe em 31 de março de 1964. Ao contrário do que prometeram os sindicalistas, nenhum protesto durou mais de 24 horas. O Brasil, com mais de oito milhões e meio de quilômetros, baixou os olhos e silenciou.

Agora sim, com aquela falsa calma imposta pelos primeiros dias de Regime Militar, era hora de Pinta Preta desembarcar no país-continente.

Desembarcar em um país onde as regras não eram levadas tão a sério, quanto lá em sua pequena Póvoa de Varzim, soava estranho para Pinta Preta. Afinal, o chamado “jeitinho brasileiro” sempre arrumava uma forma de burlar leis e, pior, tornar-se um orgulho para o povo que aqui mora. Um Brasil que parece pouco se importar com as riquezas que tem, desprotegido por uma frágil legislação somada à fiscalização deficiente, as quais permitem qualquer tipo de exploração. Pois tudo por aqui ainda se parecia à antiga colônia dos tempos de Cabral, coisa que Manoel, recém-chegado das terras antes exploradoras dos recursos naturais brasileiros, não conseguia entender.

Havia voltado do Chuí, exibindo as toneladas de peixe pescadas nos mares do sul. Mas, no início, ninguém deu muita atenção àquele pescador, que in-

sistia em comercializar os chernes na Praça XV, no Rio de Janeiro. Numa pequena banca, Manoel tentava vender o pescado, nunca antes visto, por um preço irrisório. As pessoas olhavam desconfiadas, analisavam o peixe, uma e outra compravam algum quilo. O que não conseguia vender deixava ali empilhado, para ser distribuído em troca de algumas poucas moedas. Bem diferente de hoje, quando o quilo do cherne vale quase 25 reais no Mercado de Peixe de Itajaí.

Após a descoberta de novos pescados na costa brasileira, Pinta Preta acreditou que o país poderia enriquecer com a venda de peixes, existentes em abundância apenas no nosso litoral. Mas a tal “abertura comercial” permitiu uma exploração predatória em resposta às demandas empresariais — na época, 75% das empresas de pesca situavam-se nos estados de Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, beneficiadas pelos incentivos fiscais do Governo Federal, a partir do Decreto-lei de 1967. Sem perceber, os trabalhadores, obedecendo às ordens que vinham de seus patrões, destruíram os próprios meios de subsistência. As estatísticas realizadas pelos pesquisadores da época do Regime Militar superestimaram o potencial pesqueiro brasileiro, beneficiando a implantação de empresas de pesca e a liberação de barcos em maior quantidade que as espécies poderiam suportar. Sentiriam as conseqüências da matança desordenada anos mais tarde, quando os pescadores empobreceram gradativamente, ao mesmo tempo em que muitas empresas fecharam as suas portas.

Se peixe no Brasil está escasso, imagine lá fora. A organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação estima que 69% das espécies marinhas

mais conhecidas foram exploradas indevidamente e em excesso, desrespeitando as leis ambientais e o período que estas espécies teriam, para se desenvolver ou se recuperar. Entre 1970 e 1990, a exploração da pesca no mundo cresceu entre 200% e 300%. Mas a produção aumentou pouco mais de 30%, levando as frotas pesqueiras a sofrerem perdas econômicas significativas principalmente em 1989, quando a produção marítima atingiu seu mais alto nível.

Pior ainda quando toneladas de peixe são jogadas fora, por falta de qualidade. Se fosse lá no além-mar de Pinta Preta, o Governo não admitiria isso. Pois escute, diz ele com o olhar repulsivo, na minha Portugal, os barcos-traineiras só podem pegar sardinha após a meia-noite, para trazer o pescado ainda fresco ao consumidor! Os preços também são tabelados no início do ano, para evitar qualquer abuso dos vendedores.

Já aqui no Brasil, quantas e quantas vezes seu Manoel viu quase metade da produção ser descartada. Somam-se a isso, os problemas estruturais dos barcos e a cultura de pesca existente entre os pescadores. Muitas embarcações usam gelo para acondicionar o pescado, quando o melhor seriam as câmaras frigoríficas. Para piorar, muitos pescadores estendem a viagem em alto-mar com o objetivo de trazer mais produção a terra. O problema é que o pescado não agüenta tanto tempo apenas refrigerado em quilos e quilos de gelo. O resultado: estima-se que cerca de 20 a 30% da produção total da sardinha, a espécie mais explorada no litoral sul brasileiro, é descartada anualmente; segundo o Diagnóstico da Pesca Marítima Brasileira.

— Os governantes daqui deveriam ir pro meu país aprender o que é investir na pesca sustentável! Lá,

barco de arrasto que pega tudo quanto é tipo de espécie só pode pescar a 13 milhas da costa e em local autorizado. Por isso o peixe não acaba por aqueles mares!

E em mares brasileiros? Barcos de arrasto até apresentam leis ambientais estipuladas para cada estado. O problema é cumprir estas leis. Seu Manoel lembra bem: a gente sabia que não podia pescar em excesso, pra que pescado sempre existisse nos mares. Mas aqui, a abundância era tanta que o peixe parecia nunca acabar.

Em 1974, por exemplo, Santa Catarina viveu o ápice da produção das traineiras: mais de 92 mil toneladas de sardinha foram capturadas no Estado. No entanto, a fartura de peixes mudou, dois anos mais tarde, quando a produção catarinense não passou de 26 mil toneladas. O que havia acontecido com o peixe? As espécies marinhas não encontram tempo para a desova. É preciso paralisar a pesca nessa época, urgente, porque a sardinha pode acabar — diziam os pesquisadores.

Foi aí que se instituiu o defeso, proibindo a pesca desta espécie durante os três meses de verão, época de desova. E, quase 30 anos mais tarde, o Ministério do Meio Ambiente criou o defeso de três meses de inverno, para proteger os juvenis. A regra era proteger e preservar. A contribuição do defeso para a recuperação das espécies foi tanta que, em 2007, a captura de sardinha em Santa Catarina chegou a 24 mil toneladas.

— Pois lá em Portugal, a gente sabe que tem que respeitar e desembarcamos no defeso de todas as espécies. Só que também ganhamos enquanto estamos parados. Aqui no Brasil, as coisas são diferentes. A fiscalização pouco faz seu trabalho e algumas empresas acabam diminuindo o defeso conforme querem!

Ao pescador, resta obedecer, já desmotivado pelo seguro-desemprego em épocas de defeso, período em que o trabalhador não contribui com a previdência e adia ainda mais a aposentadoria. Nem mesmo com manifestações dos trabalhadores e dos sindicatos, tornou-se possível instituir um seguro-defeso, que garantiria ao trabalhador poder aposentar-se no tempo previsto.

Além do período de paralisação da pesca e o cumprimento de leis trabalhistas, em Portugal, todas as embarcações saem com uma cota para pescar: não poderiam exceder aquela quantidade, senão a licença restringiria ainda mais as toneladas pescadas para cada barco. Quando uma rede puxava mais peixe que o previsto pela cota, o mestre de barco deveria distribuir o excedente entre as outras embarcações, como sinal de coleguismo e respeito ao meio ambiente e às reservas marinhas. Tudo sob rígida fiscalização: um navio da Marinha sempre navega próximo às áreas pesqueiras averiguando qualquer “jeitinho” de burlar a lei.

— Pois aqui, eu nunca vi um navio desses controlar as embarcações! Tem um monte de barco por aí, que sai sem despacho algum pela Marinha, pescando espécies que não deveriam!, critica Pinta Preta que, mesmo após quase 40 anos trabalhando em mares brasileiros, não baixa os olhos frente à falta de organização da pesca industrial.

No Brasil, geralmente a inspeção para analisar a segurança e a licença dos barcos é realizada na costa — no retorno de uma viagem ou saída para nova pesca — pela Capitania dos Portos, sem aviso prévio. Em média, 60 barcos são averiguados por mês, das 650 embarcações cadastradas em Itajaí e Navegantes. No entanto, a fiscalização concentra-se mais nos aparelhos de segurança e licenças para tripulantes e

mestres. Tem tudo isso aqui em terra — continua Pinta Preta — mas ninguém vai lá para o mar ver se há gente pescando em local não autorizado e acabando com o nosso peixe!

A justificativa: fiscalizar os mares brasileiros com embarcações particulares sairia caro para o Governo, principalmente por causa da extensão do nosso litoral. Uma das propostas, regulamentada em 2008, foi regularizar a implantação do Programa Nacional de Rastreamento de Embarcações Pesqueiras. Mas o problema, como sempre, é o “custar caro”. Afinal, todas as embarcações com mais de 15 metros de comprimento destinadas à pesca industrial devem ser catalogadas e equipadas para possibilitar o rastreamento da Marinha do Brasil, com o objetivo de fiscalizar irregularidades ou invasão de áreas pesqueiras não permitidas àquela embarcação. Esse rastreamento já existe em barcos estrangeiros arrendados por empresas nacionais que vêm pescar nos mares brasileiros, os quais também apresentam um observador de bordo para fiscalizar a pescaria.

Semelhante ao que acontece lá na Europa do Pinta Preta, quando vez ou outra um bote da Capitania dos Portos, levando um fiscal a bordo, sai do navio rumo à embarcação, em pleno alto-mar à procura de alguma irregularidade, surpreendendo os tripulantes. Se encontrassem uma rede de pesca não autorizada para aquele tipo de barco, era multa na hora.

— E podem navegar para a terra que vamos dar um jeito nessa rede! — ordena o fiscal.

Mas bem que a gente podia negociar, né? — pergunta aquele português, tentando encontrar um outro jeitinho para resolver a situação.

A resposta vem com um olhar severo, de quem não está ali para ser subornado. Horas depois, com a embarcação atracada à costa, lá estão os tripulantes, em meio à fumaça que se libertava da fogueira, orgulhosa em queimar a rede ilegal.

O que mais decepcionou Pinta Preta foi acompanhar o processo de venda do litoral brasileiro a barcos estrangeiros, principalmente norte-americanos. Eles ganharam os nossos mares por “preço de banana”, como diz o clichê que caracteriza o país tropical. Através de um tratado bilateral, as empresas nacionais se associaram às estrangeiras para a exploração dos recursos pesqueiros, em uma política conhecida como *joint-ventures* — tão americanizada quanto o próprio objetivo de desnacionalização da pesca. E lá vêm as grandes embarcações, com tecnologia de ponta, máquinas que substituem o trabalho braçal do homem, a pescar chernes de dez quilos que mal conseguem passar por essas mesmas máquinas com tecnologia invejável e são descartados. Jogados novamente ao oceano, já mortos, para servirem de comida aos outros peixes.

— Mas, quanto vale um pedaço de mar por aqui? — pergunta o empresário às autoridades brasileiras.

— Ah, podemos fazer um acordo de alguns poucos dólares... ou reais.

— Poucos reais? Excelente... — alegre-se o estrangeiro, já pensando em quanto iria lucrar em cima da nossa moeda.

— Sim, mas seu barco será arrendado pela nossa empresa, dividiremos a produção...

A partir daí, o tal acordo fica entre quatro paredes e a portas fechadas. E pensar que os vizinhos ali debaixo, os

uruguaio que dividem espaço na pesca dos peixes nobres próximos à fronteira do Chuí, cobram o preço do barco — que pode chegar a dois milhões de dólares — para liberar uma licença de pesca na sua costa.

Pior ainda quando Pinta Preta vê pescador sem ter onde morar, ou vivendo de aluguel. Mal ele sabe quanto deu a produção, apenas recebe o dinheiro que lhe garantiram no final da pescaria e vai embora, sem entender por que havia recebido tão pouco se a pesca fora tão farta. Lá nos tempos de Manoel, nenhum tripulante saía da empresa sem conferir todas as notas de despesa e a quantidade de pescado.

Logo depois que descarregava as caixas cheias de peixes, encontrava-se com o dono do barco para conferir as notas. Ali mesmo, na borda da embarcação e rodeado pelos outros tripulantes, estavam o Pinta Preta e o armador a fazer suas contas e a dividir os lucros. Cinquenta por cento ficava para o patrão e a outra metade era destinada aos tripulantes. Muitas vezes, o mestre de barco garantia quatro partes daquelas que seriam posteriormente divididas com os pescadores. Mas hoje, antes mesmo de o barco sair do cais, geralmente dez por cento já ficam para o patrão. A despesa da embarcação — incluindo manutenção, alimentação, gelo e combustível — também é descontada da produção final. Aí sim, o restante é dividido entre o armador e os outros tripulantes.

— Mas, Américo, pior mesmo é quando o mestre de barco ganha uns 200 mil reais por viagem e o tripulante sai só com mil reais! — conta seu Manoel àquele homem batizado com o nome do continente que o acolheu, um de seus quatro filhos brasileiros, pescador industrial nas grandes embarcações atuneiras.

— Pai, como vou saber quanto o mestre e o patrão combinaram ganhar, se mal posso conferir as notas?

— Pois abra o olho! Mestre de barco que faz esse tipo de acordo com o patrão, se esquecendo dos outros tripulantes, é mestre de barco que você deve evitar! — aconselha, após 33 anos de experiência no comando de diversas embarcações e pescador pioneiro em desenvolver a pesca do atum e cheme no litoral catarinense.

Logo depois que saiu da pescaria, há pouco mais de 5 anos, seu Manoel acabou sabendo de algumas histórias que envolveram o nome do temível Pinta Preta. Mestre de barco que sempre andava armado: seja com um facão preso à cintura, um revólver e, principalmente, aquele chicote de arraia, que o tornou conhecido entre os pescadores que aqui vinham trabalhar.

— Chicote de arraia? Que isso... Se algum tripulante meu aparecesse com uma cicatriz dessas no corpo, perdia a carteira de mestre na hora! E eu ainda ia preso. Se tinha mestre de barco que fazia isso devia ser um louco!

— Mas, ô, Pinta Preta! Vai dizer que não é verdade... O pessoal anda falando por aí! — pergunta o companheiro, enquanto bebe mais um gole da cerveja gelada que acabara de chegar à mesa.

— Nunca usei chicotes. Andava armado, isso sim. Muitas vezes, peguei tripulantes que tinham três ou quatro mortes nas costas, fugiram da polícia, ou ficaram presos durante um tempo. Eu precisava me defender. Mas, só tive uma discussão a bordo, apenas uma: o cara me ameaçou com facão e tudo, mas ninguém saiu ferido, não.

— Ah, vais dizer que nunca teve tripulantes que te incomodaram? — insiste o companheiro, tentando tirar alguma história intrigante dos tempos em alto-mar.

— Pois sim, aqueles que chegavam drogados. Droga ali, não podia não. Mas os caras insistiam em trabalhar daquele jeito! Um dia mesmo, liguei para a Capitania daqui pra prender as drogas que estavam no barco.

— E eles foram até lá?

— Não, falaram para denunciar em Florianópolis. Nada parece funcionar mesmo... — finaliza a conversa, antes de pegar a zica, para enfrentar a fila do banco e retirar apenas três salários-mínimos de aposentadoria, quando deveria receber o triplo.

É a falta de aplicação de leis, meu amigo. Deixa pra lá. Guarda o dinheiro no bolso, sobe na bicicleta e pedala rapidamente para casa: ainda há tempo para almoçar a carne assada de panela que Marília, mais uma vez, havia preparado.

13. TIQUE-TAQUE

“A terra é toda brutalidades, como o mar é movimentos. Uns homens enjoam com os movimentos do mar; outros enjoam com as brutalidades da terra.”

(*O Lobo do Mar – Jack London*)

Fecho os olhos. Dor de cabeça. Garganta seca, vontade de comer nada. Nove horas e cinco minutos. Tomo um banho, tontura que desce com a água. Olho para a janela, mar azul. Nem sinal de terra. Mal consigo fixar os olhos no horizonte. Move-se, junto às ondas. Braços e pernas fracos. De quem pouco sentiu gosto de comida. Lá em terra, diziam: não fique sem comer. Impossível. Até o cheiro de mar me é estranho. Parabéns para eles, penso. Só por se acostumar a este movimento. A não ter para onde ir. Como conseguem? Ô, moça! Já enjoiei que nossa! Hoje, dou risada. Como sempre, Zé. Mas a gente tem que continuar, né? E come alguma coisa: segredo para não marear. Não sinto fome. Nove horas e dez minutos. Ê, menina, mas eu pensei que você ia enjoar lá no começo da viagem. Até que demorou para ficar fraquinha. Ainda tem cor no rosto!

Olho-me no espelho. Que balança. Pálida? Nem tanto. Os olhos semicerrados pedem descanso. Descanso de quê? Passo o tempo a observá-los. A acompanhar aquela rotina marcada por vírgulas. Seqüência de movimentos. Iguais. Sem ponto final. Deito-me. Nove horas, quinze minutos. Enjôo que parece dominar há dias. Pelo menos, abrigo-me na cama. Penso lá no Bruno. Encostado à borda do barco. “A gente tem que continuar, né?”.

Conselho do Zé. E ele insiste, mas o corpo revida.

À minha frente, aquele teimoso relógio. A marcar: nove horas e vinte minutos. O tempo não passa. Eu, deitada na cama. E os segundos, lentos. Testam-me a paciência. Fecho os olhos, evito a provocação. Mas ele continua ali. Discreto na parede branca. Com os ponteiros a caminhar vagarosamente. Da janela do camarote, vejo a claridade. O mar reflete o brilho, fere a pupila. O horizonte se move. Nove horas e dezessete minutos. Ponteiros tranqüilos. Demasiado tranqüilos.

Duas batidas breves à porta. Entra! Debaixo da barba, sai aquela voz, já familiar. Tenta isso, moça! Talvez dê certo. Paulinho mostra-me um esparadrapo. Para quê? Coloca em formato de cruz, em cima do umbigo. Superstição. Já ouvi falar. Então, dizem que funciona. Mulher grávida faz isso. Tenta aí. Que tinha a perder? Estava em alto-mar, sem visão da terra. Enjôo que não passa. Ondas que não cessam. Corto dois pequenos pedaços. Solto uma tímida risada. Não acredito no que estou fazendo! Fecho meus olhos, mais uma vez. Dormir ajuda a acelerar aqueles ponteiros.

Onze horas. Ainda bem! Cheiro de feijão, peixe, carne. Em terra, seria agradável. Ali, sinto nojo. Desço as escadas. Vou até a cozinha. Agonia-me ficar parada. Ei, moça, tens que comer, senão vai passar mal mesmo! Marrom já pega um prato. Essa comida é muito pesada! Escuta o que estou te falando. Tenho experiência nisso. Veja só, vou preparar algo. Acompanho seus movimentos. Uma concha cheia de feijão. Espalha-se no prato. Três colheres de farinha. Mexe rapidamente, olha o pirãozinho! Mais um pedaço de peixe. Com bastante molho. Está pronto, menina!

Sinto fome, mas não vontade. Medo de passar mal. Isso tudo? Com certeza. As regras em mar são diferentes

daquelas lá da terra. Sente enjoô? Pois coma. Nada de sopa e caldos. Isso é coisa para doente. Não para gente do mar. Pirão de feijão e peixe. Isso sim é remédio!

Sinto o gosto salgado da comida. Sabor de casa. Cada tempero. Bem preparado. Almoço dos bons!, bem que me diziam. Deixo o medo do enjoô. Agora passa. Tens que comer. Ficar fraca é que não pode.

Tento caminhar entre o convés, acompanhar a pescaria. O Bruno está ali, a puxar a rede. A sentir mal-estar. Eu? Disponho de mordomia. De deitar-me, fechar os olhos. Cerrados, passaram-se duas horas. Mais um pouco: seja bem-vindo, fim de tarde!

Bate na porta. E aí, moça, melhorou? Sim, Paulinho. Pode sentir esse cheiro? Butiá. É bom que só! Vai melhorar mais. Tem certeza? Ô, se vai! Experimenta, um golinho. Doce, amargo, mistura-se tudo. Tomo o meu butiazinho, toda a noite. Isso cura qualquer coisa! Está sempre ali, ó, guardada no quarto, bem fresquinho. Tudo bem? Sinto melhor. Sei não: foi o esparadrapo, o pirão ou o butiá? Os três, menina! Aqui, a gente tenta tudo. Uma tem que dar certo. Mas é o butiá, eu garanto! E lá em terra? Sem butiá, tem cerveja. Com os amigos. Pescadores. Os que não embarcam, estão na artesanal, a consertar suas tarrafas. Tentar vender o que dá. Onde moras? Lá em Aguada, no bairro de Vila Alvorada. Vila de pescadores lá da minha cidade: Imbituba, com seus 40 mil moradores. Somos família aqui, família lá. Conheço esta gente desde a infância. Todo mundo do barco é vizinho. Nas ruas estreitas, escuras. Só aquelas luzes acesas. Dos bares sempre abertos. Um em cada canto. Bar é o que mais tem. Cheio de histórias. Cerveja gelada, sardinha frita. Até a noite.

Mas, quando tudo adormece, a vila parece um oceano. Às escuras. Silêncio.



14. DONA ABÉRCIA

“Sabe que eu não me vejo fora do barulho? Eu não posso ficar em silêncio. Porque foi muito tempo com o bar.”
(Laci Gomes da Silva)

— Dona Abércia, me vê aí uma dose de cachaça ...

— Depois o café e depois o conhaque, né? — complementa, enquanto já entrega o copo de pinga para seu Frita.

Toda vez era assim: Frita sempre dava uma parada no Bar do Pescador, quando passava pela rua Blumenau — um caminho pouco movimentado naqueles anos de 1970, bem diferente de hoje, por ser a principal via de acesso aos caminhões-contêineres que chegam ao Porto de Itajaí. Aquela baixinha atrás do balcão, que pintava panos de prato nas horas vagas, levantava-se prontamente para preparar o pedido do antigo freguês, antes mesmo de atravessar a porta do boteco.

O local ficava realmente movimentado quando Frita se misturava aos pescadores, fregueses fiéis daquele bar localizado em frente às grandes empresas de pesca da época. E, se Pedrinho escolhesse aquele balcão para suas bebedeiras, nem se fala! Dona Abércia reservava paciência para servi-lo e calma para juntar os cacos de vidro que deixava no chão. O mestre de barco reunia dois ou três tripulantes e bebiam oito, nove, dez e lá vai

cerveja. Quanto mais garrafa se empilhava na mesa, mais as histórias daqueles pescadores aumentavam.

— Ô, peixe grande... Uns 30 quilos! Tinha uns olhos saltados, a cauda não parava de balançar, chutava a gente para longe! — dizia um, embaralhando tudo quanto era palavra, enquanto descrevia cada escama do animal.

— O melhor mesmo foi ver o cabaço vomitando no convés do barco! Esses jovens aí não agüentam viagem longa não... — contava outro, esquecendo que também passara mal nas primeiras pescarias.

A palavra final era sempre de Pedrinho. O diminutivo surgiu de seu físico frágil, a calvície acentuada, a baixaza que pouco intimidava as pessoas. Mas que nada combinava com aquele homem de atitudes grosseiras e xingamentos carregados de palavrões. Ao final dos encontros de bar, só se ouvia a barulheira: o mestre, com uma única braçada, empurrava todas as garrafas ao chão.

— Que é que foi?! Tô pagando... — gritava ele, após o silêncio espantado das pessoas que ali estavam. E lá ia Abércia, cabisbaixa, com a vassoura e a pá para recolher a sujeirada.

Mas, nas cadeiras daquele lugar, raramente sentava gente querendo confusão. Os pescadores se reuniam ali para botar conversa fora, encontrar-se com os amigos em terra, comentar sobre a pescaria que, naqueles tempos, enriquecia o bolso dos embarcados e, mais ainda, dos donos de barcos.

— A pesca foi boa?

— Ôôô, se foi! Deu peixe de tonelada! — respondia Pedrinho, quando ainda estava calmo por beber pouco mais de um copo de cerveja. O pessoal já tá chegando aí pra comemorar!

E vinham. Vinham em bando! Primeiro, precisavam garantir alguns peixes que conseguiam pegar do barco — um pouquinho pra família, não ia fazer tanta falta! E a cena se repetia: Dona Abércia só conseguia enxergar braços jogarem aquelas caixas por cima do muro, que caíam na calçada. Depois, era uma rapaziada pulando o portão da empresa, caminhando entre os pedestres com os quilos de peixe e desviando das carroças e dos raríssimos carros que transitavam pela rua, ainda revestida por paralelepípedos.

Abércio, marido de Laci — nome verdadeiro de “Abércia”, que fora apelidada com a derivação feminina pelos próprios pescadores — já abria a porta dos fundos do bar, que dava para a sua casa. Ali, aqueles tripulantes depositavam as caixas de peixe, até levarem para a família no dia seguinte. O casal também aproveitava para garantir alguns pescados: desde que haviam comprado o bar, em 1978, nunca mais precisaram ir ao Mercado de Peixe.

— Já pegou um pouquinho, né, Dona Abércia? — perguntava um dos pescadores, com ar de intimidação.

— Ah, meu filho, ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão! — dizia Laci, em meio a um sorriso irônico, ao lembrar-se das caixas sendo jogadas para o outro lado do muro.

E assim eles ficavam horas e horas, bebendo cerveja, jogando conversa fora e apostando partidas de truco, dominó e sinuca. Quando questionados sobre a família, alguns, já contagiados pela alegria de estar em terra e depois de muitas cervejas na mesa, simplesmente respondiam:

— Casa, Dona Abércia? Ainda não... Pois a senhora não sabe que a primeira coisa que a gente faz em

terra é vir comemorar a pescaria? A família a gente vê depois...

Mas havia aqueles que traziam até mulher e filhos para comer os salgados de Laci: eram risólis, coxinhas, pastéis e o tradicional pão, presunto e queijo — o preferido dos fregueses.

Já alguns pescadores ficavam quietos, com suas camisas desabotoadas, sentados no canto, a pensar sabe-se lá em quê. E outros, carentes de uma conversa mais séria dentro dos barcos, faziam de Laci uma confidente pessoal. Ela transformava aqueles minutos de desabafo no balcão do bar em uma consulta terapêutica. Conseguia até para analisar alguns perfis de seus “pacientes”.

Aqueles com problemas na família...

— Pois meu filho nasceu, não consegui vê ele. Mal passei em casa. E agora, que já tá com quatro anos, aquele moleque!, ele nem me reconhece... — dizia um, soltando algumas lágrimas em meio a uma baforada e outra.

Havia os pescadores que mal chegavam a terra e já pediam para comprar fiado.

— Cadê seu dinheiro, meu filho?! Acabaste de receber! A pesca não foi boa?

— Foi até foi, né, Dona Abércia... Mas ontem, sabe como é, tem tanto bar com mulher à vontade aqui por estas bandas! E a gente, lá no mar, no meio de um montão de marmanjo durante semanas. Quando chego aqui, é um paraíso! Aí, o dinheiro voa...

Esses eram quase sempre solteiros. Mas muitos já tinham lá suas famílias.

Existiam também aqueles que faziam do bar um local para recados.

— Dona Abércia, entrega esse papelzinho pra ela? — sussurrava o pescador, com o olhar desconfiado ao analisar toda a clientela sentada por ali.

Logo em seguida, chegava a esposa desse mesmo embarcado, que minutos antes havia deixado o bilhete.

— Entrega esta carta para o motorista da empresa de pesca daí da frente? — pergunta, sem aquela timidez que contaminava o marido.

Horas depois, lá vinha a tal moça — que também trabalhava na mesma empresa — pegar o recado. E o outro rapaz a ler a carta. E assim aconteceu, durante anos. Amantes e casados se conheciam, eram empregados do mesmo lugar, mas sequer imaginavam que um traía o outro.

Os bilhetes permaneciam fechados até serem entregues aos destinatários, sem que nenhuma frase ou palavra fossem lidas por Laci. Ela nunca quis se intrometer nessas relações: era apenas atendente e cozinheira do bar. Também não permitiu que a curiosidade falasse mais alto. Podiam até pedir esse tipo de favor, mas nada de fofocas ali dentro. Os casais que se entendam, falava para si mesma.

E quantos desentendimentos amorosos passavam por aquele balcão: era marido descobrindo que a mulher o traía, era esposa reclamando da ausência do marido em casa, eram namoros fazendo-se e desfazendo-se.

Comentários e desabafos ouvidos por aquela baixinha — que de frágil não tinha nada — mas posteriormente esquecidos. Até hoje, ela não faz muita questão de lembrar tais segredos. Sou cega, surda e muda!, dizia, atrás do balcão, quando ouvia algo que lhe desagradava.

Apesar do trabalho e da barulheira, sentia-se feliz ali dentro. Até o aroma do bar, impregnado nas paredes

revestidas com azulejos ornamentados por pinturas de flores, tornou-se familiar para Laci. O odor ardente da cachaça misturado ao cheiro de frituras e cigarro acompanhava-a o dia inteiro.

Sua rotina começava muito cedo, às cinco da manhã: colocava o velho avental, já manchado pelo óleo da frigideira, para preparar os salgados que serviriam de desjejum aos comerciantes dos armazéns de grãos, aos trabalhadores dos moinhos e aos estivadores cansados de carregar madeira nas costas. Às seis da manhã, as portas do Bar do Pescador eram abertas para fechar somente às dez da noite ou até de madrugada.

Acostumou-se tanto com aquele aglomerado de gente falando e gritando que seu tom de voz aumentara para se impor em meio às grossas vozes daqueles homens. Nem mesmo quando estava grávida da quarta filha abandonou o balcão. O barrigão virou o xodó dos fregueses, alegres com a quarta “Abercinha” que viria por aí.

Aos poucos, sem saber quando e por que, o pequeno bar transformou-se no local perfeito para partidas frequentes de dominó. Entre as garrafas de cerveja, cachaça, *whisky* e outras bebidas, os mais de vinte jogos daquelas pequenas peças pretas se destacavam nas prateleiras.

O espaço ficara limitado para tanta gente. Havia apenas uma mesa de sinuca, o balcão com pouco mais de quatro metros e a cozinha. O resto do bar fora dedicado aos jogos de dominó, onde as seis únicas mesas deram lugar às equipes de jogadores que organizavam pequenos campeonatos.

Em 1986, Abércio, Laci e os clientes mais antigos do Bar do Pescador criaram a Associação Clube Quina 86 e organizaram o primeiro campeonato estadual, reunindo 18 cidades. Alugavam espaços em clubes e lá

iam os competidores: organizados com uniforme e tudo! Os pescadores embarcados, que muitas vezes não sabiam quando iriam retornar a terra, também tinham vaga nos times, nem que ficassem como reservas.

Naqueles finais de semana, Laci não parava um segundo: preparava almoços, salgados, docinhos e o que mais aquelas duzentas pessoas lhe pedissem para fazer. Sabia que seria só por alguns dias. No próximo mês, os bares de outras cidades sediarium as equipes.

Enquanto enrolava, entre as mãos, mais um bolinho de carne prestes a ir para a frigideira, pensava em tudo que ela e seu Abércio haviam construído com o dinheiro do bar. Quando iria imaginar que a loucura do marido daria certo? Lembra muito bem: era o ano de 1973, na época em que as madeireiras começaram a entrar em decadência frente à forte exportação de pescado. Entre as madeiras empilhadas no cais, atracavam as grandes embarcações e as muitas baleeiras dos pequenos pescadores. O Porto de Itajaí ainda estava localizado no início da rua Blumenau e se misturava com os outros trapiches. Além daquelas madeireiras, existiam ainda moinhos de trigo e arroz e uma grande empresa de extração de sal.

Se quisesse atravessar a rua, precisava olhar para os dois lados: alguma bicicleta ou carroça podiam cruzar seu caminho. Tão diferente da estrada de mão única, destino para os caminhões-contêineres e os carros em alta velocidade, que não reservariam nenhum momento de silêncio, anos mais tarde.

Pois foi bem naqueles anos, quando a tranquilidade habitava a área comercial e portuária de Itajaí, que Abércio virou-se para a mulher, concentrada no bordado de uma nova toalha, e disse:

— Vou comprar um bar!

Exatamente com essas palavras e seguro de sua decisão. Sem se assustar com a proposta do marido, ela apenas levantou os olhos embaixo dos discretos óculos, coçou os curtos fios do cabelo castanho claro, bordou mais um ponto e manteve-se calada: acostumara-se às suas idéias imprevisíveis e a fazer tudo o que ele lhe dizia. Da janela de casa, observou Abércio pegando a chave do jipe e, lá fora, acelerando o motor até o som perder-se no meio do caminho — seria a última vez que ouviria aquele barulho. O antigo mecânico voltou a pé, horas depois, com a notícia da compra do Bar Noturno.

Bar Noturno? Pois sim, um local que não servia apenas como bar... E que, para Laci, haveria de mudar de nome. Imagina! Sair da Vila Operária, bairro conhecido pelo número de trabalhadores que ali residiam, para trabalhar em um local próximo ao porto, junto aos ladrões e prostitutas, onde mulher “correta” não ousava passar? Mas, se o marido escolhera, ela deveria obedecer.

Ficaram no bar por apenas um ano quando, em outro impulso, Abércio decidiu comprar uma lanchonete na cidade vizinha. E lá foi ela, malas embaixo do braço, sem questionar para, quatro anos depois, retornarem a Itajaí. E, novamente, comprarem o mesmo bar.

Agora, morariam em uma casa de madeira construída pelo marido, no terreno da lanchonete. Durante muito tempo, ele dormiria na mesa de sinuca, enquanto ela e as três filhas dividiriam espaço na sala apertada. E, aos poucos, o Bar do Pescador ganhava fama e conquistava fregueses fiéis que nunca mais deixariam de passar por ali.

O local também faria jus ao nome: uma grande empresa de pesca se instalou na rua Blumenau — no mesmo ano que retomaram as atividades no bar — e garantiu mais fregueses para o casal Abércio. Aquela mesma empresa, com o muro baixo, de onde pulavam pescadores e caixas de peixes e que hoje também perdeu espaço para os contêineres e rebocadores do porto.

Ah, bons tempos aqueles!, lembra Laci, já com 63 anos e 14 quilos mais magra — resultado de sua desistência em ficar atrás dos balcões ou em frente ao fogão, mas ainda preservando a cor natural do cabelo. Em 2005, seu marido faleceu e ela não viu mais sentido em trabalhar ali. Continua morando no mesmo local, em um apartamento construído em cima do bar. Arrendou aquele espaço cheio de lembranças — que ainda mantém o mesmo nome pintado com tinta vermelha — para um conhecido. A baixinha ainda gosta de ouvir as pessoas falando alto, o barulho de alguma garrafa caindo no chão, o pessoal todo a contar suas vidas. Mas prefere passar o dia inteiro fora de casa, visitando amigos, participando de atividades recreativas para idosos, esquecendo-se da solitária vida que já a condenou a uma depressão.

Este silêncio repentino em sua rotina também invadiu o bar onde hoje muitas mesas e cadeiras permanecem solitárias, o dia inteiro. As conversas tornaram-se apenas ruídos e a comemoração da pescaria farta já não encontra espaço ali, até porque a pesca não está mais tão lucrativa assim. Os nomes dos fregueses confundem-se com outros rostos e suas histórias apagam-se gradativamente da memória.

O barulho das caixas de peixe caindo na calçada são apenas lembranças, em meio ao Porto de Itajaí que

tomou conta da rua. Saudades daqueles anos de 1980, quando o porto exportava uns poucos 40 contêineres por semana e ainda soava silencioso. Hoje, são mais de 8 mil contêineres que passam por ali.

Por ela, nunca sairia deste lugar. Mas, em nome do progresso e do desenvolvimento da cidade, como as autoridades andam dizendo, possivelmente terá de abandonar a casa e deixar o Bar do Pescador apenas na saudade. Ouviu dizer que irão construir uma grande avenida, a Via Expressa Portuária, que irá ligar a BR-101 ao porto, a fim de organizar todos aqueles carros e caminhões, além de concentrar as mercadorias para exportação em um único local — e não jogá-las nos vários terrenos espalhados pela cidade, que acabou transformando Itajaí em um grande depósito de contêineres.

Disseram que ela e os outros moradores da rua provavelmente terão de sair dali, por ser uma zona de apoio portuário. Ao todo, a Via Expressa e a expansão do porto irão ocupar a área de 62 residências. As famílias serão indenizadas, por lei. Laci ainda nem sabe direito o que fazer com o dinheiro e para onde ir.

Do São João, eu não arredo o pé!, diz e enfatiza a fiel moradora de um dos bairros mais antigos da cidade. A memória dos momentos que viveu com o marido e com as filhas, as conversas com os fregueses e o trabalho pesado no bar estão guardados naquele pequeno ambiente. Agora, sem saber ao certo quando terá de sair, ela tenta preservar as memórias em muitas fotos, alguns quadros e os 30 troféus carinhosamente guardados na garagem, lembranças dos campeonatos estaduais de dominó que, desde 1996, deixaram de existir nas mesas do Bar do Pescador.

15. NEGRUME

“No mar, tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida;
Na terra, tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indignine o céu sereno
Contra um bicho de terra tão pequeno?”
(*Os Lusíadas/Canto I – Luís de Camões*)

Sinto meus braços e pernas. Fortes, novamente. A tontura, o enjôo, a dor de cabeça. Foram deixados. Junto à irritação com o relógio. Subo ao toldo do barco. Cheiro de mar. De vento. Já está lá o Zé Maria, contemplando a negridão. Tetu, na vigília, a enxergar algum ponto de luz. Parece mais escuro que os outros dias. Sem estrelas. Nuvem negra se aproximando. Sente o frio? Vai chover. Cadê a lua? Hoje, ela só vem perto da meia-noite. E permanecerá escondida. É dia dela, não. Fique sozinha menina, não terás sua companhia. Apenas as luzes de segurança do barco. Fracas, mal consigo enxergar. Vejo apenas a espuma das ondas. Violentas. Melhor voltar ao meu canto. É chuva, temporal. Na certa. Como se proteger? Só esperar. Deixar o vento passar. Mas está na melhor época: verão é calmaria. No inverno é que complica.

Verão é calmaria, dizem eles. Primeiras gotículas de água. Gélidas. Desço as escadas, sem equilíbrio algum. O barco movimentava-se para lá e para cá. Uivo forte

que balança as ondas. Fecho os olhos. Concentro-me em meu sono. Que não vem. Estava desperta. Olho pela janela. As ondas a balançarem. Apenas o som agressivo. Chama para o fundo.

O que revela o mistério negro dos oceanos? Na minha infância, seus tesouros e sereias. Esqueletos de piratas. Lendas dos contos infantis. Ali, surgiu a vida. O primeiro grão de vida. Desenvolveram-se. Hoje estamos aqui. Vidas. Pois ali embaixo, há muitas delas. Ou vestígios, apenas. Navios negros, repletos de algas. Pedações da proa, embarcações naufragadas.

É doce morrer no mar, nas ondas verdes do mar, canta Lenine. Com sabedoria das coisas da água. Mas não com a experiência de quem por perigo passou. É doce morrer no mar, repete. As ondas sufocam ainda mais. Ter para onde ir, não há. Fique aí, tranquilize. Deixe a tempestade passar. Renda-se ao descanso, é só esperar. Vai dormir, moça! Mas pouco consigo fechar os olhos. Uma da manhã. Olho para as ondas raivosas, sinto o cheiro do mar, o estalo do *Monkfish*, madeiras frágeis à sua força. A embarcação que se despedaça. Lança ruídos agonizantes. Fica a balançar de um lado a outro, a proa abaixa-se com as ondas, levanta-se prontamente. Observo aquele movimento. Calmaria de antes se foi. Agora é inimiga.

Um barulho vem lá de fora. Diferente daquele ruído. Sons de comando. Vozes grossas. Imperativas. Pessoas falando, homens a postos. Desçam a âncora! Com calma. Barulho de correntes. Barco estático. Insignificante perto daquela imensidão. Firme-se a terra, garanta-nos a segurança deixada lá. Olhos para as ondas. Dois, três metros. Temporal forte. Tentam engolir a proa, o convés. Sinto-me engolida por elas. Meu corpo desce e sobe,

conforme o movimento. “Se preocupa não, moça, no inverno é bem pior”.

Lá em terra, lembro os avisos. Sua louca, quer morrer? E se acontecer alguma coisa? Para onde você vai? Conselhos mal ouvidos. Estou ali, à mercê do mar. Que me fascina, um medo apaixonado. Espuma branca que sai das bocas negras. Olham raivosas para meu encanto. Riem quando desequilibro. Estás com medo? Acho que não. Se dali surgiu vida, pode destinar a morte. No mar ou em terra, tudo tem a sua hora.

Somos ciscos naquele mar. Controlados por ele. Seres humanos, insistimos em desafiá-lo. Com orgulho. Imponência. Teimosia. Estamos estáticos, ali. Deixando o temporal passar. Descanse, moça. Amanhã, a rotina nos espera. Fecho os olhos, novamente.



16. SALMA BENTA

“Agora, de um certo tempo pra cá,
eu nunca mais prestei.
Sempre doente dos nervos,
alguma coisa. Sempre sofrendo, né?”
(*Salma Benta Santos de Maria*)

O vestido longo, de um vermelho sangue, arrasta-se no chão. O decote exhibe o colo jovem, enfeitado por pérolas e pingentes multicores presos aos colares que lhe cobrem o pescoço. Nos punhos e dedos, as jóias falsas continuam a enfeitar-lhe o corpo, camuflando uma falsa elegância. O chapéu, que projeta sombras em parte da testa e dos olhos, sugere-lhe uma sutil delicadeza. Os pés descalços, gélidos pela maresia e pela brisa daquela manhã, aproximam-se vagorosamente do mar. Seus olhos ficam horas sem piscar ao observar o próximo navio a atracar no porto. Eram oito em ponto: justamente o horário marcado para o seu retorno. “Lá vem ele, há de ser!”, pensa.

Cada marujo é analisado criteriosamente por Judite. Escondido por trás daqueles uniformes da Marinha pode estar seu marido. São todos tão parecidos: cabelos curtos, relativamente magros, caminhar calmo e uma seriedade que se perde ao chegar a terra. Estão cansados, mas rever amigos e familiares alivia as tensões nascidas lá fora.

Não consegue encontrar ninguém que se assemelhe aos traços do esposo guardados em sua lembrança. Tanto tempo longe de casa podem ter-lhe acrescentado

algumas marcas de expressão, barba por fazer ou até mesmo fios brancos de cabelo. Mas deve estar ali, perdido, procurando-a.

— Onde está ele? — pergunta, ainda com o semblante calmo.

O capitão do navio acostumara-se a conversar com a dama culta e educada, toda vez que desembarcava. Também sabia como agir à pergunta que sempre lhe fizera.

— Ele ainda não conseguiu vir... Muito trabalho. — responde, com um olhar que exprime pena da situação sufocante daquela mulher.

Seu jeito culto e contido era absorvido pelo desespero e pelas lágrimas, conduzidas por gritos inconformados de saudade. Aquele momento chamava a atenção das pessoas que não a conheciam. E a aflição daqueles que a respeitavam e sabiam quem era a elegante moça. Ela não se permitia esconder a ansiedade, e a posterior tristeza, com a chegada de novos marinheiros.

Judite era conhecida como a “louca de amor”, naquela Itajaí que ainda nem apresentava um cais no porto. Perambulava todas as tardes pelas ruas e praças e, a cada apito do navio, lá estava ela, entregue à incontida espera pelo marido, que partira para nunca mais voltar. A família ocultou, por várias semanas, o que havia ocorrido. Mas as respostas eram falhas e ausentes para enganá-la.

Descrente da notícia, Judite não desistiu de comparecer ao porto na esperança de reencontrá-lo. Como muitos jovens daquela época que sonhavam em trabalhar na Marinha Mercante, ele embarcara em sua primeira viagem, prometendo-lhe a volta. E ela prometeu que o esperaria, sempre.

A imagem daquela mulher, enfeitada com suas jóias e abatida pelo sofrimento, permaneceu viva até 1934, quando a morte veio para apagar a sua espera.

Salma apóia-se na borda da bateira, atracada na Praia Mansa, que beira sua casa em Canto Grande. Olha com dificuldade ao mar, tentando desvendar algum movimento estranho em meio à claridade daquela manhã. As ondas estão calmas, não há nada que revele a chegada do barco. Seu olhar apagado une-se à feição que revela tristeza e um sofrimento sem fim. Pouco sorri: os lábios apenas acompanham o movimento das palavras e, quando parados, mostram-se derrotados. O cabelo de fios brancos e finos permanece amarrado com uma presilha discreta. A saia comprida, abaixo dos joelhos, aumenta-lhe a idade, revelando que pouco se importa com a beleza física. Com o terço enrolado entre seus dedos, começa a rezar as orações, decoradas desde a infância. A religiosidade está presente até em seu nome: Salma Benta Santos de Maria, fala lentamente e em tom seguro, orgulhosa de carregar três palavras sagradas.

Pai Nosso, que estais no céu... Como haveria de estar seu filho? Enfrentando o vento frio daquele inverno, a fome pela impossibilidade de pescar ou as dores herdadas do acidente? Muitas perguntas, sem as respostas do oceano.

A última vez que o viu foi na madrugada do dia 6 de junho de 1993. Salma acordou-se no meio da noite sem saber o porquê. Precisava ir ao banheiro, deveria ser isso. Enquanto caminhava pela casa, observava seus doze filhos. João, o caçula dos seis homens, havia

deixado o *short* e a jaqueta azul separados em cima da cabeceira da cama: iria acordar cedo para substituir um camarada na pescaria. Na época, os chamados “camaradas” eram os tripulantes de um barco ou de uma lancha, quase sempre pertencentes a uma condição econômica desfavorável. João também vivia em difícil situação financeira e aquela oportunidade serviria como experiência, para começar a vida de pescador, como fizeram os irmãos. Mas a licença para trabalhar em alto-mar ficou em meio ao vão. Daquela viagem, que duraria apenas um dia, sua volta se tornou uma incerteza.

O vento forte impediu que a lancha continuasse o trajeto com seus quatro tripulantes. Ao caírem no mar, não havia colete salva-vidas e a baleeira fora emborcada pelas ondas de quatro metros de altura. Dalmo e Cláudio ainda conseguem desvirar o barco e retomar seus lugares. Mas o garoto de apenas 14 anos e o dono da lancha sumiram em meio àquelas ondas. Dalmo tenta procurar desesperadamente o irmão: vê a jaqueta azul flutuando na água e uma das sandálias presa entre as pedras da costa.

O nome de João é pronunciado em voz alta, mas se perde na ventania, que ameaça o barco ainda mais. Enquanto tenta encontrar outros vestígios dos tripulantes, enxerga a rede vazia, flutuando nas ondas violentas, donas de duas vidas.

Por um instante, sente um brusco movimento na proa da lancha, interrompendo a procura pelo irmão. João está agarrado ao barco, mas não encontra forças para subir. O irmão ainda tenta puxá-lo para dentro: tudo o que consegue é arranhar os braços cansados do caçula. A água salgada entra em seus olhos, dificultando ainda mais a visibilidade.

Aos poucos, aquele corpo se rende ao mar. O vento acalma sua força e, milagrosamente o céu perde as negras nuvens, sem revelar nenhum sinal de acidente. Dalmo e o amigo Cláudio voltam para casa: sem rede, nem peixes. Trazem apenas a lembrança e a tristeza da morte do irmão e do dono do barco, que desapareceram para nunca mais retornar.

— Vou levar a bateira pra costa! — grita Daniel para os outros tripulantes da embarcação.

— Cuidado, cara, é perigoso. Já é noite, aquela ilha é mal-assombrada... — comenta o amigo, tentando fazê-lo desistir da idéia.

— Isso é só história!

Daniel começa a remar em direção à ilha, enquanto solta uma gargalhada incontrolável provocada pelas superstições infantis de seus colegas. Havia apenas dois moradores naquele local, rodeado por palmeiras e vegetação virgem. Pescadores que ali passaram juraram ver assombrações no meio das árvores: alguns disseram que até encontraram pessoas vestidas de branco caminhando na costa; outros preferiram seguir os ditos populares e acreditar em lobisomens e bruxas.

O lugar parece ser mesmo assombrado: o único sinal de vida são as lamparinas acesas da casa daquele velho homem que mora ali. Daniel pegou emprestada uma bateira para pescar espécies diferentes na costa da ilha. A pescaria estava fraca e precisava garantir algum peixe para os almoços em família, que enchiam a mesa composta pelos 11 irmãos e seus pais. Não iria se assustar com aquelas conversas de assombração,

que mais lhe lembravam a infância e as noites embaixo dos cobertores, com medo de fantasmas.

— Como é que um bando de marmanjo pode cair nesse tipo de história? — indaga, enquanto se aproxima da ilha.

Seu amigo não consegue parar de caminhar no convés. Tenta encontrar algum objeto no mar, o movimento dos remos ou a lanterna a balançar na ilha, para que fossem buscar Daniel.

— Já faz duas horas que ele saiu daqui. E não deu mais nenhum aviso ...— comenta ao mestre de barco.

Procurá-lo seria uma situação incerta: o céu estava encoberto e apenas as luzes da embarcação não garantiriam um resgate adequado. Mesmo desafiados, o barco dirige-se lentamente à ilha, tentando seguir a rota escolhida pelo tripulante. As lanternas se movimentam no convés e no toldo, guiadas pelas mãos trêmulas dos outros tripulantes, que misturam o temor da morte do colega com as assombrações da ilha.

Mas o que aquelas luzes conseguem encontrar é apenas a bateira. Estava emborcada, com um dos remos flutuando tranqüilamente próximo ao barco. Daniel havia chegado muito perto da ilha, mas não conseguira completar a trajetória.

Dois dias depois, Salma recebe a notícia da morte de seu filho. Encontraram o corpo daquele jovem de 19 anos boiando nos mares de Registro, próximo a Santos, onde saiu com a bateira em direção ao local mal-assombrado. Nunca esqueceria aquele maio de 1979, quando o mar lhe havia roubado o primeiro filho.

Apenas ouvem um estalo, no meio da pescaria. O cabo de aço se desprende com violência da rede que antes sustentava. A trajetória retilínea e rápida impede qualquer chance de desviar-se daquele golpe: ele vem certo e leva o sopro veloz. Um dos tripulantes sente uma ardência na perna, provocada pela textura rígida do cabo a atingir bruscamente a pele. O sangue escorre-lhe pelo joelho e o corte parece em chamas.

O outro vê o impacto no abdômen ganhar a cor avermelhada e quente: as mãos tentam estancar o ferimento, mas não conseguem firmeza para sustentar a dor. As pernas amolecem e ele se entrega ao chão do convés, em um grito que sufoca o traiçoeiro ruído do cabo.

Já Danir mal consegue acompanhar o caminho daquele objeto que havia ferido dois amigos e agora corria em sua direção. Muito menos gritar ou exprimir qualquer manifestação de dor. O impacto atinge seu pescoço, queima-lhe a pele, rompe os músculos. Sente apenas um ardor profundo e fugaz. Perde o controle dos braços e das pernas, seus olhos fecham-se e o corpo é vencido pela fraqueza.

No convés, entre os gritos dos outros tripulantes e o cabo de aço caído no chão, está o corpo de Danir, com a cabeça desalinhada, e as manchas de sangue a escorrer para o mar, entre as frestas do barco.

— Dona Salma, pediram que a senhora volte para casa. Aconteceu um acidente com o seu filho Danir — avisa Pedro, secretário do Dr. Sérgio, que interrompe a consulta marcada há mais de um mês.

Outra desgraça! Só poderia ser. Nunca chamam os parentes quando estão em alto-mar: dessa vez, devia ser grave. Não agüentaria a morte de outro filho, apenas um ano depois do acidente fatal com Daniel.

Salma não consegue acalmar-se durante o caminho da cidade de Porto Belo ao bairro de Canto Grande. Procura o terço dentro da bolsa, reza as ave-marias sem nenhum segundo de pausa, enquanto a irmã acelera o carro nas ruas esburacadas e rodeadas por árvores, que sombreavam qualquer vestígio de luz.

Quando finalmente chegam a casa, todos os familiares e alguns vizinhos estão reunidos no jardim. Suas pernas não conseguem firmeza para encontrar os degraus da escada, que levariam à cozinha. Ao verem Salma aproximando-se da mesa, os sussurros se transformam em um incômodo silêncio. Minutos depois, o terço que estava entre seus dedos cai sobre o corpo daquele jovem de 19 anos.

Salma termina suas rezas e prende, mais uma vez, o olhar no horizonte, ainda à procura do terceiro filho que o oceano lhe roubou. Mas se Deus quisera assim, como haveria de lutar contra? Ele sabe o que faz, sussurra, para consolar sua tristeza. Ao mesmo tempo, as memórias da infância daqueles jovens ainda desafiam qualquer tipo de aceitação. Lembra quando as crianças sentavam-se com ela, à beira da praia e em meio às bateiras, para descascar camarão. Ou os momentos nos quais dormiam abraçados à mãe, quando todos sentiam saudades do pai que permanecia dias no mar. E daquela decisão que o destino lhes impunha: todos deveriam ser pescadores, para ajudar no sustento da família.

Ali no bairro de Canto Grande, a maioria dos moradores vive da pesca e as famílias pouco mudaram no decorrer dos anos. Até mesmo as casas são as mesmas

— misturadas às novas residências que surgiram nas últimas décadas. A maioria apresenta apenas um andar, o jardim bem cuidado, aquela cerca de madeira, revelando a calma e segurança do local. Rodeiam a igreja de arquitetura açoriana e alemã, o último ponto para o ônibus que sai de Itajaí em direção a Bombas. Bairro silencioso, por manter as características de cidade pequena: com um mercado familiar, crianças brincando nas calçadas, as muitas árvores trazendo frescor nos dias abafados. As poucas ruas são compostas por paralelepípedos, onde carros raramente costumam circular. Os resquícios do passado também se encontram nas histórias dos mais jovens, conhecedores da vida de Salma.

Ela não é a única que perdeu os filhos ou parentes ao mar. Tem a Ana, que ficou esperando meses pelo filho; tem também a Maria, seu marido morreu num naufrágio há anos; e por aí vai. Mas as três mortes, que roubaram a alegria desta senhora de 67 anos, são as mais lembradas: não só pela tragédia, mas pelo sofrimento que muitos ainda acompanham.

Eram filhos tão bons, nunca deram problema, por que levá-los dessa forma? Até hoje, Salma não encontra respostas. Para ela, tudo poderia ser explicado pela vontade de Deus. Vontade que, mesmo na tentativa de aceitar, repudia.

Os rostos de Danir, Daniel e João são exibidos nas pinturas expostas na sala, que imitam fotografias em preto e branco. Ela pouco passa por aquele lugar: dedica-se mais à cozinha, à limpeza dos peixes que seu marido e os filhos, Dalmo e Delacir, trazem do mar nas pequenas bateiras, ou a cuidar da filha de 34 anos com graves problemas emocionais. Às vezes, um turista ou

outro aluga uma casa, construída no próprio terreno, o que acaba garantindo uma renda extra. Mas ela mesma não sabe fazer outra coisa, a não ser se dedicar à família, à pesca e às orações diárias.

Há tempos, já havia acabado sua reza. No entanto, ainda mantinha o terço apertado entre os dedos. Ele não volta mais. Afasta-se do Sta. Marina, de onde garantem alguns mariscos, e abandona aquela visão saudosista. Adeus, filho! Melhor cuidar dos afazeres domésticos, da limpeza dos peixes e dos outros filhos que Deus não lhe tirara.





17. RICARDO

(Parte I)

“Na hora, a gente fica pensando:
e agora, como a gente
vai voltar pra terra?”

(Ricardo Alexandre Cardoso)

Cortava cada pedaço daquele papel, com um cuidado maior que o de costume. A tesoura teimava em desobedecer a suas mãos seguras, preferindo entregar-se ao uivo constante que fazia surgir marolas de todos os lados. Ele insiste em finalizar o corte, apoiando as costas na parede da casaria e firmando os pés no chão de madeira, que mal conseguiam dar-lhe a estabilidade desejada. Parte do barco, com pouco mais de 40 centímetros de comprimento, exibia-se através de um formato bem definido e minuciosamente trabalhado. O convés da traineira, amplo e com parte da rede já ocupando seu espaço, só esperava a tinta que ocultaria emendas e imperfeições. O cáique estava amarrado com um fino cabo de aço, enrolado a uma roldana, e pronto para o trabalho. O porão apresentava alguns fios elétricos, de diferentes cores, ainda por serem testados: os quais faziam toda aquela máquina funcionar, até quando a bateria assim ditasse. E a casaria, onde suas mãos se concentram neste momento, precisa apenas do teto e dos detalhes da janela. Um verniz e pronto! Já podia vender a miniatura perfeita dos grandes barcos de pesca de sardinha.

Ricardo cuidava de cada detalhe das pequenas embarcações apenas usando cola, tesoura e pedaços de papel de diferentes espessuras, que sobravam das embalagens de alimentos. Começou a criar as miniaturas de uma hora para outra, usando o conhecimento adquirido após aprender com o trabalho nos estaleiros de Navegantes, quando as brincadeiras de infância foram trocadas pelo emprego, aos dez anos de idade. A casa de máquinas, o convés, o porão, os triliches apertados onde dormiam, a casaria, os caíques, os metros de rede, o cabo de aço e os detalhes observados apenas por um verdadeiro conhecedor e amante de sua profissão estavam ali, em uma escala infinitamente menor que o tamanho real das grandes embarcações. Se lhe perguntavam com quem aprendera a fazer tudo aquilo, como sabia com qual escala deveria ser feita a miniatura, de que forma conseguia transformar pedaços de papel em um material que mais se parecia com madeira, ele respondia: ah, não sei explicar, não. Isso tudo saiu de mim mesmo... Vou imaginando, montando, criando e fica assim, aí ó, como tu tais vendo!

E dessa maneira até conseguia um dinheiro-extra para levar à família. Com apenas 18 anos, Ricardo estava casado e sua Gabriela já passara dos três meses. As contas do fim do mês são pagas com dificuldade — o salário de tripulante só lhe rendia misérias. Pior é voltar a casa apenas para quitar dívidas, porque tempo de ficar com a mulher e a menina? Ah, tem não. O jeito sempre foi arranjar outra forma de ganhar dinheiro, menos sacrificante que aquela vivida em alto-mar. Reservava as horas que restavam dos dias e das noites para fazer algo do qual realmente gostava e poderia trazer algum lucro. Não conseguia muito, até porque fazia

pouco tempo que estava naquela de fabricar barcos de mentira, mas dava para tirar alguma coisa.

Ricardo encostava-se em qualquer canto, de pé mesmo, para cortar os papéis e começar a colá-los de maneira ordenada. Passava o tempo inventando e reinventando embarcações, quando já não precisava mais puxar rede. Ou quando o assunto esgotava entre os companheiros de trabalho — momentos freqüentes para quem vivia semanas convivendo com as mesmas pessoas e dividindo um espaço de pouco mais de 20 metros de comprimento.

Mas, naquela tarde de domingo, o que mais desejava era esquecer as marolas que faziam o Verde Vale II virar de um lado a outro, desorientado com aquele movimento rude e descompassado. Ele e os outros seis companheiros já estavam há um dia sem trabalhar — culpa dos ventos de força 6, que inspiravam ondas de mais de cinco metros de altura. Muito menos puderam recolher a linha de espinhel jogada na região, em busca de mais cherne nos mares do sul. Abaixo da embarcação, os 180 metros de profundidade conseguem exercer força suficiente para manter o barco flutuando; mas, em contrapartida, revelam a raiva daquelas ondas em toda a sua superfície.

Estavam ancorados desde a noite anterior, esperando a ventania tranquilizar-se. Os sete pescadores tiveram de se trancar na casaria, tornando o ambiente ainda mais limitado, com cheiros e calores duelando-se a todo o momento. Acostumado a atravessar as frestas da porta, o vento frio mal consegue lutar contra o hálito quente concentrado na cozinha, acentuado pelo vapor de café preto que saía do bule enferrujado pela maresia. Negão tenta secar o suor que escorre pela testa com

o antebraço direito, enquanto segura firmemente a faca afiada, sempre companheira do preparo de almoços e jantares; apóia, sem segurança, o cotovelo em cima da pia para disfarçar o desequilíbrio perdido em meio à oscilação dissonante da embarcação.

Mas China e Jorge nem pareciam estar preocupados com aquele vai-e-vém mareado: seus corpos estão entregues ao sono nos triliches apertados, fazendo a ventania sumir frente ao cansaço de nove dias de trabalho em alto-mar. Jairo, como responsável por todos aqueles tripulantes e pelas dez toneladas de cherne que haviam pescado, não podia deixar o cargo de mestre para dar-se ao luxo de um descanso.

No painel de controle, apenas o chiado incômodo do rádio consegue revelar algum indício de tecnologia. A embarcação nem radar apresentava, tornando difícil saber quem navegava próximo dali. Tinha de prestar atenção nas palavras e frases trocadas entre os mestres de outros barcos, para tentar encontrar amigos e vozes conhecidas. Ou deixar algum dos tripulantes como vigia, como forma de alertar a passagem de algum navio. Aliás, vigia era o cargo que fazia uma falta danada nestas horas. Com aquele vendaval, tripulante nenhum haveria de conseguir cumprir a função, até porque mal conseguiam perceber algo à frente. Jairo não tirava a atenção do mar, seguro de que seus olhos poderiam enxergar qualquer movimento vindo de longe.

Maldita hora que aceitou um barco sem radar. Mas, como poderia reivindicar embarcação melhor? Se passasse pela fiscalização da Capitania dos Portos, nem ele nem o Verde Vale sairiam livres. Até porque ninguém que estava ali apresentava carteira para embarcar. Poucos haviam chegado até a oitava série e, sem

estudo, nunca conseguiriam passar pelas provas e tirar permissão para o embarque. No entanto, como no Brasil sempre se dá um jeito, a saída foi encontrar outra pessoa para despachar o barco — essa sim, possuindo autorização. Dessa situação, surgiu um amigo que prefere a segurança do asfalto à instabilidade do oceano. O taxista havia tirado carteira de embarque, mas sair para alto-mar? Nunca. Inscreveu-se como mestre do Verde Vale e, no retorno, ganharia o salário de tripulante: mesmo sem pisar na embarcação e conferir as toneladas de cherne.

Ah, e que crime teria feito? Tem um monte de barco aí com tripulação ilegal, já virou até algo comum. Ele tinha muito mais experiência do que aquele que fazia o despacho e assumia o falso posto de mestre de barco. O que valia, lá fora, eram o conhecimento empírico e a coragem para passar dias e dias à mercê do oceano. E dessas qualidades, Jairo tinha convicção de que desfrutava.

— Tudo em ordem aqui embaixo! — grita Beto, agarrado à escada de acesso ao motor, cujo corrimão sempre se mostrava encardido pela graxa despreendida de seus dedos. Os poucos minutos em que permanece naquele local abafado tornam-se suficientes para o cheiro do óleo penetrar por entre os poros de sua pele e só deixá-lo após alguns dias longe do barco.

— Tranquilo... Logo esse temporal passa e vamos pegar mais umas toneladas de cherne! — responde Jairo, sem tirar os olhos da tempestade que contestava a afirmação, não revelando vestígios de se render à calmaria.

E Ricardo ficava ali, com as costas apoiadas na parede, mais preocupado em finalizar a miniatura a dar

ouvidos ao respirar desordenado de Jairo e ao som das ondas ininterruptas, que batiam intensamente na janela da casaria.

Seu primo, Renato, olhava por entre o vidro da maloca, tentando adivinhar de onde viria a próxima marola. As ondas quebravam em cima do convés e determinavam o movimento da embarcação; rapidamente a água que entrava por ali escorria pelas frestas laterais, impulsionada por aquele balanço impetuoso. Tinha de se segurar na maçaneta da porta, para conseguir mandar em suas pernas, desequilibradas pela invisibilidade do barco em meio àquela ventania sem fim.

— Ô, primo, dá uma olhada aí fora... Parece que o mar vai engolir a gente!

— Ah, nem te preocupa, não! Aqui, no Sul, é sempre assim. Vai passar, deixa de bobagem... — responde Ricardo, concentrado com as proporções da casaria de sua miniatura.

— Não sei como tu não ficas preocupado, primo. Até parece que tem anos de trabalho, e mal chegou aqui. Tu achas mesmo que essas suas três ou quatro viagens que fizesse já te deixam todo confiante?

— Deixa de besteira, homem! É mais fácil morrer em terra, de acidente de carro, do que com uma embarcação!

Renato olha com desprezo para o primo. Onde já se viu duvidar do mar? Aquelas ondas estavam convictas de que não mereciam qualquer subjugação: entravam violentamente pelo convés e desejavam destruir cada centímetro da madeira que formava o Verde Vale. Mal conseguia enxergar a popa, a menos de três metros de distância da casaria, com tanta água que atingia a janela.

— Vai um café aí? — oferece Negão, tentando fazer com que nenhuma gota quente caia do bule.

— Tomar café como, com o barco desse jeito? — retruca Jairo, já nervoso com o temporal ininterrupto e o prejuízo de dois dias parados.

— Ah, dá-se um jeito, tempo ruim tem em tudo quanto é mar...

Ricardo ouve, distraído, a conversa do cozinheiro e do mestre de barco, enquanto leva a miniatura até a cama. Apóia um de seus pés na parede, para deter o desequilíbrio do corpo; as costas tentam achar alguma posição um pouco mais confortável no colchão tomado pelo desgaste. Segura firmemente, com um zelo particular, aquele pequeno barco, quando sente um impulso que o arremessa ao chão. A traineira se desprende de suas mãos e é lançada contra a parede, misturando-se aos colchões e travesseiros jogados desordenadamente. China e Jorge seguram-se nos pés dos triliches, tentando lutar contra a força que parece sugá-los para o outro lado da casaria.

Jairo é atirado ao leme e observa, com o tórax apoiado no timão e os braços tentando encontrar um apoio, a casaria inclinar-se verticalmente em direção ao mar. Negão segura-se na pia, mas é vencido pelas painéis que caem sobre seu corpo e pelos cacos de vidro no chão, cortando-lhe a pele. Renato fica retraído contra um dos cantos da maloca, os braços segurando fortemente os joelhos, com a cabeça e as costas apoiadas na parede, onde consegue ver a janela exibindo o mar revoltado — muito mais íntimo do que desejava.

Os poucos segundos em que a embarcação permanece totalmente inclinada na vertical, com a proa para cima, são de total imobilidade para aqueles pescadores.

Acuados, cada um tenta adivinhar, ou somente aguardar, a próxima ação do Verde Vale e das marolas. Ricardo, segurando-se em uma das laterais dos triliches, consegue apenas sentir o suor desprendido da palma das mãos, facilitando a possibilidade de seus dedos perderem a sensação de força e a segurança.

Alguns estalos saem do corpo do Verde Vale, que começa a inclinar-se para frente. Todas as toneladas de cherne e o peso carregado em sua estrutura acentuam a velocidade da embarcação ao voltar pela mesma trajetória e chocar-se violentamente contra o mar. O impacto do barco contra a água soa pesado e parece abrir um vácuo no oceano. O choque ensurdece, mas um zunido agudo continua perturbando-o e fazendo-o tremular ao ritmo daquele som.

Não se importando com as dores que tomam seu corpo, Ricardo levanta-se e corre em direção a bombordo, na tentativa de saber de onde vinha o incômodo ruído que parecia arranhar cada centímetro da embarcação. Vê-se minúsculo perante aquele gigante, navegando tranqüilamente, sem perceber que, junto ao seu caminho, segue também o Verde Vale, arrastado por sua força imponente. Ricardo apenas consegue identificar a inscrição “Rio de Janeiro”, ornamentando uma de suas laterais. O navio ainda insiste em empurrar, por alguns metros, o Verde Vale, que mal lhe faz cócegas. Após poucos segundos, abandona-o ao destino o qual lhe impusera.

— Peguem os coletes! — grita Jairo, tentando fazer com que aquela imagem deixasse de hipnotizar os tripulantes. Ele corre para a casaria e, nervosamente, tenta achar alguma estação na qual pudesse conversar com as embarcações próximas e passar a posição onde

se encontravam. Deveria ter algum barco por perto, tinha de ter. As mãos trêmulas mal conseguem coordenar aqueles poucos botões do rádio, que não demonstra vontade alguma em deixar seus incômodos chiados para depois.

Ricardo e Renato correm para o convés, crentes de que a água já havia invadido todo o navio junto com os estalos nervosos do Verde Vale. Olham pela janela, mas, felizmente, a embarcação teimava em flutuar. Um suspiro de alívio.

Beto desce nervosamente a escada da casaria, esquecendo-se do desequilíbrio criado pelas marolas. Ao chegar à casa das máquinas, sua visão espelha um temor que não queria afirmar. O navio havia perfurado o casco do Verde Vale e os estalos vinham justamente de toda a estrutura da embarcação perdendo suas forças perante a fúria do mar.

— Ô, pessoal, vem ligeiro aqui pro motor! — berra Jairo, que começa a descer mais um degrau e encosta sua pele na água gélida dos mares do sul.

Negão ainda tenta amarrar o colete salva-vidas, meio desengonçado, enquanto apóia-se no corrimão para ajudar o motorista. China, Ricardo e Renato tentam tirar a água com baldes, com pouco mais de 30 centímetros de diâmetro, mas o mar teima em entrar, misturando-se ao cheiro de óleo e à fumaça que sai do motor. Os braços daqueles pescadores seguem movimentos repetitivos e rápidos, acostumados a puxar rede, mas agora brigando para arremessar a água a lugar algum.

— Beto, isso aqui não vai adiantar! — grita Renato.

— Não interessa, a gente tem que salvar o motor!

Mas o nível da água insiste em subir ainda mais,

cobrindo praticamente todo o corpo dos tripulantes e chegando até o ombro. Negão é o primeiro a abandonar a casa das máquinas, com medo de que o colete salva-vidas se soltasse, deixando-o sem apoio algum para aquele corpo pouco íntimo do mar. Ricardo e os outros tripulantes sobem rapidamente as escadas, já com dificuldades em mover as pernas, impedidas pela força da inundação.

— Estamos ao sul da barra do Rio Grande, 180 metros de profundidade. Alguém aí? Câmbio! — grita Jairo, ainda tentando encontrar algum barco por perto. Segura o leme, com força, como se pudesse ter controle sobre a embarcação. Do outro lado do rádio, apenas aquele chiado inconveniente e a voz de outros mestres de barco tornando-se cada vez mais distantes.

Beto levanta seus braços para fora da água e tenta coordená-los junto com o movimento das pernas, mal conseguindo mexerem-se dentro da maquinaria inundada. Lança suspiros breves e repetitivos, com a boca voltada para cima, buscando uma maneira de não engolir a água salgada que volta e meia respinga em seus lábios. Chega até o corrimão da escada, onde consegue subir alguns degraus. Fita, mais uma vez, o motor do Verde Vale, entregue ao oceano. Despede-se.

China olha paralisado para o que vê da janela da casaria: toda a embarcação já está embaixo da água e o local que ainda resiste é justamente onde ele consegue se proteger. Do lado de fora, Ricardo começa a nadar desesperadamente em direção ao bote salva-vidas; luta contra o frio, contra as marolas violentas da tempestade, contra a ventania, contra o Verde Vale. Puxa o fio que inflaria a bóia, mas, ao soltá-lo, o cabo arrebenta-se e o bote cai no mar. Não pensa duas vezes: o que

mais queria era arranjar uma maneira de sair dali. Leva consigo a bomba e, com a força que ainda lhe resta, começa a enchê-lo, ao mesmo tempo, que briga contra as investidas das ondas.

— Estamos ao sul da barra do Rio Grande. 180 metros de profundidade. O Verde Vale II está naufragando. Por favor, precisamos de socorro, urgente! Alguém na escuta? — do outro lado, Jairo ouve apenas o silêncio.

Beto coloca o colete salva-vidas e, deixando de lado a imagem do motor entregue ao mar, une-se aos outros tripulantes que nadam descontroladamente em direção à bóia. Um agarra-se aos braços do outro; outro tenta encontrar o momento exato para subir sem ser atingido pelas marolas; o mais temeroso lança lágrimas que se tornam invisíveis no meio da tempestade. Ninguém nunca havia sofrido um naufrágio antes, mas, naquelas horas, todos se uniam para manter a calma e encontrar uma saída para se salvarem.

Jairo tenta, mais uma vez, algum contato que pudesse tirá-los dali. Mas, somente vem aquele chiado. Sai da casaria, de onde vê todos os sete amigos esperando-o dentro do bote; as ondas de cinco metros anseiam sugar aquele único instrumento capaz de mantê-los vivos, sem deixar vestígios. Os braços cansados de Ricardo ainda encontram forças para segurar-se a uma das laterais da casaria, sem deixar que a bóia se afastasse dali. Jairo agarra-se às mãos de China para unir-se à incerteza do retorno. De longe, todos dizem um adeus silencioso ao Verde Vale II que, aos poucos, entrega-se ao oceano.

Naquele momento, sentiam-se sós.



18. SÓ

“E pensava que no meio daquela solidão infinita, no meio do escuro rumor do mar, não precisava senão ver a luz de um navio, para dar um grito que se ouviria a qualquer distância.”
(*Relato de um Náufrago* – Gabriel García Marquez)

O mar acorda sereno. O temporal da noite anterior perdeu forças diante daquela vastidão. Luz forte. Aclara o céu. Cheiro de café. Ouço barulho de motor, máquinas, rede, vozes. Já me é familiar. No mesmo horário. As mesmas ações. Subo ao toldo, encontro o horizonte. Engraçado. Também criei uma rotina. De todas as manhãs estar aqui. Silêncio. Perco-me em pensamentos. Gosto de apreciar aquele azul, sentir o cheiro salgado, maresia na pele. É meu refúgio. Sempre foi. Sinto-me cansada? Olho o mar. Tristeza? Alegro-me com ele. Angústia? As ondas sempre me acalmaram. Até na solidão fazem-me companhia. Desde pequena, o mar era meu amigo. Diziam-me: você nasceu no mar, menina! E eu, a deliciar-me na imaginação pueril. De que nas ondas havia nascido. Mãos mágicas a me construir. Sem perceber a denotação daquela frase. Havia nascido em Itajaí, cidade de praia, apenas isso. Dou risada, até hoje.

Agora, estou aqui, neste mar sem fim. Preocupada com o depois. Sonhos para anos. Sinto-me envolta nos pensamentos. A criar situações. Inventar o futuro.

Reinventar o passado, talvez. Fico ali, horas. Esqueço o barulho do motor. As conversas no convés. As risadas do Zé. O olhar desconfiado do Eca. Apenas observo aquele mar. Sem preocupação. Hipnotizo.

Fixo meus olhos nas ondas. Agora, sem mal-estar. Sinto-me liberta daquela sensação. Vejo um cação a exhibir um azul mais forte em contraste ao oceano. No primeiro dia, não teria percebido a diferença. O mar parece aguçar a visão. Perco-me com a correria, com os sons, com o falar. Mas ali estão o silêncio da minha voz, a calmaria de meus movimentos e a sonoridade das ondas. O olhar torna-se único. Majestoso.

Aquela imensidão assusta. Fascina. Não estou só, no barco. Mas, no barco, estamos sós. A quase 200 quilômetros da costa. Entregues à sorte. Ao tempo. Ao autocontrole. Às mesmas pessoas e vozes. Àquela rotina. Água para todos os lados. Infinito. Sem possibilidade de escolha. Optar por outra paisagem. Encontrar novas companhias. Mandar no cotidiano. Impor regras ao mar. Aqui, ele quem manda. Nós apenas sobrevivemos.

Volto meu olhar à mesma cena. Puxa rede, olha o peixe, mata o peixe, puxa a rede. Rotina, novamente. Com hora determinada. Mas sem data prevista para o retorno. Sem saber se amanhã o dia será bom. Sem saber se vem peixe na rede. Sem saber se retornarão às suas casas. Como conseguem? Permanecer vinte dias no mar, cinco em terra, volta para o barco, até logo! para a família. Perdem contato. Notícias. Esquecem as vozes das mulheres, dos filhos. Aqui, são esquecidos. Fazem-se esquecer. Não são vistos nas ruas. Não encontram os amigos. Existem nas saudades, apenas. Sinto-me sem identidade. Pequena. Frágil. Livre no ocea-

no. Mas esquecida ali. Sem poder sair. Condicionada àquele ambiente. Sem saber o que acontece em terra. Um mundo ao redor. Silencioso. Sem notícias. Apenas nós. Aquela realidade. Mesmas vozes. Paisagem de céu e mar.

Olho para aquele azul de dois tons. Perco-me na clareza. Sem piscar, continuo ali. Sem me mover, apenas observo. Não há mais o que imaginar. Barulho das ondas. Idéias se convertem em nada. Absoluto. O nada existe? Ali, parece impor-se. O nada além do horizonte, onde os olhos não alcançam. O nada que esconde a terra. O nada abaixo do oceano, quando o peixe não vem. O nada além da rotina. O nada no céu. Vazio, sem pássaros. Ficaram lá em terra. O nada. Apenas o barco, no meio do mar. Esquecido. Só.



19. RICARDO

(Parte II)

“Eu acho que, quando as coisas apertam em uma situação dessas, ninguém pensa em nada.

Pensam ‘cada um para si e Deus por todos’.

Pra quem tá em terra, tá sossegado, tudo passa.”

(Ricardo Alexandre Cardoso)

Em meio ao nada. De todos os lados surgem ventos: noroeste, sueste; a tensão não consegue fazê-los distinguir de onde virá a próxima marola. Todos os oito pescadores tentam encontrar espaço em um dos lados da bóia, que se limita aos seus 3 por 3 metros quadrados. Dali, apenas conseguem ver o Verde Vale emborcado, teimando em não se entregar ao oceano.

A marola começa a se formar a metros de distância de onde estão, já revelando qual lado do bote irá atingir. Todos se dirigem para o sentido oposto, como maneira de tentar equilibrarem-se naquele espaço mínimo — a única forma de continuarem vivos, longe dos cações que assustam os pescadores e da água gélida dos mares do sul. Naquele momento, o medo maior era congelar com aquela água que não parava de invadir a bóia. E, dessa maneira, eles seguiam: mudando de posição como a onda assim mandasse e retirando a água que entrava no bote.

Jairo insiste em salvar o sinalizador, já molhado com a quantidade de marolas que investiam contra eles.

Acende o rojão, segura-o para cima e, com os olhos e boca contraídos, espera até que o som exploda aquele fogo que poderia ser visto a metros de distância. Falsa oportunidade. O sinalizador estoura dentro da bóia, não conseguindo lutar com a quantidade de água ao qual foi exposto.

Os braços magros e cansados de Ricardo não param de fazer movimentos repetitivos, buscando, de todas as formas, uma forma de prolongar a sobrevivência. A água fria parece penetrar como pequenas lâminas afiadas por toda a sua pele. O vento do temporal mal consegue permitir enxergar alguma coisa. Seus olhos misturam a pigmentação esverdeada com pontos vermelhos, alimentados pelo sal do oceano.

O som que o acompanha é apenas aquele que nasce junto ao uivo intenso do vento, das marolas chocando-se contra a bóia. Estranha a ausência do ruído incômodo do motor; até já havia esquecido como era o som do oceano fora do barco. Presta atenção à respiração nervosa dos companheiros, misturada à sensação de frio. Ninguém demonstra desespero, não se ouvem palavras de descrença ou força; manifestações de tristeza revelam-se nulas. Naquele momento, suas vozes ecoam um silêncio estranho.

A noite chega, escura. Céu e mar unem-se, em uma negridão sem fim.

Gabriela balança o brinquedo, tentando encontrar aquele som que sempre lhe tira boas risadas. Desde que aprendera a rir, pegava o chocalho de diferentes coloridos com as duas mãos e só queria saber de movimentá-lo para lá e para cá, extraindo-lhe uma música sem

harmonia alguma, apenas de estranhos ruídos, mas o suficiente para movimentar todo o seu rosto em diferentes gargalhadas. Tenta encontrar de onde saem aqueles barulhos estranhos: observa o objeto por todos os lados, coloca-o na boca para sentir algo; olha mais uma vez.

Enquanto movimenta o chocalho, sente os pés nervosos de sua mãe a balançar o carrinho, onde passa horas e horas do seu tempo — meio a contragosto. Estava acostumada a um vai-e-vém mais lento; mas, naquele dia, tudo por ali parecia um pouco mais agitado. De todos os lados, surgem rostos estranhos e familiares. Vozes que reconhecia, outras que nunca havia escutado. Cantam um canto estranho, uma melodia repetitiva. Uns parecem sussurrar, outros preferem impor suas vozes, alguns apenas pensam de olhos fechados. E sua mãe? Continua balançando o carrinho, automaticamente. Alguém, que vez ou outra aparece por ali, está abraçando-a e dizendo-lhe um monte de ruídos, os quais não consegue distinguir. Por que sua mãe não lhe dava atenção? O jeito era parar de se concentrar no chocalho e soltar aquele velho choro, para conseguir dizer o que queria. Sempre dava certo.

— Ai, dona Vilna! Olha só... Por que Deus foi tirar meu Ricardo e me deixar sozinha com uma menina de três meses?

— Calma, Regiane, calma. Tenho certeza de que eles estão vivos. Vamos orar e pedir a Nossa Senhora que tragam todos de volta.

O olhar sereno e as palavras seguras daquela senhora de 81 anos eram o que conseguia confortá-la. Desde a manhã de segunda-feira, quando recebeu a notícia de que o Verde Vale havia naufragado, não

conseguia deixar de pensar um segundo sequer em seu marido. Como estaria ele, em alto-mar? Estavam na balsa? Foi tempestade? Ah, quantas vezes lhe disse para não se aventurar no oceano, quantas vezes! Mas Ricardo sempre repetia: salário de duzentos reais em terra não consegue sustentar família alguma. É lá fora que vou conseguir dinheiro! E o que havia mudado? Salário de tripulante também nunca foi lá aquelas coisas e o pior era sempre ter que lhe dar adeus não sabendo a hora do retorno. Parecia até castigo de Deus.

— Não diga isso, Regiane! Deus está do nosso lado. Ricardo vai voltar para a família, tenha fé!

— Eu quero acreditar nisso, mas vem um e me diz que todos morreram, vem outro e diz que não. Vem essa moça da TV e fica falando do naufrágio toda hora.

O boca em boca que dispersou a notícia do acidente, em Navegantes, logo chegou aos ouvidos da imprensa. Jornalistas não paravam de ligar para as famílias, à procura de entrevistas e notícias de última hora. Será que aquela gente não podia entender o momento pelo qual estavam passando? Não, o que eles queriam eram informações e mais informações sobre a tragédia: assim poderiam preencher as páginas dos jornais e os minutos da TV.

— Não se preocupe com isso, menina. Vamos nos concentrar em nossas orações para dar forças a eles que estão no mar...

E seguiam as orações, reunindo vizinhos, amigos e familiares: todos de família de pescadores que conheciam muito bem aquela situação. Por horas, dias e noites, a corrente de oração passou por todas as casas dos familiares, unindo a pequena cidade de Navegantes.

Ricardo tenta encontrar uma posição confortável, para aliviar as dores das costas e das pernas. Durante toda a noite, seus joelhos permaneceram dobrados, apenas se movimentado conforme as ondas colidiam contra a bóia. Nem o cansaço permitiu que fechasse os olhos. O mar agitado teimava em derrubá-los da balsa, sem reservar qualquer momento de pausa. Olha para Renato, que continua tirando a água com as mãos em formato de concha: ele, que já estava inseguro com aquele vendaval, ainda dentro do Verde Vale, teve a confirmação do que temia. Negão não se permite deixar o colete salva-vidas: para quem mal sabia nadar, o jeito era agarrar-se ao incômodo material, que lhe começava a criar as primeiras feridas na pele. Beto pouco movimenta o olhar: vigia o oceano à procura de alguma embarcação que pudesse passar por ali. China ainda tenta encontrar algo para comer: mas aqueles alimentos em formato de goma desmancharam-se com o sal de ondas violentas. Jairo, cabisbaixo: que deveria pensar naquele momento? Em como sair dali, na família que deixara, no prejuízo daquela viagem, na embarcação sem radar, em tudo ao mesmo tempo.

Já Ricardo não consegue organizar seus pensamentos. Pensa na família, pensa no temporal, pensa em nada. Involuntariamente, continua fazendo o movimento de tirar a água da bóia, de ir a um lado e outro para buscar equilíbrio, de encostar-se em algum canto embaixo da lona. Lá em terra, eles devem estar bem. Se eu morrer, vão orar, chorar, sentir a ausência por um tempo: mas vão continuar vivendo. Minha Gabriela, minha Regiane. Vão ficar bem. Bebe um gole de água, para tentar enganar a fome. Em terra, vão ficar bem —

reafirma. O problema é estar ali, no meio do nada, sem saber quando vão encontrá-lo, sem saber onde estão, sem saber se irá agüentar.

De longe, ouve um zunido familiar, tornando-se rapidamente mais forte. Olha para cima, com os olhos semicerrados tentando proteger-se de um sol que timidamente começa a aparecer. O avião interrompe qualquer pensamento e ganha a atenção de todos os tripulantes. Estranho perceber que, após tantas horas abandonado ao oceano, fizeram-no dar valor maior a qualquer acontecimento estranho àquele cotidiano. Uma fígada de crença toma conta de todos os tripulantes, que começam a soltar risos nervosos e acreditar no retorno. Jairo pega o espelho para criar feixes de luz ao ser direcionado ao sol. Na água, o brilho tornava-se muito mais intenso e reflexivo, chamando a atenção para que percebessem aquele movimento distante no meio do oceano. O avião dá as costas ao pedido de socorro; nem sequer o enxerga. Diz adeus e os condena à própria sorte.

Mas, naquela noite, o céu dormiu estrelado.

O Corveta Baiana navega nos mares do Rio Grande do Sul, já tranqüilo após o temporal que se prolongou por três dias. Do ponto do acidente — captado por embarcações distantes que ouviram as informações e os gritos desesperados de Jairo — o navio traça uma trajetória circular, distanciando-se gradativamente daquele local.

A bordo, 40 marinheiros especializados, passando pelo segundo dia de busca pelas vítimas do naufrágio do Verde Vale II.

- Acredita mesmo que eles podem estar vivos?
- Acho que esses já se foram...
- Pode ser que estejam aí ainda, perdidos.
- Eu acho que vai ser difícil conseguir achar algum sobrevivente depois do temporal...

E assim as especulações prosseguiram. A maioria preparada para encontrar apenas os corpos ou, como em muitos casos, lançar o diagnóstico de “desaparecidos”.

Acompanhando as operações da Marinha, a imprensa continua a extasiar a notícia nas capas dos jornais, nas emissoras de rádio, em *flashes* nos telejornais. Sempre com um tom que possa refletir certa tensão, por causa das dificuldades nas buscas e as condições adversas do mar no dia do naufrágio. Mas, eles mantêm as palavras de alerta à população como se, a qualquer momento, algo pudesse acontecer, prendendo a atenção do público nas notícias de última hora.

No oceano, apenas o nada.

Percebe a primeira claridade daquela manhã. Arde-lhe olhar diretamente ao sol, nascendo em sua frente. Aparece em meio às poucas nuvens acinzentadas, resquícios do temporal que começou naquele 24 de março de 1996. Sente fraqueza no corpo, vontade de deitar-se em sua cama, dormir sem a companhia das águas geladas. As pernas sentem dormência de não poderem se mover; os braços já não conseguem fazer força para levantarem-se. Dá graças a Deus por não precisar mais lutar contra a tempestade. Olha para os lados. Os companheiros continuam calados, abatidos.

Sente-se sozinho, naquelas horas que insistem em caminhar lentamente. Em deixá-lo entediado com a

paisagem. Mar, céu, céu, mar. Sente-se um nada no meio daquela imensidão. Antes, orgulhava-se em domá-la. Agora, mal consegue dominar as ondas que tranquilamente balançam a bóia.

O sol, preguiçoso, nasce vagorosamente. Meu Deus, quantas horas ainda iria ficar ali? Silêncio. Nunca sentira, de maneira tão intensa, cada segundo quanto agora. Começa a passar a mão pela camiseta e a bermuda: sente o tecido esfarelar-se com facilidade, já entregue ao sal e às primeiras horas de sol. Lança ao mar os pedaços de camisa que ainda restam. Apenas sobra o colarinho, que consegue aquecer parte de seu pescoço, gelado por causa dos ventos de outono.

Ao lado, Negão passa a mão pela nuca e sente a pele grudada ao colete. Derrama um pouco de água sobre o local, mas grita com a ardência muito maior; cada gota parece conseguir entrar profundamente na carne rasgada. Todos ouvem o grito, como se a dor também pudesse exprimir o desespero daqueles tripulantes.

Meio-dia. O sol começa a arde-lhe o rosto. Não há o que fazer. Vontade de sair nadando por aí. Ninguém vai a nado para lugar algum, sempre ouviu dizer. Perdido, mal consegue captar os sentidos. Nem a direção. A nuca está tensa, sente o pescoço fazer um esforço sobre-humano para sustentar a cabeça; as têmporas latejam, primeiros sinais das dores que se tornariam cada vez mais fortes. Massageia, em movimentos circulares com a ponta dos dedos, a região ao lado dos olhos. Observa o céu. As nuvens revelam cada vez mais o sol da tarde.

O balanço das ondas começa a entediá-lo. Ricardo. Vai e vem constante. Não dispunha de um minuto

sequer de sossego. Amolece o corpo. Fraqueza nos braços e nas pernas. Maldita dor de cabeça. Fome. Nada aparecia por ali. Só aquele azul, a espuma branca das ondas, o céu cada vez mais claro. E, novamente, o nada. Sente uma dor forte no estômago, que há dois dias não sentia nem um sabor.

Cruza as mãos à frente, apoiando-as em cima do joelho, dolorido por não conseguir se mexer. Sente gotas de água baterem em sua boca; tenta aliviar a ardência com um leve movimento de lábios, mais inchados que o normal. Mas tudo parece contaminado pelo mar. Maldito mar: sempre gostava de senti-lo em sua pele, quando ia lá pra praia de Navegantes. Mas, agora, não o deixava em paz. Promete a si mesmo que se saísse daquela situação, pediria as contas e voltaria ao estaleiro. Nunca mais queria saber de pesca.

— Ô, gente! Olha aí a companhia que arranjamos!
— grita Jairo, interrompendo o silêncio e apoiando-se na borda da bóia.

— Esse aí parece estar com mais fome que a gente!
— solta Renato, que consegue arrancar algumas risadas dos companheiros.

O dourado nada ao redor do bote, sentindo o cheiro de suor e da pele queimada. Tenta lançar algumas investidas contra a bóia com sua cauda; permite que seja observado bem de perto.

— Ô, se tivesse um anzol agora. Lá no Verde Vale, esse dourado não saía vivo! — comenta Negão, já pensando nas diferentes formas de assar o peixe de um metro e meio de comprimento. Mas o que vêm à mente são os dentes desafiando suas escamas, que lhe cortam o lábio, até encontrar a carne macia. A língua sentindo o gosto do sangue quente, que escorre entre seus

dedos. Os olhos vivos do animal, desesperados, a fitá-los. Aquele pensamento enjoa os sentidos; a fome silenciosa.

“Há mais de 50 horas, a embarcação Verde Vale naufragou a 140 milhas do Farol de Albardão, em uma área próxima ao Chuí, divisa entre Rio Grande do Sul e Uruguai. A Marinha já começou as buscas, só que até agora não há nenhum sinal dos tripulantes que estavam no barco. As causas do acidente ainda são desconhecidas, mas acredita-se que o mau tempo...”. Regiane desliga a TV, cansada de ouvir sempre as mesmas notícias.

Gabriela já consegue dormir com todos aqueles sons e a movimentação intensa de pessoas em sua casa. Acostumou-se aos dois dias de agitação e de rostos estranhos. Regiane observa a tranquilidade da menina, com certa inveja. Como queria ela conseguir dormir, não saber do acidente, brincar como se nada estivesse acontecendo. Como estava lindo o seu bebê. Ricardo pouco aproveitou os momentos junto à menina. Quando ela nasceu, retornou do mar apenas quinze dias depois. Passou uns três dias em casa, e voltou ao trabalho.

Onde estaria ele agora, minha Nossa Senhora dos Navegantes! Salve o meu Ricardo e todos os seus companheiros de trabalho. Que ventos, tempestades, borrascas, raios e ressacas não os perturbem mais. Faz desaparecer o medo nas horas de perigo. Dai-lhes ânimo e disposição para lutar e vencer. Nossa Senhora dos Navegantes, rogai por todos os pescadores do Verde Vale.

Manhã de quarta-feira. Mais uma noite sem dormir. Mais um dia de espera. Encontravam-se ali, novamente sozinhos. Sem o som do motor do Verde Vale, as brincadeiras que faziam entre uma puxada de rede e outra, o chiado do rádio que tanto os acordara às seis horas da manhã.

Ricardo sente fraqueza em cada centímetro de seu corpo. Os dedos mal se movem. Não há forças nas pernas, nos braços que pescaram tanto cherne. O sol deseja furar a pupila; os cabelos de fios castanhos estão cada vez mais claros. Apóia a cabeça contra os joelhos. Precisa esperar. Esperar para encontrar o cardume, esperar o pagamento em terra, esperar para ver a família. Paciente ele já era. Mas, diferente do que acontecia na rotina de embarcado, ali, no meio da imensidão, não havia esperança da certeza. Certeza de que os encontrariam vivos ou certeza de que viveria.

Ao render-se àquele balanço constante do mar, ouve um som diferente. Um som trêmulo que perturba seu silêncio. Olha para Renato, a fim de certificar-se de que aquilo não era alguma alucinação. O primo responde ao olhar, com um tímido sorriso. Faz um sinal com a sobranceira, direcionando-a para cima. Ricardo cobre parte de seus olhos para ver o que era aquela sombra. Desta vez, não lhes dão as costas. Um avião da Mariinha sobrevoa o local e sinaliza o resgate.

As setenta horas de espera, finalmente, chegam ao fim.

— Vocês não vão poder dizer isso. Falem que foi apenas o tempo ruim que fez o barco naufragar! —

reponde, com uma voz ríspida, mas insegura, o sargento da Capitania dos Portos da cidade de Rio Grande.

— Não! Estávamos em alto-mar e um navio bateu na gente! — responde Jairo, já irritado com a mentira que queriam fazê-los falar.

— Mas vocês não têm carteira e o barco só tinha autorização para pescar a 50 milhas da costa! — constata, após perceber que a embarcação estava a 250 milhas.

— Só que não passamos por fiscalização nenhuma e a gente estava lá sim, pescando cherne.

— Gente, para que as coisas não se compliquem, até para o nosso lado... Digam que foi mau tempo.

— Não, foi um navio cargueiro, a gente estava a 250 milhas, não houve fiscalização. Não interessa! — insiste Jairo.

Ricardo ouve a conversa, meio querendo rir da situação. Quem diria que pediriam para mentir no depoimento? Ah, mas conhecendo a personalidade dos companheiros de barco, sabia muito bem que ninguém iria falar o contrário do que realmente aconteceu.

Toma um gole de água, desinteressando-se pela discussão. Passa a mão no rosto, ainda inchado e queimado pelo sol e sal. Como era bom poder esticar os joelhos, quando mal conseguia mover-se naqueles três dias e meio em alto-mar. Suas pernas e braços ainda ardem do sol; consegue sentir cada osso manifestar certa dor — estava acostumado com sua magreza de 60 quilos, mas agora se sentia fraco com aqueles 54.

Que alívio conseguir trocar duas palavras com Regiane, confortando-a, mesmo por telefone. Teria de esperar mais cinco dias para retornar para casa, até findar aquela confusão de inquérito, exame sei-lá-de-que

e o que mais perguntassem a eles. Mas, voltaria para casa. E nunca mais, jurava para si mesmo, retornaria a embarcação alguma.

Toda a cidade de Navegantes parecia estar reunida em frente ao *ferry-boat*. Flashes, câmeras, abraços, sorrisos, aplausos, faixas com palavras de carinho. Todos esperavam os heróis do Verde Vale II com uma grande passeata de comemoração. A Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes, logo em frente ao Rio Itajaí-Açu e à cidade de Itajaí, também parecia testemunhar aquela grande festa.

Ricardo não imaginava que tudo aquilo era para eles. Recebia abraços de gente conhecida, de gente estranha. Pessoas querendo-lhe dar a mão, parabenizando pela coragem. Palmas e mais palmas que o faziam esquecer todos aqueles dias à mercê do oceano. Como era bom voltar para casa e ser valorizado desta forma. Ele? Um pescador, que mal tinha completado os estudos, agora era um exemplo para todas aquelas pessoas. Quisera ele também ser valorizado pelos grandes donos da pesca, os armadores, as empresas as quais lhe pagavam com troco.

Ricardo se lembraria com mais intensidade do que pensara enquanto era louvado na passeata, dias depois, após receber o pagamento daquele mês e o seguro de vida. As poucas notas de dinheiro mal conseguiam encher sua carteira. Olha para aqueles valores e sente vontade de jogá-los na cara de seu patrão, de protestar contra um trabalho sem direitos, de abandonar a pesca para sempre, de entrar na Justiça. Foram

duzentos reais de salário e uma indenização de 4 reais para cada um. Quatro reais. Era isso que sua vida e a vida de cada pescador valiam para as empresas? Mas, prefere calar-se. Já havia passado por tanta coisa naquele naufrágio que não queria mais saber de advogados, depoimentos, processos e mais processos.

Olha para Regiane e Gabriela, envergonhado com o que trouxera para, mais uma vez, pagar as contas. A esposa observa o dinheiro jogado em cima da mesa e fita o marido, com aquele olhar que já conhecia. Saia deste trabalho, arrume algo em terra, homem! Por favor... Era isso que ela sempre repetia. Recorda a promessa que fez se saísse vivo do naufrágio: nunca mais sairia em barco algum: emprego, somente nos estaleiros.

Mas, como era difícil brincar com o destino. As cicatrizes de queimadura das 70 horas em alto-mar mal começavam a curar-se em seu rosto e todo o seu corpo, quando novamente volta àquele chamado; àquele feitiço que parece tomá-lo de volta.

Vinte e dois dias depois, estava ele novamente, tripulante do Ferreira III, em busca de mais riquezas que vinham do oceano. Sinal de que ainda havia muito trabalho para fazer lá fora.





20. BERNARDETE

“Aprendi a respeitar aquela gente que está no mar. Se não fosse a rádio, para quem eles iam pedir socorro? Como é que alguém de terra iria mandar recado pra lá? Foi isso que me deixou a certeza de que, mesmo com dificuldades, não podia parar, porque não tinha mais ninguém pra fazer isso.”
(*Bernardete Felício*)

— O céu tá tudo vermelho, Bernardete, nunca vi isso, não!

— Fala pra minha esposa que amo ela! Diz pra minha filhinha pra não chorar pelo papai!

— O negócio tá vindo pra gente, tá vindo um redemoinho... Que isso, meu Deus!

— A gente vai morrê, a gente vai morrê!

— Tá muito forte, não tem como controlar o barco!

— Tem um buraco no céu e no mar! Nós tamo aí no meio! Tá girando tudo!

O Furacão Catarina havia deixado marcas de destruição por onde passara. Algumas cidades estavam incomunicáveis, sem acesso à água, luz ou telefone. Oitenta por cento das escolas da região foram danificadas e 33 mil pessoas ficaram desabrigadas.

Mas que preocupação tinha ela com o que havia acontecido em terra? Seus pensamentos encontraram moradia em alto-mar. Maldita hora que os pescadores teimaram em permanecer no oceano, cegos por causa dos cardumes em abundância que as marolas violentas traziam para a embarcação. Lá longe, os ventos havi-

am alcançado a velocidade de 240 km/h. Não, mas é apenas um ciclone, força sete, a gente agüenta, Bernar-detel! — acreditavam eles. E lá se foram o Antônio Venâncio, o Vale II e o São Jorge II, crentes que a força de seu corpo formado de madeira conseguiria enfrentar o que achavam ser apenas mais um ciclone. Foram oito mortes, deus do Céu, naquele mar que poucos conseguiram vencer.

Os gritos solitários de Zezinho e Adalto ainda teimavam em atrapalhar seu sono. A cama mal consegue relaxar o corpo exausto das quarenta e oito horas sem fechar os olhos para qualquer descanso: vira-se de um lado a outro, olha para o relógio com ponteiros lentos, sente o vento cortante entrar pela fresta da janela, trazendo os resquícios do temporal daquele março de 2004.

O outro lado reserva uma sala enfeitada com uma rede de pesca pendurada na parede, repleta de bibelôs representando animais marinhos. Em uma pequena mesa, estão os dois “maicos”, como chamam: espécie de *walkie-talkie*, fixos aos aparelhos de rádio, responsáveis pela troca de informações entre aqueles que permanecem em terra e os que vão para o mar. Ali também ficam uma agenda telefônica, com o número de vários pescadores e familiares, além dos poucos botões que regulam frequência e volume. O rádio está desligado, mas o barulho insistente, companheiro das conversas entre ela e os pescadores, continua exibindo seu incômodo som. Maldito ruído.

Os olhos não conseguem mais fingir aquele sono. Sente o cheiro do café, vindo lá de baixo. Pobre Rosângela: ela até tenta mostrar alguma disposição, mas pouco conseguiu descansar depois daqueles dois dias em que se dedicou intensamente à rádio. Está na cozinha,

comendo um biscoito e aquecendo a garganta com leite quente, mas sem prestar muita atenção ao movimento dos braços, das mãos e da própria mastigação. Apenas o olhar lança um tímido desvio quando ouve os passos de Bernardete a descer a escada, arrastando aquelas havaianas já gastas.

— Também não conseguiu dormir, né? — pergunta, enquanto tenta arrumar os cabelos de cachos desordenados com a mão direita e, com a outra, passa a lente dos óculos na camisa, em uma tentativa frustrada de limpar suas manchas.

Rosângela apenas movimentava a cabeça, como resposta negativa.

— Pelo menos, agora, tenho a tua ajuda. Não queira imaginar o sufoco que passei há oito anos.

Senta-se à mesa, corta uma fatia de pão, passa uma camada grossa de manteiga. Rosângela já lhe serve o café quente, que transpira na xícara.

— Pois, tu sabes que lá em 1996, foi aquele transtorno. Uns três meses depois da Rádio Costeira de Navegantes entrar no ar, já teve aquele barco que naufragou.

— Ô, dona Bernardete, a gente vai ancorar logo, o tempo tá fechando, câmbio!

— Faz isso, meu filho, que o nosso Senhor vai proteger vocês! — responde, ainda esquecendo o tal “câmbio”, que sinaliza o final da informação e a espera da resposta do interlocutor.

— Com certeza! Não dá pra desafiar o mar, não, câmbio!

— Fica com Deus, que aqui eu tô rezando...

Naquela noite, todas as embarcações que navegavam nos mares do Rio Grande do Sul já estavam ancoradas à

espera da calmaria para trabalhar novamente. Agora, restava aos tripulantes um descanso desconfortável, acompanhado pelo som do vento e das ondas que agitavam violentamente os barcos.

Bernardete faria o mesmo, já que à noite pouco podia ajudar aqueles trabalhadores. As luzes das embarcações interferiam na transmissão do rádio e inseriam ainda mais o irritante chiado durante as conversas. Conversas mesmo, pois o que muitos pescadores buscavam era uma parceira para bate-papos ou apenas a certeza de que ela estava ali, acompanhando a rotina em alto-mar e representando os amigos em terra. Sua voz tornara-se íntima àqueles homens e, vez ou outra, era a responsável em dar as boas-novas sobre o nascimento de uma menina, o casamento do filho ou o primeiro dia de aula do cacula. Mas, nem sempre, a notícia chegava de forma tão agradável: seu pai faleceu hoje, teu marido sofreu um acidente lá no mar; voltaram sem um tripulante.

De mãos atadas. Assim se sentia, quando estes acontecimentos ocorriam lá fora. O jeito era rezar e recorrer à ajuda do barco que estivesse mais próximo.

Quando o sol mostrava a primeira claridade da manhã, lá estava Bernardete a saudar os amigos do mar. Às seis horas, os barcos já estavam acordados, repassando as notícias da noite anterior e a posição em que se encontravam.

— Bom dia, dona Bernardete! Amanhece uma calmaria que só!

— Hoje vamo recuperar o tempo perdido!

— Tava uma praga pra dormir, onda e vento pra tudo quanto é lado, mas até que deu pra descansar!

— Eu dormi pouco, com medo de que alguma coisa acontecesse.

— Pelo menos, tá todo mundo bem! — responde, ainda com os olhos semicerrados de quem mal acabara de acordar.

— Sei não, dona Bernardete. O Rio Nilo e o Paulo Amorim não respondem! — diz o pescador, que tentava incansavelmente se comunicar com as embarcações.

Estranho. Os mestres de barco nunca deixaram os colegas sem notícias. Ainda mais quando todos se conheciam lá da Praia de Araçá, em Porto Belo, onde a maioria era da mesma família ou velhos amigos.

— Tão encontrando eles? Câmbio.

— Não, Bernardete, tá tudo quieto!

A última vez que ambas as embarcações se falaram foi no boa-noite. Mais nada. Nem suspiro. Do outro lado da linha, ela acompanha o desespero dos pescadores a procurar os companheiros, chamando pelo rádio, buscando qualquer ruído que saísse do Paulo Amorim e do Rio Nilo. Onde estão?, respondam!, estão bem? Nada. As mãos trêmulas regulam os botões dos aparelhos, que se confundem à sua frente. Tenta encontrar outra estação onde pudesse se comunicar. Mas, as palavras seguem conduzidas pelo choro e pela tristeza de perder onze amigos para o oceano.

Aquela seria a primeira experiência de naufrágio que Bernardete acompanharia. A primeira dos outros 45 naufrágios, 55 casos de acidentes com tripulantes e mais de 60 mortes em alto-mar, que aconteceriam durante os 12 anos posteriores.

— É... Agüentei muita coisa... Pior mesmo foi quando me vi sozinha pra conduzir a rádio toda.

— continua seu desabafo, enquanto Rosângela esquentava mais uma xícara de leite.

Senta-se de forma confortável na cadeira, deixando as pernas esticadas, as havaianas pendentes na ponta dos pés. A coluna curvada, cotovelos apoiados em cima da mesa, os olhos a observarem aquele último pedaço de pão que coloca com voracidade na boca.

— Pois foi difícil aquele tempo... — continua, enrolando as palavras junto à mastigação.

— Queres falar sobre isso mesmo? Estás cansada... — revida Rosângela, que persiste em manter os olhos abertos.

Bernardete olha para o fogão, com aquela chaleira chiando. Parece o rádio que tanto ouviu nas duas últimas noites. Fecha os olhos exaustos e continua, com a voz mais suave, incomum ao seu jeito ríspido de falar.

— Preciso lembrar. Tá engasgado aqui, ó! Pois eu lembro muito bem o quanto sofri no começo desta rádio. Quando os pescadores nem tinham como se comunicar.

Teve que vir gente do Rio de Janeiro para implantar a Rádio Costeira, com toda a aparelhagem necessária e profissionais treinados. Se hoje as transmissões são feitas na casa de Bernardete, próxima ao Molhe de Navegantes, na época, tudo funcionava em um dos mais de 20 estaleiros da cidade, onde ela cozinhava panelaços de arroz e feijão para os funcionários. Mal sabia como funcionava aquela parafernália toda, o que significavam as chamadas SSP, as ondas de longa distância pelas quais se comunicava com os pescadores em alto mar; e as PX's, mais curtas, quando algum pescador artesanal, próximo à costa, precisasse falar.

Só se interessava mesmo pelas conversas que saíam das caixas de som, do pessoal que estava lá nos mares do Uruguai, Rio de Janeiro, Pará.

— Bernardete, eu vou deixar a senhora e o Aldir para cuidar das coisas por aqui, enquanto dou uma passada rápida no Rio pra resolver uns problemas. — comenta Tato, um dos fundadores da rádio, já segurando as malas na mão.

Ajudar, ela bem que podia, o problema era responsabilizar-se completamente pela rádio. Completamente. Não se passaram nem quinze dias da rápida (e infundável) viagem de Tato, para chegar Aldir e dar-lhe a notícia de uma outra partida.

— Eu sei para quem estou entregando a rádio! — insistia, com uma segura tranqüilidade na afirmação.

— Mas, Aldir, eu não sei como fazer! — teimava Bernardete, já levantando a voz grave, os braços em movimentos rápidos e a testa acrescida pelas marcas de expressão que revelam a sua braveza, como se as palavras pudessem sair do corpo. Ele nem se assustava com o tal alarde: acostumara-se com o alto tom de voz e o olhar severo daquela mulher.

— Eu tenho certeza de que você vai tocar a Rádio Costeira de Navegantes, não vai desistir e vai levar a emissora pra frente!

Levar a rádio para frente sem mesmo conhecer a realidade dos pescadores e o funcionamento de toda a parafernália. Seu trabalho era ali na cozinha do estaleiro, ao som das conversas da rádio, longe daqueles botões e zunidos.

— Pra quem já foi fotógrafa, isso vai ser fácil! — dizia Aldir, sorriso sereno, já se despedindo dos equipamentos com um breve olhar.

Nas horas vagas, Bernardete gostava de pegar sua câmera fotográfica e sair tirando fotos por aí. Ah, isso ela sabia fazer muito bem! Trabalhara até em estúdio fotográfico em Porto Alegre e Curitiba, quando era mais nova. Enquadramento, iluminação, foco: tudo aquilo parecia mais fácil do que controlar estações e qualidade de áudio. Ainda mais quando seus ouvintes ficavam lá no mar.

O pouco que entendia da pesca guardara das lembranças da infância, quando começou a trabalhar nas “salguinhas”, como eram chamadas as pequenas indústrias de peixe, onde descascava quilos de camarão. Na época, não havia muita opção de trabalho em Itajaí para quem tinha pouco estudo: ou tornava-se funcionário das madeireiras, ou estivador, ou pescador ou ia para as salgas mesmo. Criança ali era o que não faltava. Bernardete, com a baixa estatura de seus 7 anos que se mantém até hoje, aos 53, misturava-se aos outros moleques, que subiam em cima de banquetas para alcançar a pia de lavagem dos pescados. Se havia lei trabalhista? Que isso! Naquele tempo eles mal conheciam os direitos. Mas era ali que ela também brincava, e muito.

Quando sobrava tempo, saíam das salgas e iam lá para o Itajaí-Açu, junto com outras turmas de crianças, para ver quem pegava mais peixe. Sempre conseguia pescar um bocado de bagre. O problema foi quando aquele esporão cortou a palma de sua mão e causou um inchaço que mal permitia fechá-la. Se não tinha dinheiro para ir ao médico, o jeito era estancar o ferimento com vinagre misturado ao pirão de farinha de mandioca, que sua mãe dizia ser um santo remédio. E não é que foi? Dias depois já estava lá, pescando mais bagre, descascando camarão e brincando com a criançada!

Pronto: estavam listadas as suas poucas experiências com a atividade pesqueira. Agora deveria controlar a Rádio Costeira de Navegantes sozinha, sem dinheiro, nem prática. Dividiria seu tempo entre a comunicação com os pescadores e a procura de ajuda financeira junto às empresas armadoras.

— Hum, tá cobrando pra trabalhar pros pescador! — dizia um, olhando torto para a nova proprietária.

— Pois ela tá explorando gente que não deve! — criticava outro, como se Bernardete cobrasse algum trabalho dos pescadores.

Nem adiantava explicar que a ajuda vinha dos armadores. Os familiares olhavam desconfiados para aquela novata na rádio. Mas o que acontecia em terra ela nem queria saber: continuaria fazendo seu trabalho, informando as famílias, conversando com os pescadores. Em oito de novembro de 2004, conseguiu transformar a emissora em Instituto de Rádio-Difusão Comunitária, formando um convênio com empresas de pesca. Estava “levando a emissora pra frente”, como afirmara Aldir.

— E ainda bem que tu veio me vender aquela assinatura de jornal, mulher! — continua, em um tímido agradecimento à Rosângela, sua companheira de trabalho há dez anos.

— Sabe aquelas coisas que têm hora pra acontecer? Deve ter sido isso. — comenta, com um sorriso nas palavras, lembrando o dia em que conheceu a Rádio Costeira.

— Pois chegou na hora certa. Não tava conseguindo fazer tudo, não. Tu lembra como ficou curiosa com os maicos e o aparelho?

— Pior que nem sabia direito que tinha barco lá no mar... Pra mim, era tudo novidade! — engasga-se com o café, em meio aos risos.

— Sim, veio novinha, 25 anos, perdida aqui em Navegantes. Tinha que ser novidade mesmo.

Em 1994, Rosângela foi embora de Arapongas — município no norte do Paraná com aproximadamente 100 mil habitantes, onde pesca era coisa estranha. Mal conhecia a existência de rádio costeira, muito menos que existiam mais de 600 barcos de pesca movimentando os portos catarinenses. No entanto, o que mais lhe chamou a atenção foi o trabalho daquela possível assinante de seu jornal.

— Então, como funciona esse troço aí?

— Ah, a gente chama as embarcações que estão lá no mar, que tão navegando até lá no Oipaoque, e conversa com os pescadores, vê se eles precisam de alguma coisa.

— E tem barco navegando lá no Oipaoque?

— Ô, é barco que não acaba mais! De manhã, tenho contato com mais de trezentas embarcações.

Já que o emprego também não andava lá aquelas coisas, por que não apostar na rádio? Para ela, as notícias do mar pareciam bem mais interessantes do que aquelas que apareciam no jornal. Em setembro de 1997, lá estava a companheira de trabalho, tão baixa na estatura quanto a nova chefe, a conversar com os tripulantes, assumindo um tom de voz semelhante ao de Bernardete, que chegava a confundir os pescadores.

— O Xaropinho tá por aí, câmbio? — pergunta, já íntima da aparelhagem.

— Positivo, “Bernardete”, tô te escutando forte.

Ajudamos os caras pra ir pela costa aí!

— É verdade, nós também queremos agradecer pela força que deu para o companheiro que tava com problema no barco. E cuida dessa garganta aí, faz gargarejo se não vai ficar mais rouco ainda. Um abraço. Fica com Deus!

— Fazer gargarejo com quê?

— Faz gargarejo com limão puro ou vinagre, mas não coloca sal, porque irrita mais a garganta, câmbio!

— Positivo! Vou almoçar aí depois eu faço, minha linda!

Total dedicação à rádio. Precisou até mudar-se à casa de Bernardete para trabalhar na Costeira, enquanto a companheira divide seu tempo em programas de televisão e em outras emissoras de rádio.

— O mais engraçado é que tu acabou fazendo tudo certinho! Nem me preocupei mais... — lembra Bernardete, contraindo os olhos ao tomar o café já frio.

— E você arranjou mais coisa pra fazer...

— Não tem como ficar na preguiça, não...

— Mas tu não pára nunca, né, mulher? — ri Rosângela que, mesmo após começar a trabalhar ali, nunca viu a amiga descansar um segundo sequer.

— Só doente, Rosângela. Enquanto tiver saúde, a gente vai tocar a Costeira pra frente! — repete a promessa silenciosa que fez a Aldir, lá no começo da rádio.

No final da praia de Navegantes, atrás de um extenso terreno baldio, é possível enxergar uma pequena casa em construção. Dois andares, com a fachada ainda sem pintura, azulejos por colocar, sacos de cimento espalhados no chão. Não há sons de máquinas, nem homens,

muito menos as conversas típicas dos construtores. Enxerga-se apenas uma mulher: cabelo solto, boné para barrar o sol do meio-dia, bermuda abaixo do joelho, camiseta manchada de terra e tinta. Empilha tijolos, prepara o cimento. Há mais de um ano está ali, construindo o seu novo lar.

Mesmo quando consegue tempo para descanso, principalmente aos finais de semana, lá está Bernardete, a passar o dia na construção da nova sede para a Rádio Costeira de Navegantes. Já fui criança, cozinheira, fotógrafa, locutora... Pedreira? Não seria tão difícil. Mesmo com os pés inchados, dores de cabeça por causa da insolação daquela tarde de sábado e o cansaço de uma semana inteira de trabalho, não abandona a construção de maneira alguma. Já era pra ter ficado pronta, mas ainda não deu! Quando estiver tudo certo, vai ser aquela festa!

Tempo para família? Tem não. Até para conversar não lhe sobra horário. Filhos? Nenhum em terra. Meus filhos são todos aqueles pescadores, abandonados no mar. Pois, pra mim, esses homens, cada vez que voltassem, deveriam ser recebidos com fogos e glória, porque só eles e eu sabemos a realidade do oceano. O que é o sofrimento em alto-mar, o que passam com furacão, com temporal e pescaria fraca.

Prepara mais um cimento para colocar na parede. Está irritada por ter comprado os azulejos errados. Isso vai atrasar tudo! Olha para o céu, que começa a mostrar os primeiros sinais da noite por vir. Apressa-se em terminar aquela parte da casa. Que fome ela sentia. Mas vamos, Bernardete, agüenta mais um pouco! São só mais alguns tijolos. Fica quieta e trabalha! Tenho tempo pra conversa, não.

21. CATIVO

“Os homens são tão necessariamente loucos que não ser louco significaria ser louco de um outro tipo de loucura.”

(*Blaise Pascal*)

Navega. Levando homens. Heróis. Mitos. Aqueles que procuram se conhecer. Encontrar suas verdades. Descobrir as dúvidas. Nas águas que purificam. Que levam embora. Ritual de Passagem. Passageiros não pertencentes à terra alguma. Abandonados à incerteza. Entregues à sorte. Ao próprio destino. Daquele embarque, que pode ser o último. O retorno, que pode não chegar. Confiança nos astros. Nos segredos que o mar transmite. Abandonados às encruzilhadas da natureza. Às armadilhas do oceano.

Navega. Na Europa da Renascença. Na razão que ali ressurge. Nas histórias dos grandes heróis. Exibe-se nos rios da Renânia e dos canais flamengos. *Narrenshif* da literatura. Dos filósofos. Das histórias romanescas. Torna-se concreta. Sai das palavras. Para explorar os mares europeus. Transportar os loucos que ali se mostram. Perambulam nas ruas. Isolá-los da cidade. Sumi-los.

Navega. Nau dos Loucos. Dos sem-vergonha. Dos estranhos. Que leva as inseguranças, as dúvidas, os transtornos. Loucos sem medo. De mostrar suas fraquezas. De dizer verdades. Não pode! Fere a conduta. Então, leve-os. Transforme-os em passageiros. Sem

destino. Nem planos. Que há nesse barco? Insanidade. Prenda-a. É um mal à saúde pública. Que fazem com eles? Ficam ali, jogados nos porões. Junto aos ratos. Às ondas que entram. Enclausurados. Como devem ficar todos os insanos. Para que não contaminem nossa sociedade. Presos como criminosos. Qual seu crime? A loucura. Qual o tratamento? O abandono. Total isolamento.

Passageiros das águas. Leve embora sua loucura. Navegue para outro mundo. Tire o louco de sua casa. Leve a louca mente para lugar nenhum. Enclausurado, no barco. Entregue ao mar de infinitos destinos. De mil devaneios. Solitário. Sem fuga. Preso aos seus pensamentos. Ao esquecimento. Internado no exterior. Aos mil caminhos, sem saídas. Ao ar livre, aprisionado. De tudo, da completa amnésia. O abandono de onde surgem as angústias. Suas tentações. As imagens e a miséria, dizia Foucault. Aprisionado ao exterior. Um cárcere a céu aberto.

Um cárcere a céu aberto. Assim sentia-me. Tanto lugar para escolher. Mas sem possibilidade de fugir. Aprisionada àquela realidade. À paisagem que antes me fascinava. Às horas que teimam em caminhar, lentas. Aos pensamentos, muitos. Que cessam. Aprisionada ao existencialismo. Mas sem dominar o destino. Sabia a hora do embarque. Mas desconheço o dia da chegada. No mar das incertezas.

Olha aqueles pescadores! Enclausurados em um espaço. Presos à profissão. Às saudades. À espera da terra próxima. Ao salário, sabe-se lá quanto será. Encarcerados nos pensamentos. Na distância. No cheiro de mar.

Quarto dia de navegação. E questionava-me sobre tudo. Nossa existência. Minhas escolhas. Nossas imperfeições. Minha fragilidade frente àquele horizonte. Sentir-se inferiorizada. O ser mais um. Apenas mais um. Ou ninguém. Estava confusa, apreensiva. Ficando louca? Sei não. Se a loucura é própria do homem, estaria eu passando para outro estágio. Da mesma loucura que me definia.

Brincadeiras em terra. Cuidado com a “loucura do mar”. É linda. Está bem. Mas, em terra, vivemo-la. Loucura da rotina. Da cidade e seus barulhos. Das horas aceleradas. Sem respirar. Apenas, agir. Onde estaria a loucura maior? Em terra, onde pensamos que existimos? Ou em mar, onde pensamos sobre nossa existência? Devaneios, sim. Quem não os tem? Apenas, escondem-nos. Aprisionam-nos. Exteriorizar as incertezas. As crises? Fraqueza. Lá em terra, não pode. Onde estaria o aprisionamento maior? Penso agora. Ali, sentíamos mais um. Mas, havia espaço para pensar. Tempo para refletir. Liberdade para ficarmos presos a nós mesmos. Ali, sentia-me. Pensava-me. Duvidava-me. Sonhava-me.

Este ambiente enlouquece? Moça, sei não. Para uns, pode ser. Para outros, é liberdade. Olha isso! Imenso, tanto para explorar. Tantos lugares azuis assim para conhecer. E a loucura do mar? Ah, história. Mas já ouvi falar. Cozinheiro que não agüentou dois dias aqui. Pulou para o oceano. Ao nada. Apenas jogou-se, desesperado. À procura da morte. Talvez sua única liberdade, quem sabe. Outro já louco estava, diziam. Lá da terra. Problemas com a família. Serviço, sei não. A cidade enlouquece, loucura que não finda. Família, amigos. Pessoas. Enlouquece. Veio para o mar. Jogou-se.

Suicídio. Mas, não coloque culpa no mar. Ele não tem culpa de nossas dúvidas.

Estar em pleno oceano. Perdida. Sem referência de terra. Liberta de minha rotina. Deixava-me estranha. Introspectiva. Presa em mim mesma. Nasceria aí uma loucura? Em tão poucos dias. Imagine aqueles que aqui ficam um mês. Já se acostumaram. Foram obrigados. Para eles, o barco não parece sufocante. É ambiente de trabalho. De convivência. Único. O mar? Um companheiro de viagem. Silencioso. Está ao meu lado. E eu, entregue a ele. Comanda meu destino.

Sinto-me presa.





22. TOUREIRO

“Porque a gente sai de casa e não sabe quando vem. Tem bastante amigo pra conversar, saímos em vinte e poucos, mas de repente, a gente fica muito junto e fica o mesmo assunto.”

(Célio José de Melo)

Célio olhava aquele rebanho todo, espalhado pelos extensos campos do bairro Dom Bosco, lá pelos anos 70. Estava em cima de uma das árvores que margeavam o riacho, onde tantas vezes se banhara para tirar a sujeira do corpo, depois de um dia inteiro de brincadeiras. Dali dava para ver gado que não acaba mais, os galpões dos matadouros que começavam a ser desativados e as cercas de arame que tanto machucavam suas pernas e braços quando queria pular para o terreno particular. Ah, tinha madeira também, muita! Mas enquanto outras crianças brincavam de pique-esconde entre aquelas centenas de tábuas empilhadas, Célio gostava mesmo era de instigar os bois. Entre galhos e folhas, conseguia observar qual daqueles animais parecia o mais agressivo. Encarava-o como se fosse seu inimigo, respirava mais fundo, olhava para Cláudio — que se equilibrava em outro galho — e mandava o sinal de ataque.

— É agora! — sussurrava Célio, ao pular por cima das pastagens.

E lá iam eles, pisando leve e fazendo sinal de silêncio, a aproximar-se do boi que mais lhe haviam encantado.

Aos poucos, os garotos começavam a chamar sua atenção, davam gritos e soltavam gargalhadas, até o animal abandonar a mastigação do pasto para perseguir os meninos. Aí a festa começava: os moleques tinham de usar o máximo que suas pernas, com pouco mais de 10 anos, permitissem-lhes correr. A perseguição terminava quando ambos subiam em uma árvore mais próxima, para se proteger do animal. Esperavam o cansaço passar, a respiração retornar à tranqüilidade inicial, até elegerem o novo caminho para a próxima corrida — cada vez que escolhiam um boi, já traçavam o roteiro de fuga. Em meio aos rebanhos, aquelas tardes de infância davam lugar a novos dias.

O boi encara o toureador, vestido com uma calça *jeans* justa, camisa desabotoada e botas de couro desgastadas e sujas de terra. A comunidade de Navegantes se apertava nas arquibancadas, em meio aos turistas, aos pescadores que paravam de trabalhar no final da quaresma e aos estivadores responsáveis pela organização da brincadeira. Já era fim de tarde e o boi revela cansaço. Mas ainda reserva forças para atacar o último farrista. O pano preto e vermelho, os holofotes ligados em todos os cantos da arena, o som alto dos aplausos e dos gritos que vinham daquela gente embaralham-lhe os sentidos.

Caminha vagorosamente em direção a Pequeno, que não permite mover seu corpo com 1,60 metros de altura, braços e pernas finos, olhar negro desafiador a se exhibir em meio ao rosto miúdo, revelando um sorriso ousado. A aparente fragilidade não demonstra medo perante o animal com mais de 200

quilos. Abaixa a cabeça e prepara-se para pular em cima do homem. Neste exato momento, Célio desvia seu corpo da investida daquele boi e consegue agarrá-lo pelos chifres. Enquanto isso, outros farristas se aproximam para ajudar o toureador a pegar o animal.

Era final da quaresma do ano de 1986 e a Farra do Boi reunia uma multidão cada vez maior. Mais de cinquenta barraquinhas vendiam lanches e bebidas e apertavam-se ao redor da arena, próxima ao aeroporto da cidade de Navegantes. As churrasgadas eram organizadas em galpões, onde também aconteciam bailes durante noites e madrugadas. E as fazendas lucravam com os aluguéis dos animais. Todos os anos, nessa mesma época, a Farra se espalhava também pelas cidades de Zimbros, Porto Belo, Bombinhas, Ganchos, Penha — locais onde a festa era organizada principalmente pelos pescadores. No entanto, aquele ano seria um dos últimos para a Farra do Boi, em Navegantes. Ambientalistas julgavam a tradição, com mais de 200 anos, um crime e os estivadores foram impedidos de organizar brincadeiras, segundo as novas leis de proteção aos animais.

Célio não poderia mais participar das farras naquela cidade. Mas, cada vez que desembarcava, aproveitava para acompanhar a brincadeira em outros municípios do litoral catarinense, onde a lei preferia fechar os olhos. Raramente perdia a oportunidade de ser toureador e farrista: nem que precisasse desistir de uma viagem em alto-mar. Sua paixão sempre foi as touradas, desde pequeno, quando desafiava qualquer boi que via no pasto. Mas, ser pescador? Não, a pesca estava distante de sua realidade.

Até hoje, nem ele sabe por que foi parar nas embarcações. Já havia trabalhado como taxista, cobrador, entregador de encomenda, mas passava longe do mar. Só de pensar nas ondas lhe puxando o corpo, os braços pesados fazendo um esforço maior que o necessário para sair daquelas águas e a possibilidade de ter sua vida perdida ali o deixavam em pânico. Quando ia à praia, permitia que a água atingisse a altura de sua cintura, nada mais. Nunca conseguira nadar, mas também não imaginava que um dia precisaria saber.

A pesca lá nos anos de 1985 até que estava boa. Mas se soubesse que o trabalho como embarcado lhe garantiria salários tão imprevisíveis, nem teria escolhido essa profissão há dois anos. O tempo ruim atrapalhava ainda mais a pescaria e, naquele dia, todos os barcos decidiram ancorar até que o sudoeste mudasse de direção e perdesse força. Os porões do convés eram invadidos por um eco solitário, interrompido pelo uivo do vento e das fortes ondas que colidiam contra a embarcação. Há quase duas semanas, não viam um cardume de atum.

No mastro do Yamaia III, Toureiro — apelido que ganhara pelos companheiros de trabalho — acompanhava com atenção qualquer mancha mais escura no mar. Sua visão de olhos pequenos já estava cansada de usar aqueles binóculos o dia inteiro: toda vez que os retirava, parecia enxergar grãos de areia por alguns momentos. A claridade, refletida na água, deixava-o ainda mais cansado. Estava difícil ver algum cardume naquelas ondas. Mais complicado era se equilibrar no mastro: mesmo sentado, o vento queria derrubá-lo dali, a qualquer custo. Mas um tom acinzentado no mar

aproxima-se rapidamente do barco. Poderia ser o movimento das ondas misturado aos efeitos de luz e sombra das águas, pregando-lhe uma peça. Só que sua visão provava o contrário: era um grande cardume que se dirigia para a proa da embarcação.

— Ó o peixe aí! — grita Célio, enquanto desce rapidamente as escadas, já levando a capa e as botas.

No convés, os homens se levantam num susto e, em poucos instantes, todos estão vestidos para puxar a âncora e jogar a rede.

— É peixe pra uma multidão! — empolga-se o jovem pescador, com os olhos hipnotizados pelo cardume. O garoto até já pensara em desistir da pesca industrial nesta primeira viagem, por causa da escassez de pescado, que parecia desaparecer ainda mais em todo aquele oceano.

Naqueles tempos, o peixe capturado ficava no convés até ser levado para o gelador — hoje, o atum cai direto para a câmara frigorífica, através de uma pequena rampa. As escamas refletiam o brilho do sol, tornando a pescaria ainda mais milagrosa. Aquelas toneladas misturavam-se aos homens, que pareciam nunca ter visto tanta fartura antes.

Mas, quando o mestre decide virar o barco de proa às ondas, a fim de capturar o cardume que se dirigia à frente da embarcação, duas fortes marolas entram no convés. Aqueles que estavam na borda do barco, com suas mãos calejadas por causa da fibra da vara de pesca, seguram-se na embarcação. Os outros se desequilibram e são atirados ao chão pela força das águas. Enquanto o mestre engata marcha lenta no barco, tentando evitar um naufrágio e a morte de mais de 20 homens, todas as 12 toneladas de peixe voltam ao habitat natural.

Célio agarra-se no corrimão da escada, tentando desesperadamente subir. Naquela época, não havia botes salva-vidas: apenas coletes que deveriam garantir a segurança de cada um dos trabalhadores. Mas, naquele momento de desespero, não consegue mover-se dali. Nunca deixara que a linha do mar ultrapassasse a cintura e, agora, apenas a cabeça se mantinha fora da água. Seus músculos enrijecem, o pânico toma conta do corpo: não conseguia mover-se, apenas sentia aquele mar entrar em suas narinas.

Maldita hora em que não aprendera a nadar! Iria morrer antes pelo medo, do que afogado. Nem nas arenas, quando o boi o encarava com aquele olhar raivoso, sentira tanto temor, quanto naquele momento. Para enganar o animal, bastava apenas um pano preto e vermelho a balançar nervosamente; mas para driblar a água salgada, os ventos e as ondas, de que precisaria? Nesse caso, muita sorte.

A sorte sempre o acompanha desde as pastagens do Dom Bosco até as farras em Navegantes ou Porto Belo. Quando criança, sofrera apenas alguns arranhões das cercas e chifradas dos bois; como toureiro, havia quebrado uma perna, um braço, algumas lesões na coxa. Mas nada que a sorte não curasse. Não seria ali que ela o abandonaria.

Aos poucos, o barco começa a se estabilizar com a água escorrendo por entre os vãos. O convés novamente fica vazio, apenas com alguns bancos e botas espalhados no chão molhado. Os braços de Célio perdem a rigidez, os pés voltam a sentir os degraus da escada. Tudo havia acabado; e ele, em pânico, ainda não sabia por que estava ali.

— Não vai, pai, não vai! — as unhas curtas da menina tentam fazer-lhe pressão no braço. Morgana estava com 5 anos e, ao ver o ônibus se aproximar, começa a implorar para que o pai não a deixasse novamente.

A cena se repetia todas as vezes que saía para o mar. A menina o acompanhava até a hora do embarque. Com a mala em uma das mãos e Morgana a segurar-lhe firmemente a outra, caminhavam até o ponto de ônibus. A garota não saía dali sem ganhar o último abraço do pai, que sempre lhe prometia retornar em poucos dias. Ela sabia que era mentira e levaria semanas para voltar, mas se conformava com a promessa.

Célio sobe as escadas do ônibus lentamente, desviando a pequena mala de seus pés. Já vira inúmeras vezes esta cena, só que as lágrimas teimavam em cair. Quando a porta se fecha, vê o rosto de Morgana encharcado pelos longos minutos de choro a dar-lhe novamente aquele melancólico até breve.

A menina se acostumou definitivamente com as longas viagens do pai, quando começou a estudar, um ano depois: tinha professores, amigos, cadernos e lápis de cor para passar os dias. Mas Célio ainda não entendia por que tinha feita tal escolha. Maldita hora em que aceitara a proposta de embarcar. O salário era bom, melhor do que recebia antes, mas não lhe garantia nenhuma estabilidade. Em junho, os atuneiros paravam e lá ia ele tentar vaga em outro barco ou algum emprego em terra. Ou, até mesmo, sobreviver com os dois salários do seguro-desemprego enquanto esperava a pesca recomeçar.

Não aproveitou fins de semana, não soube o que era passear com a família, muito menos, passar datas comemorativas junto com os parentes. Apenas acompanhava a maioria das farras-do-boi que aconteciam em Zimbros

e Porto Belo, lá pelos meses de março e abril. Ah, essa paixão, ele nunca abandonaria! Guardava cuidadosamente a foto das touradas e, para quem lhe perguntasse, contava o detalhe de cada imagem como se ainda estivesse lá. “Aqui eu estava domando o boi mais bravo da festa”, “esse aqui era o pessoal acampado antes das touradas”, “aqui sou eu com minha esposa em uma festa lá em Bombinhas”. Inúmeras fotografias perdidas em meio às poucas que havia guardado da pesca.

Começa a preencher as lacunas daquela folha que lhe solicitavam seus dados pessoais. O desenhar da caneta ganha firmeza com a possibilidade de ver-se longe do oceano. Estava embarcado há 25 anos e não se considerava um apaixonado pelo mar, como muitos colegas que haviam conhecido a pescaria, ainda pequenos. Ele, desde a infância, conheceu mesmo os bois das pastagens do Dom Bosco e dos circos de touradas. Apreciava o pó que se desprendia das arenas, a firmeza do chão e a segurança de seus passos ao enfrentar o touro.

Com a ficha de inscrição em mãos, Célio começa a sonhar com aquela oportunidade de voltar a viver em terra. A Capitania dos Portos havia aberto um curso para trabalhar como rebocador nas plataformas. O salário era bom e a experiência em embarcações garantia maior possibilidade de ser escolhido. Mas, estaria novamente à mercê do seguro-desemprego até completar todas as fases para classificação. Pouco importava. Estava em terra.

Quanto perdi, meu Deus, estando lá longe, à espera do peixe que não vem, à espera de rever minha filha. E agora, esta espera por outra opção, esta espera para viver em terra. Ah, esta espera valeria a pena.

23. CEDO DEMAIS

“Eu sou aquele navio
no mar sem rumo e sem dono.
Tenho a miragem do porto
pra reconfortar meu sono,
e flutuar sobre as águas
da maré do abandono.”
(Miragem do Porto - Lenine)

Vamos voltar. Como? Absorta em pensamentos. Mal entendo a afirmação. Vamos voltar, moça. Problemas no barco. É grave? É não. A gente dá um jeito. Paulinho, sempre sereno. Esconde a preocupação. Que aconteceu? Um dos geradores do barco. Está queimado. Sem motivo. Má instalação, algum defeito. Já é a segunda vez que acontece. Viagem passada foi assim. Que fazer? Ancorar em Imbituba. Ah, nossa terrinha! Vamos puxar rede. Levantar âncora. E voltar a terra. Mal deu tempo para as saudades. Pra quem se acostumou aos 25 dias longe de casa. Isso aqui foi passeio! Nem trabalho. E a pescaria? Foi fraca, dessa vez. Próxima viagem, teremos que pescar. Para conseguir cobrir o custo desta. O prejuízo. O gasto de óleo. Não há o que fazer. Estamos só com o gerador reserva.

Havia problemas no barco. Mas a notícia me acalma. Livra-me da idéia de imensidão. De aprisionamento. Voltar a terra, saudades. Saudades daquela correria. Do barulho. De ouvir música. De ver gente. Sentir o equilíbrio. Pisar no chão estável. Como estavam os amigos, a família? Voltar para contar as histórias. Responder às perguntas dos mais ansiosos. Aceleraram-se as horas.

Olho para o mar. Ao continente que não se enxerga. Às cordas espalhadas no toldo. Desço as escadas. Caminho por entre os homens. Trabalhadores do convés. Puxando rede. Deslizando na água que ali cai. Nas águas-vivas que lhes queimam a pele. Observo aquele trabalho. Último dia. Sinto a despedida. Estranho. Acostumara-me a ficar ali. Com a idéia de que a volta atrasaria. Nem chegaria. Agora, tão breve, retornaríamos.

Observo cada um deles. As brincadeiras do Zé, suas risadas. A preocupação do Boca com as coisas da natureza. A seriedade de Paulinho, ansiedade com a pesca. O mal-estar de Bruno e esforço para manter-se em pé. A experiência de Tetu, com seus vinte e poucos anos. O Valdir e a vontade de trabalhar em terra. O Marrom, a atrapalhar-se com as tampas de panela que vez ou outra caíam. O silêncio de Eca, que não ousou lançar palavra sequer. A experiência de Gê, seu amor ao mar. Os pensamentos perdidos de Zé Maria.

Olho para tudo, sentindo a despedida. O cheiro de comida, permanente. O barulho do motor, o óleo que se desprende. As camas conjugadas, a TV que começava a mostrar sinal. Subo as escadas. Observo o leme. O Norte da bússola. A proa a movimentar-se conforme as ondas. Mar calmo. Como no primeiro dia. O beliche onde passei muitas horas. Aquele relógio a revoltar-me. Voltaremos, enfim.

O fim de tarde parece chegar mais rápido. Todos já puxaram as redes. Já tomaram seus banhos. Sentados, para aquela última janta, em mar. Zé Maria sobe ao toldo. O rádio mostra seus primeiros sinais. Vestígios da terra. Eles descansam. Bruno sente o alívio. Vontade de sair dali, ver sua mãe. Os outros, experientes que só. Fizeste apenas um passeio de barco. Uma voltinha por aí. Olha só, já

está de volta. Gostou? Tudo. Até do não-gradável. Aprender a conviver. Com aquelas pessoas. Sua família. Você não as escolhe. Mantenha a calma. A paciência longe de casa. Ali, somos apenas nós.

Observo o mar ganhar seu negrume. Última noite. Negridão que se acentua. Fora do barco. Dentro dele. Economize a luz. Esta noite, não poderá vê-la. Outro gerador queimou, diz Zé. Calmo. Como voltar? Se preocupa, não. O negócio aqui é motor e óleo. Mas e a energia? O barco às escuras. É um perigo, isso sim! Navios que nem nos vêem. Gigantes que te falei, lembra? Paulinho estará em alerta. Nós, também. Lanternas acesas, ao redor do barco. Dou risadas. Qual a piada? Mulher no barco dá azar, ouvi falar. Que isso, moça! Acredito nessas histórias, não. Mas, faz sentido. Pescaria não foi lá aquelas coisas. Dois geradores queimaram. Faz sentido. Gargalhadas.

Volto ao beliche. A mala já arrumada. Para a partida daquele ambiente. Deitada, vejo os homens a passarem lá fora. Da janela, pouco os reconheço. Apenas as vozes. As luzes frágeis das lanternas. A sinalizar que o barco estava ali. Que ali havia algo. Havia vidas. Sinto um sono irreconhecível. O mar balança calmamente. Parece querer tranquilizar-me. Não se preocupa!, diz ele. Amanhã, verá a terra. Fecho os olhos, mas prendo-me àqueles sons. Cochichos. Estão em vigia. Para que nada aconteça. Não me preocupo. Confiança naqueles trabalhadores. Segurança de que estarei em terra. Em breve. Fecho os olhos, a pensar no que se passou. No descontrole completo do destino. Nas conversas a bordo. E naquelas conversas que eles me esconderam. Por ser mulher, moça! Sem preconceito. Ali, era parte daquela família. Senti-me nela.

Chega o sono. O barco às escuras. Sumimos.



24. BOM

“A gente se criou nesse ramo. Eu já
estou com 58 anos,
então a gente tem que terminar o
restinho da vida,
porque eu não sei fazer outra coisa.
Domingo, o mercado é fechado e a
gente sempre vem aqui sentir o cheirinho
do peixe, de tão gostoso que é.”
(Auri Novaes)

Auri tenta proteger-se do frio em um intenso abraço ao próprio corpo e escondendo o queixo sob a gola da blusa de lã. Mal olha a rua a qual percorre todos os dias: já havia memorizado a maioria dos buracos daquela estrada de chão, que o tirava do bairro Fazendinha, onde morava, e trazia-o até a Banca de Peixe, lá no centro de Itajaí. O longo caminho levava quase uma hora para ser percorrido. Mas naquele vento fino de inverno, que lhe cortava os lábios e a pele, preferia mesmo trocar a bicicleta já enferrujada pelos sapatos de couro que mal conseguiam aquecer seus pés, de tão gastas as solas.

Cada passo libera um som solitário no bairro iluminado por precários postes de luz: guiava-se pela lua cheia, que se exibia majestosa no céu pouco nublado. Mas seu brilho sedutor revelava ainda mais a cerração daquela manhã, tomando o caminho propício aos fantasmas que seus avós tanto falavam, escondidos em meio às araucárias. Prefere baixar os olhos e deixar-se levar

pelo caminho já decorado por suas pernas. Espia, de relance, o portal do cemitério do Fazenda, com aquela velha inscrição em latim, alertando-o sobre a linha tênue que separa a vida da morte: “Lembra-te homem que és pó, e ao pó voltarás”.

Rapidamente desvia sua atenção daquele mórbido cenário que, nos anos de 1960, ainda não revelava a presença das residências e prédios. O bairro Fazenda mostrava-se como um lugar bucólico dominado por pastagens de gado, áreas de extração de madeira, o longo trilho da Estrada de Ferro Santa Catarina, rodeado por árvores, mato, e mais árvores. O cemitério afastava qualquer tipo de vida humana, preferindo construir uma organização particular em cima daqueles poucos morros que compunham o relevo plano de Itajaí. Os túmulos, dispostos lado a lado e espalhados ao redor da grande cruz, assemelhavam-se às quadras de uma cidade que circundam a praça central.

Auri nunca soube explicar por que o vento sempre teimava em soar com uma intensidade maior naquele local: agarrava-se aos próprios braços ainda mais agora, como forma de espantar também o medo e a insegurança. Mas, por um instante, sua concentração é interrompida por um baque inesperado — só podia ser um daqueles fantasmas de que sua avó alertara. Mal olha para trás: as pernas ganham uma rapidez sobre-humana, a correr daquele vulto incansável que o perseguia. O menino tropeça em um dos buracos da precária estrada e enxerga o fantasma aproximando-se de seu corpo estirado ao chão. Apóia-se no antebraço para levar seus joelhos, machucados do tombo, próximos ao quadril. Levanta-

se rapidamente, gemendo de dor e, mesmo com as pernas exaustas, não desiste de fugir até o seu destino.

Os postes que iluminavam o centro da cidade tornam aquele vulto ainda maior, forçando o garoto a esquecer seu cansaço e continuar correndo até a antiga Banca de Peixe. Ao reconhecer o movimentado local, formado por um único telhado que cobria aquele pequeno galpão quadrado, com uma pintura bege, localizado em cima de um trapiche aparentemente frágil, percebe que conseguiu espantar a tal alma penada: fruto de sua imaginação somada à projeção da própria sombra na rua, além do ruído da folha de coqueiro que caíra em frente ao cemitério.

Naquele dia, ele chegaria muito antes das três horas da manhã, nos barulhentos bares do mercado invadidos pelo cheiro de peixe frito e cachaça.

— Ô, Bom, fugiu de alguém? Vem sentar aqui pra tomar aquela cervejinha com tainha frita! — grita Ratinho, o dono de um dos restaurantes que ficavam abertos, nas madrugadas adentro.

Enquanto ouve o convidativo chamado do cozinheiro, ainda permanece apoiado com a palma das mãos sobre os joelhos, tentando recuperar o fôlego perdido durante a corrida. Como era aconchegante sentir aquele cheiro de peixe, ver o empurra-empurra dos comerciantes à procura do melhor lugar na venda, além das risadas que saíam dos cinco restaurantes na oferta do pescado mais fresco e da cerveja mais gelada. Bom, um dos apelidos criados pelos colegas por um motivo que desconhece ou nega saber, senta-se com os donos de outros codinomes, como o Salmoura, o Trem e por aí vai.

— Bom, segura essa! — berra Salmoura, um dos vendedores mais bagunceiros da Banca, a atirar um saco cheio de água em direção a Auri.

Todos que estavam sentados na lanchonete silenciam, ansiosos pela reação daquele garoto com pouco mais de 15 anos. Ele se dirige à cozinha do mercado e, de lá, volta com outra sacola cheia de água para lançar em direção ao colega: apenas se ouvia o estouro do saco plástico contra o peito de Salmoura, seguido da característica gargalhada do Auri, cujas risadas pareciam nunca perder a força de tão longas e fortes. Aí começava aquela festa, que se repetia durante várias madrugadas: todos se molhavam, escondiam-se dentro dos bares, corriam de um lado a outro. Tornavam-se crianças.

Lá pelos anos 60, o Mercado de Peixe, localizado na beira do rio Itajaí-Açu, atrás do Mercado Público, era certamente um dos locais mais movimentados do centro da cidade. Enquanto o pequeno município de 60 mil habitantes adormecia, os comerciantes estavam a postos para garantir seu espaço pelo “avanço”: quem chegasse antes, conseguia o melhor pescado, sem precisar passar por qualquer fiscalização.

Às três da manhã, quando as primeiras baleeiras ancoravam nos trapiches em frente ao mercado, começava a correria dos vendedores em direção ao cais, que se posicionavam desordenadamente em frente às lanchas dos pescadores artesanais: era peixe pra lá, “o mais fresco é meu!”, “pega esse aqui!” e, ao final daquela disputa pelo melhor pescado, apenas se via os braços carregados de robalo, bagre, pescada, mero e o que mais aparecesse naquele rio.

— Vai ficar sem peixe, rapaz! — dizia um, a puxar uma das cordas que prendiam as lanchas, fazendo o colega tropeçar e cair no Itajaí-Açu.

Quantas e quantas vezes, Bom tomou aquele banho inesperado, fazendo-o derrubar todos os peixes que havia escolhido com tanta cautela. Se dava briga? Que nada, era apenas mais uma desculpa para bagunças posteriores.

— Amanhã você vai ver, moleque! — respondia-lhe, encharcado, misturando a falsa braveza com um sorriso pueril.

E amanhã era outro que caía no rio em meio às gargalhadas dos pescadores e da rapaziada do mercado. Rapaziada mesmo, porque mulher não podia passar por ali, não! E se passasse... Lá vinham os assobios e as cantadas para as mais corajosas ou atrevidas, além das investidas na livre concorrência.

— Olha o peixe fresquinho para a senhorita! — gritava um, a exhibir o robalo ainda balançando a cauda.

— Não, o meu é que é melhor! — berra Trem, lá do outro lado da venda.

— O do Bom é o mais fresco! — sorri Auri, lançando seus olhos azuis acrescidos de uma tenra ousadia à freguesa. O cabelo sempre dividido ao meio, com um topete cuidadosamente delineado e fios negros, um tanto arrepiados, completam aquele rosto que lhe chama a atenção — bem diferente do cabelo grisalho jogado para trás e os olhos cobertos pelas lentes grossas dos óculos que o acompanhariam anos depois.

E assim iniciava a disputa de quem vendia o peixe mais saboroso pelo melhor preço. Não havia câmaras frigoríficas, para congelar o pescado: o jeito mesmo era depositá-lo em coxos de cimento, que serviam como

balcão da venda. Nenhum vendedor era proprietário de banca e, muitas vezes, Bom precisava dividir aquele recipiente improvisado com mais dois comerciantes.

— Esses peixes aqui são meus, aquela parte é tua! — dizia Auri, empilhando cuidadosamente cada pescado para poupar espaço no restrito local.

— Tá certo, Bom, pode confiá que ninguém aqui vai pegar o teu espaço! — respondia Trem, já exibindo a tainha fresca para um dos muitos fregueses que movimentavam o mercado.

Às oito horas da manhã, todos aqueles gritos e barulhos começavam a perder força, já que peixe não havia mais. Lá fora, as carroças que vinham de cidades vizinhas deixavam o mercado carregado de tainha. Havia também o pessoal que chegava lá no bairro Itaipava, a quase dez quilômetros do centro da cidade, com bagres e cações amarrados à pequena cestinha presa ao guidão da zica. Na época, o peixe era barato que só: quem não tinha dinheiro para comprar carne, garantia camarão, sardinha e robalo para o almoço e o jantar. Gente rica passava longe do mercado: imagina se iriam conviver com aqueles vendedores barulhentos e as precárias condições de higiene das vendas para comprar um pescado?

Quem diria que estas mesmas pessoas engoliriam suas palavras anos depois, quando o peixe se tornaria um alimento de elite.

Foi lá nos anos de 1970, que seu Auri começou a observar os novos clientes, privilegiados por uma melhor classe social, freqüentando o Mercado de Peixe. Naquele ano, os coxos de cimento foram substituídos

por bancas particulares, com um balcão frigorífico e espaço para limpar o pescado. Os 26 comerciantes teriam uma loja própria para vender seu produto: mais organizada, higiênica e com uma maior fiscalização. O novo mercado funcionaria atrás, em frente à antiga banca.

Bom foi bem esperto: quem entrasse no mercado já encontraria a loja nº 18, com peixe fresco e o sugestivo nome de “Bom Pescado”. Muitas vezes, ele deixou a sua venda, para dar uma olhada na demolição da Banca de Peixe, ao lado, com mais outros vendedores que guardariam nas lembranças as histórias do “avanço” para garantir espaço na venda, as brincadeiras com o Salmoura e o Trem, e as tainhas da lanchonete do Ratinho. Auri não sentiu uma grande tristeza ao ver a banca, com mais de 50 anos de história, reservada ao pó: havia garantido um local privilegiado para continuar vendendo seu peixe, coisa que mais gostava de fazer na vida.

Em 1982, o mercado passaria por uma nova reforma e ganharia floricultura, loja de artesanato, fruteira, armazéns e as tradicionais bancas de peixe. Apenas o restaurante do Charles — que receberia pessoas famosas como o rei Pelé e a sua camisa autografada exibida em uma das paredes — continuaria reservando ao mercado aquele cheiro de comida caseira e peixe frito. O som de ônibus e motores? Esses deixariam de existir, para dar lugar à Central de Abastecimento Paulo Bauer.

Hoje, Auri nem negocia o produto com os próprios pescadores: as pequenas baleeiras que lotavam o cais foram substituídas pelas mais de seiscentas embarcações que movimentam o Itajaí-Açu. O pescado já vem

em grandes caminhões frigoríficos que chegam ao mercado às seis horas da manhã. E, mesmo que precisassem disputar o melhor peixe, aquele empurra-empurra de antes não seria movimentado pelos inúmeros vendedores do passado. Apenas os comerciantes e uns poucos “peixeiros”, que saem pelos bairros da cidade a vender pescado com suas bicicletas, conseguem alguns quilos de peixe. Às vezes, a escassez é tanta, que não resta coisa alguma para a venda. Aí, o jeito é elevar o preço, só para gente rica pagar.

Quem vem de fora se espanta com a organização e a limpeza do local. No entanto, se tivessem conhecido a felicidade do mercado de antigamente, com os restaurantes abertos de madrugada, as brincadeiras no trapiche e a alegre disputa por um espaço nos coxos, talvez pudessem sentir sinceras saudades daqueles tempos de pescaria farta e peixe barato.

Quase toda noite, após doze horas seguidas de trabalho, Bom ainda tarda, para despedir-se do cheiro do mercado: chega em casa, tempera a tainha, coloca na grelha e fica lá, a beber sua cerveja e comer o alimento preferido. Solitário: a mulher e os cinco filhos preferem a carne ao gosto do pescado. Peixe faz bem: olhem pra mim! Trabalho há quarenta e três anos com isso, como todos os dias o meu peixinho e nunca tive um problema de saúde! Nem aquelas rugas de velho eu tenho!, avisa, enquanto seus filhos torcem o nariz para o que o pai comenta. Seu negócio é vender e apreciar o gosto daquela riqueza que vem do mar. Mas nem adianta chamá-lo para uma pescaria — nunca passou da boca da barra.

Com apenas o primário completo, Bom conseguiu sustento para a família e estudo aos cinco filhos com o

dinheiro da venda de peixes. Até se consagrou, entre os outros colegas do mercado, como um dos vendedores mais conhecidos e ninguém tira seu título de comerciante mais antigo do local. Sua empatia com o comércio e clientes lhe garantiu a cumplicidade de fregueses lá dos tempos dos coxos. Cliente sempre tem razão, mesmo que, às vezes, não tenha!, aconselha, para quem quiser descobrir seu segredo.

Não há lugar melhor para encontrá-lo, senão no mercado. Até mesmo aos domingos, quando o lugar permanece com seus portões fechados — contaminado pela calmaria do rio Itajaí-Açu, sem os bagres, meros, tainhas, e influenciado pela atual tranqüilidade daquele pedaço de terreno no centro da cidade — Bom ainda passa por lá. Só para sentir aquele cheiro de peixe que o acompanha diariamente, há mais de quatro décadas.

25. SAUDADES

“Cambaleei como bêbado. Era surpreendente o efeito da cessação do balanço marinho. Tínhamos estado tanto tempo sobre a rede das ondas que a terra firme nos desorientava. A cada instante esperávamos que o solo se movesse ou afundasse, e as muralhas rochosas regirassem ou adernassem como um navio — e aprontávamo-nos para contrariar esses movimentos: eles não vinham e isso nos perturbava o equilíbrio”.

(O Lobo do Mar – Jack London)

Acordo com um braço de terra a mostrar-se na pequena janela. Estranho. Estava acostumada ao nada. Agora, com a companhia de algo além. Levanto. O barco parece brincar com as águas. Desliza. Caminho até o convés. Nem acredito. Terra, novamente. Estranho vê-la tão perto. Gaivotas exibem-se. O nascer do sol dá boas-vindas. A mostrar-se atrás do morro.

Olha lá. O nosso lar. Moro bem ali. Naquela rua. Cheia de casinhas, tá vendo? Aponta, Zé, à Vila de Aguada. Ô, vou ligar para casa! Avisar que estamos chegando. Nem deve ter ninguém. Foram tudo para o Carnaval. Mas falta uma semana, Zé. Que nada! Carnaval aqui começa antes. Tudo é festa. Essa mulherada, tem ninguém em casa, não. Vou chegar e ela ainda

vai me cobrar. Por que chegou antes? Que está fazendo aqui, homem? E ri, este Zé.

A minha também não está. Boca silenciosa. Viajou, a trabalho. Sozinho em casa, estranho. Moramos em frente a uma lagoa. Vista linda que só. Não podia ser diferente. Olha lá! Está vendo aquele barco? Perto da praia. Um carvoeiro. Encalhado, há mais de 30 anos aí. Muita gente pegava carvão nos destroços. Só sobraram pedaços do coitado. Ninguém conseguiu tirá-lo? Que nada. Turismo, minha amiga. Dinheiro. Está lá. A ferrugem na água.

Zé Maria no celular. Ansioso para ver o seu “cheiro”. A menina. O garoto. Malas prontas. Sorriso. Está sereno. Dois dias em terra, apenas. Para consertar os geradores. Sorte assim, de estar com a família tão cedo? Tem não. Aproveita, quando nem esperava vê-la tão cedo. Surpresa para a mulher. Tranquilidade ao menino. Abrandece quando o pai chega.

Olhe lá, o bote está chegando! Quer ir? Não. Tempo para despedir-me. Do *Monkfish*, ancorado em meio ao mar. Apenas aceno, tímida. Ao Eca, que faz um breve tchau. Tetu e Bruno o acompanham. Vejo alívio no rosto de Bruno. Dias depois, ouviria a notícia. Preferiu não mais embarcar.

Gê espera, na borda. O próximo bote. Que nada! Vai logo para o seu rancho. Pescar o que não deu na viagem. O mar é vício, já. Passatempo. Sem ele, que há para fazer? Olha esse azul aí. Tem coisa mais bonita, não! Peixe, ô, como é bom! Calmaria. Balanço. A terra? Parada demais. Boniteza é lá fora!

O próximo bote se aproxima. Sua vez, menina! Paulinho, sempre preocupado. O olhar sério. Mas tranquilo, sempre. Afasto-me do *Monkfish*. Um adeus para

Paulinho, Zé, Zé Maria, Gê, Xamixunga. Impossível não rir. Nunca entendi o motivo. Até me falarem, em terra: xamixunga é o nome popular de sanguessuga. Coisa do interior. É gente que “suga” a energia do outro. Sabe aquele invejoso? Que gruda em você. Pois é, xamixunga. Por que o Valdir? Motivo algum, sacanagem do Zé. Pois Valdir nunca demonstrou cobiça. Estava lá, sem querer aquela vida. Voltaria a ser pedreiro. No mar? Não dava, não. Melhor a terra firme, ver família. O salário baixo. Mas a pesca está fraca. Vou ficar por aqui.

Monkfish permanece parado. Incomoda deixá-lo. Sinto o chão imóvel, estranho. Gente diferente, ao redor do porto. Outras vozes. Cheiro de cidade. De volta à rotina. Que terei amanhã? Deveres a cumprir. Lá fora, tão mais fácil — para mim. Sem cobranças, nem preocupações. As pernas ainda fracas. Os pés desencontram-se. Confusos. Bem que falaram. Mas pouco acreditei. Aqui, em terra, desfrutava da estabilidade. Que perdi, há cinco dias. Acostumei-me com o balanço. Isso tudo é normal, demais.

Despeço-me daqueles homens. Que logo voltarão para o oceano. Para as dúvidas que ele dimensiona. O esquecimento. O abandono. A solidão. As saudades. Acostumaram-se. Como? Difícil entender. Uns gostam de lá. Outros, sem opções. Despeço-me do mar. Espaço para devaneios. Pensamentos. De uma experiência única. Despeço-me da rotina lenta, do relógio calmo, das tonturas. De conviver com estranhos. Do espaço limitado. Do exterior sem limites. Despeço-me do que senti, aprendi, vivi. Daquilo que, na fala, é intransmissível. Que, na escrita, perde-se. Daquilo que apenas a sensação permite significar. Despeço-me desse inexplicável.

Despeço-me, apenas.

FONTES

ENTREVISTADOS (Personagens)

Aldo José da Cunha
Auri Novaes
Célio José de Melo
Bernardete Felício
Laci Gomes da Silva
Luiz Carlos da Cruz
Manoel da Costa Santos
Maria Felício Silva
Olga da Silva Leutério
Ricardo Alexandre Cardoso
Salma Benta Santos de Maria
Virgínia Lane da Cruz Silva Cardoso
Zilda Francisca da Cruz

ENTREVISTADOS (Pesquisadores e Especialistas)

Aluísio Vieira - diretor Sindicato dos Trabalhadores nas
Empresas de Pesca de Santa Catarina
Amarildo Madeira – engenheiro – Porto de Itajaí
Héder Cassiano Moritz - diretor de logística do Porto de
Itajaí
José Roberto Severino – historiador – superintendente
Fundação Genésio Miranda Lins (2005-2008)
Paulo Ricardo Pezzuto – Coordenador do Grupo de
Estudos Pesqueiros da Univali

Roberto Wahrlich – oceanólogo – Grupo de Estudos
Pesqueiros da Univali

Sargento Guilherme Alves da Silva Filho – Capitania
dos Portos de Itajaí

Sargento Marconi Leite Santos – Capitania dos Portos
de Itajaí

Tenente José Marcos Kascharowski – Capitania dos
Portos de Itajaí

PESQUISAS EM INSTITUIÇÕES

Capitania dos Portos de Itajaí

Centro de Ciências Tecnológicas da Terra e do Mar da
Universidade do Vale do Itajaí

Centro de Documentação e Memória Histórica de
Itajaí

Comércio e Indústria de Pescados Kowalsky Ltda.

Estaleiro Macarini

Porto de Itajaí

Rádio Costeira de Navegantes

Secretaria da Pesca de Itajaí

Sindicato dos Trabalhadores nas Empresas de Pesca
de Santa Catarina

Sindicatos das Indústrias da Pesca de Itajaí e Região

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTOS

ALBERTI, V. História dentro da história. In: PINSKY,
C. B. (Org). *História oral*. São Paulo: Contexto, 2005.
p. 155 – 170.

ALVES, C. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

BERNARDES, A. *O canto do Araçá*. Itajaí, 2002, 72f. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo) - Centro de Ciências Humanas e da Comunicação. Universidade do Vale do Itajaí.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAMÕES, L. V. *Os lusíadas*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2001.

D'ÁVILA, E. *Nossa Senhora dos Navegantes: festa e história*. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 1996.

D'ÁVILA, E. *Pequena História de Itajaí*. Itajaí: Prefeitura Municipal de Itajaí, 1981.

D'EÇA, O. *Homens e algas*. 3. ed. Florianópolis: FCC: Fundação Banco do Brasil: Editora da UFSC, 1992.

DIEGUES, A. C. S. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do Mar*. São Paulo: Ática, 1983.

FOUCAULT, M. *História da loucura na Idade Clássica*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

HEMINGWAY, E. *O velho e o mar*. 43.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

HERMANN, C. **O inesperado Furacão Catarina**. [S.l.]: novembro de 2005. Disponível em: <http://www.natbrasil.org.br/Docs/o_inesperado_furacao_catarina.pdf>. Acesso em 14 de abril de 2007.

INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 3. **Registro Geral da Pesca**: Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca. Brasília, DF, 13 de maio de 2004. Disponível em: <<http://200.198.202.145/seap/reg.htm#1>>. Acesso em: 16 de janeiro de 2007.

LACERDA, E. P. **Bom para brincar, bom para comer: a polêmica da Farra do Boi no Brasil**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003.

LAGO, P. F. **Contribuição geográfica ao estudo da pesca em Santa Catarina**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1961.

LAGO, P. F. **Comunidades pesqueiras de Santa Catarina**. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola – Ministério da Agricultura, 1968.

LENINE. **A rede**. [S.l.:s.n]. Disponível em: <<http://www.lenine.letas.terra.com.br>>. Acesso em: 12 de maio de 2007.

LÉA, L. **Maria do Cais**. Rio de Janeiro. Disponível em <<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=25139444>>. Acesso em: 30 de abril de 2007.

LÉA, L. **Sobre Maria do Cais**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <kika.bc@terra.com.br> em: 10 de março de 2007.

LINHARES, J. **O que a memória guardou**. In: Lenzi, R. **Contínuo Ato**. Itajaí:[s.n], 1999.

- LIMA, E. P. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** Barueri: Manole, 2004.
- KOCH, I. V. **O texto e a construção dos sentidos.** 7 ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- LONDON, J. **O Lobo do mar.** São Paulo: Martin Claret, 2002.
- MALDONADO, S. C. **Pescadores do mar.** São Paulo: Ática, 1986.
- MÁRQUEZ, G.G. **Relato de um naufrago.** Porto: Asa, 1995.
- MARTINS, R. **Diagnóstico da pesca marítima do Brasil.** Brasília: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, 1996.
- MEDINA, C. A. **Entrevista: o diálogo possível.** São Paulo: Ática, 1986.
- MONTENEGRO, A.T. **História oral e memória: a cultura popular revisitada.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994.
- MORENO, J. L. **Psicodrama** In: FALCÃO, L.F. **Entre ontem e amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX.** Itajaí: Editora da Univali, 2000. p. 04.
- NARDES, R. C. N. **A Casa de Maria: o Castelo da Exclusão: cotidiano e resistência à beira do cais, em Itajaí, na década de 1960.** Itajaí, 2002, 49 f. Monografia (Licenciatura em História) - Centro de Educação Superior em Ciências Humanas e da Comunicação, Universidade do Vale do Itajaí.

NETO, J. E. R. *Perfil do setor pesqueiro na Foz do Itajaí-Açu*. Itajaí, 1989.

ORWELL, G. 1984. 16 ed. São Paulo: Nacional, 1983.

PERY, J. *Itajaí que eu vi*. Itajaí, 1982.

PORTAL MUNICIPAL DE PÓVOA DE VARZIM. *Chegar a Póvoa*. Póvoa de Varzim: 2006. Disponível em: < <http://www.cm-pvarzim.pt>>. Acesso em: 14 de abril de 2007.

PREFEITURA DE ITAJAÍ. *Relatório do Prefeito Marcos Konder Reis*. Itajaí, 1916.

SANDRI, F. *96 horas – biografia romanceada de Dalmo Ladwig*. Blumenau: Nova Letra, 2006.

SANTOS, B.A. *O real enquanto narração: um diálogo entre o jornalismo literário e a antropologia interpretativa*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em: <<http://repositorio.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/16984/1/R1342-1.pdf>>. Acesso em: 20 de setembro de 2006.

SCHILLING, V. *O movimento pela legalidade. História por Voltaire Schilling*. [S.l.]: 2007. Disponível em: < <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/brasil/2004/03/25/006.htm>>. Acesso em: 14/04/2007.

SECRETARIA ESPECIAL DE AQUICULTURA E PESCA. *Recadastramento Nacional Dos Pescadores Do Brasil*. Brasília, DF, dezembro de 2006. Disponível em: < http://www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencia/seap/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2007.

SILVA, J. B. R. *Estiva Papa-siri – mãos e pés do Porto de Itajaí*. Itajaí: [s.n.], 2004.

SECRETARIA DA PESCA DE ITAJAÍ. *Cadastro de pescadores*. Itajaí, setembro de 2007.

THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TRAVANCAS, I. *Jornalistas e antropólogos - semelhanças e distinções da prática profissional*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., 2002, Salvador. Anais... São Paulo: Intercom, 2002. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/19239/1/2002_cunicacoes_travancas.pdf >. Acesso em: 20 de setembro de 2006.

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ. *Boletim estatístico da pesca industrial de Santa Catarina: Ano 2005*. Itajaí, 2007.

VÁRZEA, V. *Santa Catarina: A Ilha*. Florianópolis: IOESC, 1984.

VENTURA, Z. *Minhas histórias dos outros*. São Paulo: Planeta, 2005.

VERÍSSIMO, E. *O Continente*. 29.ed. São Paulo: Globo, 1978.

Editora Maria do Cais

A Editora Maria do Cais é pública. Inclusiva. Social. Minoritária. Desde que foi criada, em outubro de 2005, tem sido um caminho para editar livros voltados à inclusão étnica, cultural e de novas narrativas históricas. E dar voz a políticas inclusivas causa enfrentamento. Foi assim, quando a Editora, unidade da Fundação Genésio Miranda Lins, publicou pela primeira vez no seu Jornal Itajahy, de set/out de 2006, a pesquisa do professor José Bento Rosa da Silva sobre africanos na origem de Itajaí e que alterou a historiografia catarinense. E isto causou desconforto a grupos que vêem a cidade como açoriana, onde os negros eram lembrados nos discursos oficiais ou nas exposições quase permanentes apenas na sua antiga condição de escravos.

Desde o seu início, a Editora, seja pelo seu nome ou por alguns livros já lançados, tem sido alvo de críticas ideológicas. Antes mesmo da primeira publicação, críticas na imprensa e nos lugares de sociabilidade tinham como base o preconceito, o racismo e a assepsia social, mesmo que a intolerância aparecesse de forma velada. As críticas se iniciaram pelo nome Maria do Cais. Estava colocado um embaite antigo. Primeiro, uma iniciativa de dar visibilidade ao que é do cotidiano, do povo e que pertence ao imaginário social. Depois, vieram os defensores da “moral” e dos “bons costumes”, que defendem uma história que trata exclusivamente das grandes personagens.

A Editora é um meio de se posicionar aos moldes de um Dom Quixote, que olha ao seu redor e vê monstros ao invés de moinhos de vento. Não é mera coincidência que essa obra que força a linguagem a expor sua função - a metáfora -, inaugura a literatura moderna, quase um século depois do início da história do Brasil.

Nesse passado distante, e aos olhos dos colonizadores europeus, os negros eram vistos apenas como selvagens que mantinham uma relação de feitiço com os objetos de rituais de magia. O termo feitiço como desqualificação do outro foi cunhado na língua portuguesa, no período de colonização do continente africano. Em outro período e no seio dos países civilizados, Karl Marx percebeu, no século 19, uma relação de feitiço/fetichismo com a mercadoria. Ao perceber que a relação humana passava a ser medida por mercadorias, a dinâmica da sociedade capitalista perverte o princípio de valorização da vida. Para Marx, a relação é sempre entre pessoas e nunca entre sujeito e mercadoria.

A partir da consciência de que há uma longa duração dessa desqualificação do outro e da dinâmica de afirmação da posição dos mais favorecidos, a Editora se configura como um local de representação de grupos minoritários. Mesmo que estas minorias sejam uma maioria silenciada.

Agora, a Editora publica este livro de Sheila Ana Calgaro, dando seqüência à política editorial de valorizar as múltiplas vozes para ampliar, mais ainda, as memórias da cidade. Assim, a Editora aumenta o leque de narrativas sobre o passado de pessoas que vivem em Itajaí e região.

José Isaías Venera - editor

Publicações da Editora Maria do Cais

(outubro de 2005 a dezembro de 2008)

A cidade onde se trabalha
(aprovado pela Lei de Incentivo à Cultura de Joinville)

Água é poesia
(parceria com a Semasa)

Anuário de Itajaí 2005-2006

Bento aos Vivos
(aprovado pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura)

Cultura e Identidade no Brasil
(co-edição com a Unesco)

Currículo e Avaliação
(co-edição com a Editora Univali)

Digressões sobre o Ensino de História:
Memória, História Oral e Razão Histórica
(parceria com o Grupo Memória da Unicamp)

Diretrizes para a avaliação da aprendizagem na
Educação Infantil: caminho da infância
(parceria com a Secretaria de Educação de Itajaí)

Esculpindo a arte do conhecimento
(parceria com a Associação dos Pais e Professores da Escola
Básica Avelino Werner)

Estética e Pesquisa
(co-edição com a Editora Univali)

Ética e Metodologia
(co-edição com a Editora Univali)

Histórias com Sabor
(aprovado pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura)

50 anos de História: Imigração Japonesa em
Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil (1958-2008)
(parceria com a Universidade Federal de Santa Maria)

Itajaí, meu amor: Antologia de poemas em homenagem ao Município de Itajaí (parceria com a Secretaria Municipal de Educação)

Irene de Souza Boemer: Dama do Rádio – Cronista da Cidade (aprovado pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura)

Haicai (parceria com a Secretaria Municipal de Educação)

Itajaí em Retalhos (parceria com a Secretaria Municipal de Educação)

Manual de Instruções das APPs da Rede Municipal de Ensino de Itajaí (parceria com a Secretaria Municipal de Educação)

Mídia e Conhecimento (co-edição com a Editora Univali)

Misturando Memórias: contos e crônica de Itajaí (aprovado pela Lei Municipal de Incentivo à cultura)

Poesias, crônicas, contos 2005-2007 (aprovado pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura)

Poesias, crônicas, contos 2008 (aprovado pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura)

Política de Inclusão: Leis Municipais de Itajaí para Inclusão Étnico/Racial na Educação (parcerias: Grupo de trabalho de Diversidade Étnica e Cultural; Coordenadoria de Promoção da Igualdade Racial; NEAB/ UDESC; Curso de História – Univali)

Reciclagem do lixo: Qual a importância do cenário atual? (parceria com a Fundação do Meio Ambiente de Itajaí – FAMAI)

Revista Revelação (parceria com a Secretaria de Educação de Itajaí)

Vidas separadas pelo Mar (aprovado pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura)

Referencial Pedagógico da Educação Infantil (parceria com a Secretaria Municipal de Educação)